



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA**

SOIANE GOMES PAULA

***ARROMBA CHÃO QUE ANIMA O SALÃO,
QUADRILHA DE SÃO JOÃO!
MEMÓRIAS, DANÇAS E TRANSFORMAÇÕES DAS
QUADRILHAS JUNINAS EM SALVADOR***

Salvador
2020

SOIANE GOMES PAULA

***ARROMBA CHÃO QUE ANIMA O SALÃO,
QUADRILHA DE SÃO JOÃO!***
**MEMÓRIAS, DANÇAS E TRANSFORMAÇÕES DAS
QUADRILHAS JUNINAS EM SALVADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Amélia Vitória de Souza Conrado

Coorientador: Prof. Dr. Laudemir Pereira dos Santos

Salvador
2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo autor.

PAULA, Soiane Gomes. *Arromba chão que anima o salão, quadrilha de São João!* Memórias, danças e transformações das quadrilhas juninas em Salvador / Soiane Gomes Paula – 2020.

185 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Amélia Vitória de Souza Conrado. Coorientador: Prof. Dr. Laudemir Pereira dos Santos. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, 2020.

1. Quadrilhas juninas. 2. Danças Populares. 3. Memórias. 4. Pesquisa-ação. I. Conrado, Amélia Vitória de Souza. II. Santos, Laudemir Pereira dos. III. Título.

SOIANE GOMES PAULA

***ARROMBA CHÃO QUE ANIMA O SALÃO,
QUADRILHA DE SÃO JOÃO!***
**MEMÓRIAS, DANÇAS E TRANSFORMAÇÕES DAS
QUADRILHAS JUNINAS EM SALVADOR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Dança, Escola de Dança, da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 14 de dezembro de 2020

Banca Examinadora

Amélia Vitória de Souza Conrado – Orientadora _____
Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal da Bahia (PPGE/UFBA)
Universidade Federal da Bahia

Laudemir Pereira dos Santos (Lau Santos) – Co-orientador _____
Doutor em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UESC)
Universidade Federal da Bahia

Lenira Peral Rengel _____
Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo (PUC/SP)
Universidade Federal da Bahia

Luciana de Oliveira Chianca _____
Doutora em Antropologia pela Université Bordeaux 2 (França)
Universidade Federal da Paraíba

PAULA, Soiane Gomes. ***Arromba chão que anima o salão, quadrilha de São João! Memórias, danças e transformações das quadrilhas juninas em Salvador***. Orientadora: Amélia Vitória de Souza Conrado. Coorientador: Laudemir Pereira dos Santos. 2020. 185 f. il. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, 2020.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como título *Arromba Chão Que Anima o Salão, Quadrilha de São João! Memórias, Danças e Transformações das Quadrilhas Juninas em Salvador*. A pesquisa traz como questão central: o que podem revelar as narrativas das memórias dos quadrilheiros quanto às características que compõem as quadrilhas juninas soteropolitanas? Apresenta mapeamento de grupos de Quadrilhas Juninas da Região Metropolitana de Salvador e o histórico de concursos locais, regionais e nacionais como importantes espaços de transformações. Argumento que o Toré, dança referente aos Kariri-Xocó, se mostra como caminho até a modalidade arromba chão de quadrilha, cujo modo de dançar consiste em bater os pés no chão no tempo forte da música, geralmente o ritmo da marcha; Na perspectiva das escolhas conceituais que fundamentam o tema e a questão central desta pesquisa, os pressupostos básicos e os caminhos para analisar os dados, opto por um referencial teórico-metodológico em cruzo. Nessa direção, para tratar conceitos de Danças, manifestações culturais e Dança de Brincantes, cito Monteiro (2011), Tinhorão (1972), Leal (2004), Chianca (2013), Martins (1997) e outros. Recursos como entrevistas, vídeos, jornais, fotografias, acervo pessoal e experiências como dançarina de quadrilhas serviram de aporte pois sou sujeita participante. Abordando os estudos culturais e perspectivas decoloniais, Stuart Hall (2003), Santos (2018), Luz (2000), Hampâté Bá (2010). Na especificidade das políticas culturais, os estudos de Rubim (2014), Carvalho (2012), Carmo (2010). Quanto ao caminho metodológico da pesquisa, faço opção pela abordagem qualitativa, de acordo com Lüdke e André (1986), retirando contribuições das estratégias de levantamento de dados, análises e tratamento pelas orientações da pesquisa-ação, Thiollent (2011). Como resultado a pesquisa aponta que a criação do Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas, promoveu espaços coletivos de reflexão, debates e proposições, em busca de políticas públicas para manutenção deste segmento cultural.

Palavras-chave: Quadrilhas juninas. Danças populares. Memórias. Pesquisa-ação.

PAULA, Soiane Gomes. ***Arromba chão que anima o salão, quadrilha de São João! Memórias, danças e transformações das quadrilhas juninas em Salvador***. Thesis advisor: Amélia Vitória de Souza Conrado. Thesis coadvisor: Laudemir Pereira dos Santos. 2020. 185 s. ill. Dissertation (Master in Dance) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, 2020.

ABSTRACT

This master's dissertation is entitled *Arromba Chão Que Anima o Salão, Quadrilha de São João! Memórias e Transformações das Quadrilhas Juninas em Salvador*. The central question of this research is: what can the narratives of the 'quadrilheiros' memories reveal about the soteropolitan quadrilhas juninas characteristics? It presents mapping of groups of Juninas Quadrilhas in the Metropolitan Region of Salvador and the history of local, regional and national competitions as important spaces for transformations. I plead that *Toré*, a dance referring to the Kariri-Xocó, as a path to the modality breaks down the quadrille floor, whose way of dancing consists of stamping the feet in the strong tempo of the music, usually the pace of the march; From the perspective of the conceptual choices that underlie the theme and the central question of this research, the basic assumptions and the ways to analyze the data, I choose a cross-theoretical and methodological framework. In this direction, to address concepts of Dances, cultural manifestations and Dance of Brincantes, I quote Monteiro (2011), Tinhorão (1972), Leal (2004), Chianca (2013), Martins (1997) and others. Resources such as interviews, videos, newspapers, photographs, personal collections and experiences as a gang dancer served as a contribution because I am a participant subject. Addressing cultural studies and decolonial perspectives, Stuart Hall (2003), Santos (2018), Luz (2000), Hampâté Bá (2010). In the specificity of cultural policies, the studies by Rubim (2014), Carvalho (2012), Carmo (2010). As for the methodological path of the research, I choose the qualitative approach, according to Lüdke and André (1986), removing contributions from the strategies of data collection, analysis and treatment according to the guidelines of action research, Thiollent (2011). I present as a research action, the creation of the Permanent Forum of Quadrilhas Juninas, promoting collective spaces for reflection and debates in search of public policies for maintaining this cultural segment.

Keywords: Quadrilhas Juninas. Popular dances. Memories. Action research.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Apresentação de uma Quadrille.....	22
Figura 2	Os quadrilheiros juninos Hélio Oliveira e Jai Bispo, no lado posterior da cantora Ivete Sangalo, em momento de apresentação, 2018.....	28
Figura 3	Capa do <i>LP Quadrilhas e Marchinhas Juninas</i> , lançado em 1965.....	35
Figura 4	Contracapa do <i>LP Quadrilhas e Marchinhas Juninas</i> , lançado em 1965.....	36
Figura 5	Capa do <i>LP Quadrilhas e Marchinhas Juninas Volume 2</i> , lançado em 1979.....	37
Figura 6	Dança do <i>Toré</i> , etnia Kariri-Xocó, Reserva Tha Fene, Lauro de Freitas, Bahia, 2007.....	39
Figura 7	Luiz Gonzaga e seu trio de forró com zabumba, sanfona e triângulo.	42
Figura 8	Recorte do Jornal A Tarde, 17/06/2000.....	46
Figura 9	Revista do Campeonato Baiano de Quadrilhas Juninas Arraial do Galo, 1989.....	47
Figura 10	Revista do Campeonato Baiano de Quadrilhas Juninas Arraial do Galo. 71 grupos categoria adulto, 1989.....	50
Figura 11	Carlos Borges, produtor da Tv Aratu e concurso Arraial do Galo, 1989.....	55
Figura 12	Material de divulgação do concurso de quadrilhas Galinho 2019, produzido pela TV Aratu, TV SBT e FEBAQ.....	56
Figura 13	Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016.....	58
Figura 14	Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016.....	59
Figura 15	Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016.....	60
Figura 16	Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016.....	61
Figura 17	Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016.....	62
Figura 18	Detalhe Jornal A Tarde. 20/06/2001.....	71
Figura 19	Paulo Ornellas em destaque, Quadrilha Junina Fogaréu. Concurso Arraiá da Capitá, 1989.....	72
Figura 20	Sobre os Concursos de Quadrilha da Bahia.....	76
Figura 21	Ensaio da Quadrilha Junina Forró Asa Branca (1999). Antigo Colégio Estadual Polivalente do Cabula, atual Colégio Estadual Mãe Stella de Oxóssi.....	77

Figura 22	Saindo da Boca do Rio para a estreia no Concurso Ao Pé da Fogueira. Ao fundo, Gabriel Pereira. 1995.....	78
Figura 23	Estreia da Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 1995. Concurso Ao Pé da Fogueira (SESI Retiro).....	79
Figura 24	Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 1999 (Cachoeira, Bahia).....	80
Figura 25	Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 2010.....	81
Figura 26	Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 2012. Concurso Nacional CONFEBRAQ - Palmas/TO.....	82
Figura 27	Casal de Noivos - Quadrilha Junina Forró do ABC, 2013. Concurso Municipal de Rio Real, Bahia.....	83
Figura 28	Quadrilha Arraiá do Fogaréu - Concurso Arraiá da Capitá, 1994.....	88
Figura 29	Quadrilha Arraiá Campestre, bairro Uruguai, 1987.....	89
Figura 30	Mapa da Região Metropolitana de Salvador.....	91
Figura 31	Divulgação Campeonato Estadual da Bahia, Grupo de Acesso, 2019	98
Figura 32	Captura de tela do Sistema de Informações e Indicadores em Cultura - SIIC. Acesso: 19/10/2020.....	99
Figura 33	Captura de tela do Sistema de Informações e Indicadores em Cultura - SIIC. Acesso: 19/10/2020.....	99
Figura 34	Concurso promovido pela quadrilha Arraiá Campestre, bairro Uruguai. Década de 1980.....	103
Figura 35	Comissão Julgadora de Concurso promovido pela quadrilha Arraiá Campestre, bairro Uruguai. Sentado, de camiseta vermelha, vê-se João Froxó. Década de 1980.....	104
Figura 36	Divulgação do Concurso Arraiá do Galinho (2016). Casal de dançarinos da Quadrilha Forró do ABC.....	107
Figura 37	Montagem da arena Campeonato Estadual de Quadrilhas, Praça Municipal, 2013.....	109
Figura 38	Arena montada para o Campeonato Estadual de Quadrilhas, Praça da Revolução, no bairro Periperi, 2014.....	110
Figura 39	Distribuição das quadrilhas baianas vencedoras para os concursos "de fora", 2014.....	111
Figura 40	Personagem Rúbia - Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 2014.....	111
Figura 41	Logomarca da Federação Baiana de Quadrilhas.....	113
Figura 42	Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018.....	116
Figura 43	Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018.....	117

Figura 44	Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018.....	119
Figura 45	Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018.....	120
Figura 46	Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018.....	121
Figura 47	Cartaz de Divulgação do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019.....	123
Figura 48	Programação do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019.....	124
Figura 49	Exposição Memórias de Quadrilhas. 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019. Escola de Dança da UFBA.....	138
Figura 50	Exposição Memórias de Quadrilhas. 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019. Escola de Dança da UFBA.....	138
Figura 51	Croquis do estilista Di Paula. Quadrilha Arraiá Campestre, 1986.....	140
Figura 52	Spesia Peixoto e outros dançarinos da Quadrilha Arraiá Campestre, 1986.....	141
Figura 53	Mesa Temática: Políticas Culturais para Quadrilhas Juninas. 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019.....	144
Figura 54	Logomarca do Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas.....	146
Figura 55	Entrega da carta ao Conselho Estadual de Cultura - CEC Bahia. Presidenta: Pan Batista. Coordenadores do Fórum: Roberto Cândido, Soiane Gomes e Pitágoras Varjão.....	146
Figura 56	Card para divulgação da audiência pública, 2019.....	147
Figura 57	Card para divulgação dos Prêmios de Culturas Populares, 2020.....	149

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1	Contribuições das diversas matrizes culturais para as quadrilhas juninas no Brasil.....	41
Diagrama 2	Elementos que compõem as quadrilhas juninas do Brasil.....	43
Diagrama 3	Identificando os Quadrilheiros entre os inscritos no 1º Fórum	125
Diagrama 4	Resposta micro quanto às Instituições de origem dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum.....	126
Diagrama 5	Resposta macro quanto às Instituições de origem dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum.....	126
Diagrama 6	Quanto ao Gênero dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum...	127
Diagrama 7	Quanto à Orientação Sexual dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum.....	128
Diagrama 8	Quanto à Faixa Etária dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum.....	129
Diagrama 9	Quanto ao Estado Civil dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum.....	130
Diagrama 10	Quanto à Escolaridade dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum.....	130
Diagrama 11	Quanto à Função exercida no Trabalho dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum.....	131
Diagrama 12	Quanto à Situação Trabalhista dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum.....	132
Diagrama 13	Quanto a Renda Mensal dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum.....	133
Diagrama 14	Quanto aos Filhos dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum....	133
Diagrama 15	Quanto a Religião dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum....	134
Diagrama 16	Quanto a participação dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum, em outras atividades culturais.....	134
Diagrama 17	Quanto a função que os quadrilheiros inscritos no 1º Fórum exerce na sua quadrilha junina.....	135

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Relação de quadrilheiros entrevistados: idade, grupos, bairros e atuação.....	85
Tabela 2	Relação entre os bairros e as quadrilhas dos entrevistados....	87
Tabela 3	Quadrilhas Juninas dos municípios da Região Metropolitana de Salvador.....	92
Tabela 4	Mapeamento das extintas Quadrilhas Juninas de Salvador e seus respectivos bairros.....	94
Tabela 5	Mapeamento das extintas Quadrilhas Juninas de Salvador e seus respectivos bairros.....	96
Tabela 6	Relação de extintos concursos de Quadrilhas Juninas.....	104
Tabela 7	Concursos em atividade em Salvador e outros estados brasileiros.....	106
Tabela 8	Membros diretores da Federação Baiana de Quadrilhas - FEBAQ.....	112
Tabela 9	Mesas temáticas e convidados.....	142

SUMÁRIO

O FORRÓ JÁ COMEÇOU! VAMOS GENTE, RAPAPÉ NESSA INTRODUÇÃO....	13
CAPÍTULO I	
OLHA PRO CÉU MEU AMOR VÊ COMO A QUADRILHA É LINDA: ORIGENS E CAMINHOS DAS QUADRILHAS JUNINAS.....	21
1.1 PRA DANÇAR <i>QUADRÍ</i> A NO SERTÃO É MAIS <i>MIÓ</i> : BREVE TRAJETÓRIA DA QUADRILHA DA EUROPA PARA O NORDESTE BRASILEIRO.....	26
1.2 LÁ NO MEU SERTÃO, PROS CABOCLO LÊ TÊM QUE APRENDER UM OUTRO ABC: ENTENDIMENTOS SOBRE QUADRILHAS JUNINAS E OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	44
CAPÍTULO II	
EM VEZ DE POLCA E RANCHEIRA, O POVO SÓ PEDE E SÓ DANÇA O BAIÃO: MEMÓRIAS PESSOAIS E COLETIVAS SOBRE AS QUADRILHAS JUNINAS.....	68
2.1 ENCONTRO COM O INTERLOCUTOR.....	70
2.2 TEM FOGUEIRA ACESA NO CORAÇÃO, A CHAMA ACENDEU E NÃO VAI SE APAGAR: O QUE REVELA AS MEMÓRIAS DOS QUADRILHEIROS?.....	84
2.3 MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE QUADRILHAS JUNINAS: REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR E OUTROS TERRITÓRIOS DA BAHIA.....	90
2.4 CONCURSOS DE QUADRILHAS JUNINAS: DA COMUNIDADE À TELEVISÃO, ESPAÇO DE VISIBILIDADE E SUBMISSÃO.....	100
CAPÍTULO III	
NO SONHO VIA A SANFONA E A ZABUMBA, BATENDO TÃO FORTE PARECENDO UM CORAÇÃO: 1º FÓRUM DE QUADRILHAS JUNINAS DE SALVADOR.....	122
3.1 AMOSTRA DOS DADOS COLETADOS NO FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO.	124
3.2 SAUDADE TRANSBORDA E EU ME LEMBRO DO ARROMBA CHÃO: DA NOSTALGIA À BUSCA DE POLÍTICAS PÚBLICAS.....	136
ASAS ABERTAS PARA O PENSAR, VAI-SE MUITO ALÉM DE UM PONTO FINAL: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
REFERÊNCIAS.....	157
ANEXOS.....	162

O FORRÓ JÁ COMEÇOU! VAMOS GENTE, RAPAPÉ NESSA INTRODUÇÃO

A pesquisa *Arromba Chão Que Anima o Salão, Quadrilha de São João! Memórias, Danças e Transformações das Quadrilhas Juninas Em Salvador*, é vinculada na linha temática 3 - Mediações Culturais e Educacionais em Dança, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDança) da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia. Tem como objetivo principal compreender as transformações que vem se dando nas Quadrilhas Juninas da Região Metropolitana de Salvador (RMS), quanto à maneira como vêm produzindo seus espetáculos juninos, a partir de suas participações nos Concursos de Quadrilhas surgidos na década de 1970.

De acordo com as pesquisas de Lúcia Aquino de Queiroz (2002) “na cidade de Salvador já se faziam menções à racionalização temporal de algumas festas a partir de uma proposição de um calendário festivo na década de 1960 (CASTRO, 2012, p. 22).

Além disso, este estudo busca tecer uma discussão sobre as danças populares brasileiras, os repertórios tradicionais e os processos de (re)significações motivados e/ou impostos pela transmutação cultural, os impactos das relações econômicas de consumo e as políticas públicas e de salvaguarda para memória e autossustentabilidade desses grupos.

Entendendo que as danças brasileiras, as quais são chamadas de “populares”, são frutos de um processo de interações entre dois tipos de cultura, como demonstra Marianna Monteiro (2011):

a cultura erudita ou letrada, voltada para a tradição clássica, para a escolástica, identificada com a revolução científica e, posteriormente, como pensamento ilustrado, demarca-se da tradição oral, que passa a ser definida negativamente. (MONTEIRO, 2011, p. 25)

A autora prossegue comentando que o convívio entre as duas tradições culturais se intensificou ao longo do período colonial até os dias de hoje “em razão da evangelização e da difusão da Bíblia (MONTEIRO, 2011, p. 26). Esta visão dicotômica de entendimento, é superada por estudos contemporâneos que compreendem a cultura sem hierarquizações.

As buscas que levaram a escolher essa temática como pesquisa, se iniciaram durante o Curso de Especialização Arte-Educação: Culturas Brasileiras e Linguagens Artísticas Contemporâneas, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, quando participei da primeira turma nos anos 2008/2009. Ali foram propostas várias leituras a respeito da Arte, da Educação, da Cultura, sobre Políticas Públicas e Culturais, sobre Diversidade, também sobre novas Tecnologias e reflexões sobre o corpo sensível.

Dentre tantos estímulos, o mais importante foi a solicitação de um artigo, proposto pelo Prof. Dr. Ricardo Biriba, durante o módulo de Manifestações Populares Brasileiras, onde tínhamos que relacionar a sala de aula com as manifestações populares. Para isto precisei me questionar sobre a escolha da minha profissão. Porque estudo danças? Porque me licenciou em Dança e atuo em Educação? Porque acredito na Arte como produtora de novos conhecimentos? Como foi que cheguei até aqui?

O aprofundamento mais significativo deu-se sobre meu contato com a Quadrilha Asa Branca onde estive de 1994 a 2014, participando de 11 montagens cênico-coreográficas como dançarina, atriz, assistente coreográfica, aderecista e produtora. Foi discorrendo sobre esta participação na quadrilha junina e refletindo as temáticas abordadas pelos espetáculos que compreendi que passei por importantes processos de construção identitária e noções de pertencimento, como define Stuart Hall (2005).

Quando percebo minha formação e trajetória profissional vejo que migrei de artista e educanda para arte-educadora e responsabilizo principalmente as quadrilhas juninas pelo meu processo de empoderamento político-cultural. Percebo também que este fenômeno aconteceu com outros colegas da Asa Branca e de outras quadrilhas em Salvador.

Esse enunciado demonstra meu engajamento e compromisso em pesquisar a referida temática em que destaco os motivos desta escolha, primeiramente a questão pessoal por se tratar de 25 anos de trajetória cultural e profissional participando do segmento de quadrilhas juninas, onde desenvolvi a habilidade da Dança, Teatro, Música, além de adquirir conhecimentos sobre a Cultura e História

brasileiras, e depois, pela consciência e necessidade de aprofundamento através da pesquisa acadêmica.

A importância deste estudo para um Programa de Pós-Graduação em Dança se dá no fato de que as quadrilhas juninas da Bahia até o momento não tinham sido temática de pesquisa neste programa. A contribuição social também deve ser levada em consideração pois os referidos grupos de quadrilha atuam em bairros periféricos, tem caráter coletivo e desenvolvem habilidades profissionais em Dança, Teatro, Música, Costura, Cenografia, Produção, os quais, geram economia e renda, produzem conhecimento e incluem crianças e jovens em torno do fazer artístico.

Como uma postura política de pôr em exercício a decolonialidade na escrita acadêmica, uma vez que, trago um tema que até então não tinha sido estudado no PPGDança. As expressões que fazem parte do repertório cultural e portanto conceitual das quadrilhas juninas, estão presentes no discurso seja através dos enunciados dos capítulos e seus subitens, a partir de trechos de músicas nordestinas, largamente utilizada nas festas juninas ou seja pelo emprego de expressões inerentes ao universo simbólico cultural, ao longo de todo o texto.

Pesquisas anteriores já demonstraram as origens históricas e trajetórias socioculturais da quadrilha antes e depois de chegar ao Brasil, as sucessivas assimilações, alterações e adaptações que foram sofrendo à cada lugar, época e contexto geopolítico, já foram mencionados nos trabalhos de Guilcher (1969, 2003), Chianca (2004) e Leal (2004).

Os grupos de quadrilhas juninas de Salvador são oriundos de bairros populares como Uruguai, Pau Miúdo, Liberdade, São Caetano, Cabula, Subúrbio Ferroviário, dentre outros; na sua maioria se configuram como grupos culturais sem personalidade jurídica¹, reunindo cerca de 150 pessoas, direta e indiretamente, entre crianças, jovens e adultos nas funções artísticas, técnicas, e/ou administrativas.

Na sua maioria são sujeitos que geralmente não tem condições privilegiadas, que exercem as mais variadas atividades profissionais, como professores de diversas áreas, estudantes, vendedores, motoristas, atendentes de telemarketing,

¹ Não estão inscritas no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), o que dificulta a participação em editais e a captação de recursos públicos.

músicos, dançarinos, administradores, dentre outros. São predominantemente pessoas negras, adeptos dos cultos religiosos de matrizes africanas, são, também, participantes/atuantes do ciclo carnavalesco através de Blocos Afros e Afoxés, além de participarem de Bandas Marciais, Fanfarras escolares e grupos de Valsa.

O ator, diretor, coreógrafo e marcador Paulo Ornellas nascido na cidade baixa, na região dos Alagados, bairro do Uruguai, fala um pouco do contexto social e geográfico em que os grupos de quadrilha surgem:

Quando a gente se envolve com a quadrilha junina é algo diferente. É inerente ao local que você vive, está ligada à comunidade pobre, à essa ideia do comunitário. E a gente era daquele meio ali, era Alagados, Jardim Cruzeiro, se você observar as quadrilhas sempre nascem nesses pontos. Era um envolvimento que acaba trazendo a socialização, as novas amizades, as paixões, enfim. Isso acabou criando a raiz das quadrilhas juninas nos bairros (ORNELLAS, 2019)

Sobre a função do marcador, observa o quadrilheiro pernambucano e antropólogo Hugo Menezes Neto (2008):

O marcador passou a ser mais um apresentador que um condutor da quadrilha. O marcador é a peça chave para a interação da quadrilha com a platéia podendo emocionar, estimular e animar o grupo quanto melhor desempenhar sua função. (NETO, 2008, p. 26)

Os integrantes de quadrilha junina, denominados quadrilheiros, desenvolvem uns com os outros as habilidades em pesquisas de temas diversos, na criação de coreografias e na sua execução, pois

nas comunidades negras esse treinamento é geralmente informal, acontecendo metodicamente durante os rituais e festas, em que os conhecimentos e segredos são repassados de geração a geração. (LIGIÉRO, 2011, p. 141)

Então, tendo em vista o contexto apresentado pelo pesquisador Zeca Ligiéro, parto do pressuposto que os quadrilheiros, a partir de suas experiências estéticas nas comunidades, nas famílias, nas escolas, nos candomblés, nos concursos, nos

blocos afros, nos grupos de pagode, nas bandas de fanfarras, nos grupos de valsas, entre outros, desenvolveram processos artístico-metodológicos para as montagens dos espetáculos de quadrilha, tornando-se um fluxo contínuo entre as diferentes manifestações culturais, caracterizando um modo “soteropolitano” de fazer quadrilha junina, que atualmente convive ou se mescla com aspectos advindos da globalização e espetacularização, absorvidas no convívio com grupos juninos de outros estados, quando participam dos concursos televisivos.

Na perspectiva das escolhas conceituais que fundamentam o tema e a questão central desta pesquisa, os pressupostos básicos e os caminhos para analisar os dados, opto por um referencial teórico-metodológico que sejam capazes de dialogar com conhecimentos sobre danças e manifestações culturais, como é o caso das quadrilhas juninas, necessidades de uma memória e registro de suas produções, que implicam em busca de soluções, através de ações para uma política pública e de salvaguarda.

Nessa direção, para tratar conceitos de Danças, Manifestações Culturais e Dança de Brincantes, cito Monteiro (2011), Ligiéro (2011), Leal (2004), Conrado (2018), Chianca (2013), Martins (1997) e outros. Abordando os estudos culturais e perspectivas decoloniais, Stuart Hall (2003), Santos (2018), Mignolo (2008). Na especificidade das políticas culturais, os estudos de Rubim (2014), Carvalho (2012), Carmo (2010).

Quanto ao caminho metodológico da pesquisa, faço opção pela abordagem qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), retirando contribuições das estratégias de levantamento de dados, análises e tratamento pelas orientações da pesquisa-ação, Thiollent (2011) e etnografia Rosa (2013) e Ingold (2015).

A experiência acumulada enquanto quadrilheira nesses 25 anos de atuação direta, a minha formação profissional como professora de Dança e neste processo atual em que venho realizando a pesquisa acadêmica no nível de Mestrado, consubstancia um diálogo cujo caminho é da experiência prática tecendo um diálogo teórico que retroalimenta ambos os lados, uma vez que, a opção do trânsito metodológico conversa e realiza ações em conjunto ao campo de investigação.

Acredito que devido as ideologias racistas, também denominadas *branqueamento*, como fundamenta a obra de Munanga (1999), e ideologia do *recalque* como explica Luz (2011), advindas do sistema de dominação oficial que historicamente impuseram um modelo e implicou uma discriminação ao que provinha dos conhecimentos de outras etnias, citando as africanas e indígenas, que até os dias de hoje são as camadas sociais que sofrem as consequências desse processo.

O que leva a crer que apesar da cultura das Danças de Corte serem uma prática das famílias nobres, tanto em países europeus quanto com a chegada destes ao Brasil, foram transmitidos de alguma forma para as camadas populacionais, que absorveram tal conhecimento dessas elites, através de estratégias em que esta utilizava para introduzir costumes, valores religiosos e educação. Resultante disso é que com o passar dos anos as camadas chamadas de “populares” foram as que permaneceram com as tradições das Quadrilhas, adaptando a uma outra forma de fazê-la.

Pode-se observar pelos ritmos, repertórios e temas que incorporaram bases das contribuições das culturas negras, presentes em nossa sociedade. Isso explica que esta pesquisa ao debruçar seu olhar sobre o modo destas procederem no contexto da cidade de Salvador e Região Metropolitana, se configura como um modo “soteropolitano” de fazer a quadrilha junina.

Será que devido os processos de discriminação existente às camadas populacionais e étnicas negras, indígenas e mestiças, podendo assim dizer, explica os motivos pelos quais até hoje não existiu uma pesquisa acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA? Nem de instituições de pesquisa, como IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia) e IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), Fundação Gregório de Matos dentre outras?

Espero também compreender que fatores implicaram e implicam para o processo de extinção das Quadrilhas Juninas dos bairros de Salvador e região metropolitana que mantinham-se em atividade.

As tentativas de participação das Quadrilhas Juninas nos Concursos Regionais e Nacionais que são de caráter competitivo, constata-se que desde a

criação destes, há um processo de "desistência" e perda das "condições de competitividade" de muitas quadrilhas existentes nos bairros de Salvador, chegando a uma extinção de muitas dessas, o que se pode verificar nos dados trazidos nos capítulos desta dissertação.

Diante desses pressupostos, a questão central desta pesquisa busca verificar o que podem revelar as narrativas das memórias dos quadrilheiros quanto às características que compõem as quadrilhas juninas soteropolitanas?

Quais as estratégias e ações coletivas que se pode implementar para um movimento de (re)ascensão das mesmas ou surgimento de outras?

Será buscando respostas a essas questões que este estudo se propõe adentrar no campo singular de pesquisa.

Assim, no primeiro capítulo busco fazer um percurso da trajetória que justifique o que hoje denominamos de "quadrilhas juninas", considerando a vinda desta expressão cultural da Europa para o Brasil e sua predominância no Nordeste. Vale destacar que não se encontra uma produção de estudos que venha dar conta de uma história em continuidade, mas é tecendo articulações com uma literatura nacional, algumas obras internacionais e poucas teses defendidas em outras áreas que faço emergir um percurso histórico. Este capítulo traz também os referenciais teórico-metodológicos para entendimento dos conceitos-chave.

O segundo capítulo tece as narrativas das memórias dos quadrilheiros trazendo um trecho da história da quadrilha em Salvador, faz um mapeamento dos grupos de quadrilhas juninas RMS, extintos e dos que permanecem em atividade, comunidades de origem e o histórico de suas produções artísticas nos referidos Concursos de Quadrilhas.

Finalmente no terceiro capítulo trago os dados socioeconômicos adquiridos através do formulário de inscrição do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, as contribuições das seis mesas temáticas com as Mestras e Mestres que estiveram presentes, suas competências, atuação e talentos para produção dos temas e espetáculos. O objetivo é demonstrar quem são os protagonistas que atuam nas diversas quadrilhas, mesmo aquelas que já não se encontram em atividades pelos fatores adversos. O último subitem se volta à ação da pesquisa que é como construir

políticas culturais para salvaguarda das quadrilhas juninas em Salvador e os trâmites da Carta de proposições, elaborada no 1º Fórum.

CAPÍTULO I

OLHA PRO CÉU MEU AMOR VÊ COMO A QUADRILHA É LINDA: ORIGENS E CAMINHOS DAS QUADRILHAS JUNINAS

*Olha pro céu amor, vê como ele está lindo!
Olha pr'aquele balão multicolor, que lá no céu vai sumindo!
Foi numa noite, igual à essa, que tu me deste o seu coração.
O céu estava, assim em festa, pois era noite de São João.
Havia balões no ar, xote, baião no salão!
E no terreiro o teu olhar, que incendiou meu coração!
(José Fernandes e Luiz Gonzaga, 1951)*

As festas juninas abarcam múltiplas expressões e símbolos culturais, históricos, sociais e religiosos e por isso, constitui-se de complexidade. Relacionamo-nos com estes símbolos de maneira espontânea, sem ao menos compreender suas particularidades e inter-relações. É necessário lançar breve olhar sobre alguns pontos importantes que colaboram no entendimento da presença das quadrilhas como parte de nossas expressões culturais, nas festas juninas brasileiras.

Nos tópicos a seguir vou comentar as origens históricas das quadrilhas, se fazendo necessário mencionar, também, aspectos formativos das festas de junho, época do ano em que ocorre, mais fortemente, a prática desta dança. Portanto, irei apontar alguns elementos que colaboram na composição da dança da quadrilha, desde a Europa e até a transposição para o então território brasileiro, em formação. Começo com uma definição histórica deste objeto de estudo, aqui pontuado pela pesquisadora e antropóloga Luciana Chianca:

Originária de uma contradança de mesmo nome trazida ao Brasil pela corte imperial portuguesa, ela teve suas figuras e passos modificados ao longo do tempo e dos lugares em que foi sendo executada. A princípio eram quatro ou oito casais que se organizavam em duas filas, uma em frente à outra, com as quatro extremidades formando um quadrado – daí seu nome francês, *quadrilles* (em espanhol, *cuadrilhas*; em italiano, *quadriglia*). (CHIANCA, 2007, p. 50)

Encontra-se referência sobre danças de pares na história dos povos chamados pagãos, em rituais ligados à mudança de estação, solstícios de verão

européu e na relação com a agricultura, colheita e uso da fogueira. Sobre este aspecto diz-no o pesquisador Osvaldo Meira Trigueiro que:

Os povos antigos, antes da cristianização, festejavam a passagem dos quatro tempos do mundo com rituais em que o profano se misturava com o sagrado. As práticas de culto ao fogo, as superstições, crenças e tantas outras manifestações ligadas ao calendário agrário tinham no solstício (23 de junho) e no equinócio (23 de setembro) datas importantes para a compreensão do mundo e suas relações com as divindades protetoras da fertilidade da terra e dos homens. (TRIGUEIRO,1995, p. 155)

Figura 1 - Apresentação de uma *Quadrille*



Fonte: Imagem da internet.

O domínio dos povos europeus que aqui se instalaram, como espanhóis, portugueses, franceses, holandeses, italianos, alemães e seu projeto de colonização, explica os motivos da existência entre nós, de suas línguas, costumes, organização social e religião. Impuseram um modelo de educação aos povos que viviam em liberdade, como os povos indígenas e posteriormente os povos africanos. Ambos sofreram a violência imposta pelo colonizador português, embora o processo de escravização de povos indígenas e dos povos africanos tenha se dado de maneiras diferentes aqui no Brasil.

A doutrina cristã e a instauração da Igreja Católica como instituição de poder e ordem, neste processo colonial, é responsável pela devoção junto ao povo brasileiro de seus santos católicos. Muitos desses santos são festejados em datas ritualísticas, relacionadas ao calendário agrário, conforme citação acima de Trigueiro (1995), como ocorre por exemplo com os Santos Antônio, João e Pedro que foram assimilados à cultura social. Percebo inclusive que o ritual de acender a fogueira, entre os povos “pagãos” celtas e os nativos pindorâmicos ou ameríndios, foi (re)significado, tal como os contos bíblicos narram na história de São João Batista.

As religiões afro-brasileiras também desenvolveram relação com esse calendário festivo do ciclo junino, em Salvador e região, fazendo suas celebrações em tornos dos orixás, em que os adeptos da religião, criaram estratégias de correlações com os santos católicos. As “Feijoadas de Ogum”, oferecidas pelas comunidades de terreiro e/ou por pessoas iniciadas ou devotas, ocorrem em torno da trezena de Santo Antônio, culminando no dia 13 de junho. As “Fogueiras de Xangô”, realizadas por comunidades de terreiro e/ou pessoas iniciadas ou devotas, ocorrem em torno dos dias 23 e 24 de junho, fazendo correlação com a fogueira de São João Batista.

Sobre o sincretismo, “resultante do processo etnocida-genocida dos europeus para com os povos de outros continentes” (LUZ, 2000, p. 188), perpassa pelas instituições da Igreja e pelas instituições constituintes do governo colonial. O cientista social Marco Aurélio Luz observa que:

a Igreja, ou melhor, o cristianismo, desde suas origens caracterizou-se por uma dimensão universalizante e expansionista [...] O cristianismo, como religião, se caracterizou como um sincretismo capaz de adotar feições “universalizantes”, proclamando-se detentor da única “verdade absoluta” “revelada por Deus”. (LUZ, 2000, p. 191)

A própria Igreja sincretizou práticas de outras religiões anteriores à ela e no contexto da colonização das Américas colaborou, junto à Coroa portuguesa, para o “projeto de política de miscigenação” (LUZ, 2000, p. 192). Os africanos escravizados, os crioulos nascidos na Colônia e os mestiços “precisaram disfarçar o cultivo da sua religião”, é o que conta José Ramos Tinhorão na obra *Música Popular de Índios, Negros e Mestiços* (1972):

[...] a saída para os negros e mestiços era, naturalmente, a sua adesão ao único setor da estrutura montada pelo colonizador branco que lhes permitia uma abertura para participação dinâmica na sociedade colonial. A partir da escolha de seus padroeiros, essa aproximação dos negros africanos e seus descendentes com o mundo do colonizador, foi sempre impregnada pelo simbolismo que hoje – bem examinado – revela uma extraordinária coerência, e uma profunda sabedoria e oportunismo na comunhão forçada com os valores da classe dos senhores. (TINHORÃO, 1972, p. 44)

Com o passar dos anos a população negra, e de axé, da Bahia manteve as datas comemorativas de santos católicos para festejar os orixás iorubanos, sem necessidade de escamotear sua real motivação.

Fechando o mês de junho, entre os dias 28 e 29, ocorrem as Fogueiras de *Airá*, orixá que dizem se relacionar com São Pedro, nos terreiros da Bahia. Segundo José Flávio Pessoa de Barros, em seu livro intitulado *A Fogueira de Xangô: o Orixá do Fogo* (2009, p. 60) “o aspecto altamente significativo do culto ao ‘orixá do fogo’, alude à *Airá*, considerado como *Xangô*, culto que a expansão do reino de *Oió*² propagou para todo o território *iorubá*”. O autor diz ainda que *Airá* constitui a origem do axé da grande *Iá Nasô*, fundadora do primeiro terreiro da Bahia, conhecido como Casa Branca, localizada na Avenida Vasco da Gama em Salvador:

Este *orixá* ocupa um lugar especial nesta comunidade, estando ligado à primeira nomeação recebida por este terreiro, *Axé Airá Intilé*, vale a pena ressaltar que tanto os que participam desta casa como aqueles originados da Casa das Minas afirmam que *Airá* é identificado com a figura de São Pedro no sincretismo religioso. (BARROS, 2009, p. 102)

Há também o festejo de São Marçal dia 30 de junho, muito comemorado no estado do Maranhão³ através do *Encontro de Batalhões* de Bumba meu Boi, “uma

² Oió ou Oyó, é uma cidade-estado da Nigéria, África Ocidental, onde se localiza o importante Reino do ancestral Xangô.

³ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/ma/maranhao/sao-joao/2019/noticia/2019/06/30/acompanhados-por-multidao-grupos-de-bumba-meu-boi-fazem-desfile-em-homenagem-a-sao-marcal.ghtml>>. Acesso em: 21 jan. 2020.

festa mantida pela população negra da cidade, chegando a ser proibida entre 1861 e 1868”.

A etnomusicóloga Rosa Maria Zamith, em seu trabalho intitulado “A dança da quadrilha: da partitura aos espaços festivos: música, dança e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista” (2011) realizou o levantamento das partituras de quadrilhas em acervos públicos localizados na capital fluminense e as informações obtidas apontaram para o período que começa no Segundo Reinado e se estende até ao início da República como aquele de expansão do gênero no meio musical e social. A autora inicia trazendo uma importante informação:

Como baliza inicial, a quadrilha A Coroação de S. M. I. D. Pedro 2o; Collecção de Quatro Quadrilhas; três de contredanças e huma de valsas, dedicadas [a] Família Imperial e compostas por L. F. Milliet, Chef d’Orchestra dos Bailes da Corte e arranjadas para Forte Piano pelo professor Cos Neytz. As quatro quadrilhas da coleção foram nomeadas Don Pedro 2o, Dona Januária, Dona Francisca e Maria Amélia. Esse conjunto de danças, cujo título geral aponta a vinculação da composição com a festa na qual Pedro de Alcântara é sagrado e coroado Imperador do Brasil, em 18 de julho de 1841, com o nome de D. Pedro II. (ZAMITH, 2007, p. 115)

A autora apresenta um vasto panorama de compositores, informações detalhadas dos aspectos rítmicos, motivação dos bailes e aponta uma certa direção para como as quadrilhas brasileiras se caracterizam a partir de certo período. Como demonstra a seguir:

Na década de 1860, portanto, cerca de 20 anos após a publicação no país das primeiras quadrilhas, como as quatro que integram A Coroação de S. M. I. D. Pedro 2º, em 1841, surge a designação “quadrilha brasileira”, que aponta para uma forma de composição musicalmente diferente daquela vinda da Europa, sem obedecer ao formato da quadrilha francesa. A partir de então, e cada vez mais, as quadrilhas compostas no país estão impregnadas de gêneros oriundos do exterior ou configurados no país e que aqui se misturaram – polca, habanera, fadinho, marcha militar, valsa, modinha, lundu e maxixe –, em permanente diálogo de culturas (ZAMITH, 2007, p. 128).

Considerando o processo histórico, as conjunturas, seus valores e normas, acredita-se que a depender desses fatores, o movimento da sociedade da época se transformava. Com as mudanças ocorridas no século XIX, tendo como marco a

Proclamação da República, os hábitos da Corte foram evitados pelos cidadãos e absorvidos pelos povos do campo, a exemplo da Dança da Quadrilha. Como sinaliza Chianca:

Já no século XX, marcado pelas migrações do campo para cidade, ocasiona a presença e cultura de aspectos rurais, cuja repercussão que difere de “modelo” oficial, imposto pelas normas do estado e igreja, é gerado por veículos de comunicação e difusão, tais como a literatura, a televisão e o cinema, o Jeca Tatu, um estereótipo para designar o “Caipira”. (CHIANCA, 2007, p. 55)

Pode-se constatar isso ao olhar o personagem *Jeca Tatu*, criado pelo escritor paulista Monteiro Lobato, reforçado pelo ator paulista Mazzaropi, também o personagem *Chico Bento*, criado pelo cartunista paulista Maurício de Sousa e outros como a do *cowboy* norte-americano e às vezes o gaúcho argentino. Essas personagens evidenciam uma estética “rural universal”, que se tornou sinônimo de festa junina no Brasil, conforme chama atenção os estudos de Chianca (2007).

Chegamos ao século XXI, marcado pela ascensão do capitalismo, globalização, espetacularização, concursos televisivos, grandes espetáculos de quadrilhas e no estado da Bahia, um fenômeno chama atenção: a redução quantitativa dos grupos que protagonizam as Quadrilhas Juninas em nosso estado.

Diante dessa constatação é que esta pesquisa se propõe estudar o entendimento desse processo.

1.1 PRA DANÇAR QUADRILHA NO SERTÃO É MAIS MIÓ: BREVE TRAJETÓRIA DA QUADRILHA DA EUROPA PARA O NORDESTE BRASILEIRO

Pesquisas anteriores demonstraram as origens históricas e trajetórias socioculturais da quadrilha antes e depois de chegar ao Brasil, as sucessivas assimilações, alterações e adaptações que foram sofrendo a cada lugar, época e contexto geopolítico foram mencionados nos trabalhos de Guilcher (1969, 2003) Chianca (2004), Leal (2004).

A pesquisa acadêmica em nível de Mestrado de Eleonora Leal (2004), realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal da Bahia, trouxe em seu primeiro capítulo detalhes importantes sobre a

trajetória da Quadrilha, dança social europeia que surgiu no meio de uma sociedade aristocrática e burguesa, com características de uma dança popular da Idade Média.

O texto de Leal (2004), avança no sentido de explicar como as danças camponesas, em países europeus, chegaram até os palácios. A autora diz que os nobres, ávidos por novidades, recebiam o *Jogral*, um artista, prestador de serviços, para que lhe ensinasse as danças apreendidas nas províncias e vilas por onde passava. Após o aprendizado dessas danças ao jogral era solicitado fazer mudanças nos passos para ganhar um tratamento mais refinado. O jogral, segundo Caminada (1999) era uma figura de múltiplas habilidades artísticas que se tornou um difusor das danças populares nas cortes europeias, além de dançarino, o jogral poderia ser cantor, poeta, músico, ator ou mímico (CAMINADA *apud* LEAL, 1999, p. 26).

Encontrei concordância sobre esse aspecto, da danças camponesas servirem de lastro para as danças da corte, no livro *Dança Popular: espetáculo e devoção* (2011), da pesquisadora Marianna Monteiro. Esta autora afirma que “as danças camponesas sempre forneceram o material para a renovação das danças de corte. Na corte, nunca se inventou dança alguma. A dança da corte sempre foi o resultado da apropriação e adaptação de inúmeras danças populares” (MONTEIRO, 2011, p. 29).

Esse processo de apropriação, adaptação e refinamento continuou a ocorrer nas colônias americanas e sobre isso a pesquisadora Monteiro segue dizendo que:

A dança praticada nos salões coloniais, ao longo dos séculos XIX, perpetuou tais intercâmbios verticais ao refinar, no ambiente elitizado, lundus, maxixes, práticas de dança muito antigas entre negros, brancos e mestiços pobres. (MONTEIRO, 2011, p. 29)

Vejo semelhanças com a atualidade, quanto às pessoas das comunidades da periferia de Salvador, que trabalham dando aulas de danças e ritmos em espaços privados, transformando as danças populares, a exemplo do samba e o pagode.

Alguns participantes de quadrilha junina dão aulas de danças em academias, escolas particulares, escolas da classe média e alta e são reconhecidos como capazes, independente de ter formação acadêmica ou não, no segmento da dança.

São os artistas populares das comunidades periféricas de Salvador, geralmente pessoas negras, que produzem os trabalhos coreográficos de bandas e artistas que gozem de certo reconhecimento da mídia na Bahia e no Brasil.

Figura 2 - Os quadrilheiros juninos Hélio Oliveira e Jai Bispo, no lado posterior da cantora Ivete Sangalo, em momento de apresentação, 2018



Fonte: acervo de Hélio Oliveira. Foto: Marco Ballena.

Na ilustração acima trago como exemplo os quadrilheiros juninos, dançarinos e coreógrafos Hélio Oliveira e Jai Bispo, que prestam serviços coreográficos para a cantora Ivete Sangalo, dentre outras artistas, cujos movimentos e sequências de dança emergem de suas comunidades de origem. Tais danças, por exemplo o samba e o pagode, recebem um tratamento quanto ao espaço, sendo adaptados aos palcos e ganham visibilidade mundial.

Leal (2004, p. 25) diz que “essa prática de ‘refinar’ a coreografia popular tomou maior impulso na Itália pré-renascentista numa época de transição ao capitalismo industrial e de novo fomento do setor da política”, percebo então que a questão financeira impulsiona que este participante de quadrilha, por ter experiência, por vivenciar coreografias e espetáculos populares, se tornem aptos a realizar esse tipo de serviço e esta forma de remuneração financeira.

A partir deste ponto o texto de Leal demonstra como os aristocratas estimularam a produção artística:

Os burgueses buscavam ascensão social, as artes foram florescendo no meio dos aristocratas e dos burgueses, contrataram professores para aprimorar sua educação, entre eles existiram os mestres designados para o ensino das danças sociais, das aulas de etiqueta, então todas as cortes incorporaram o hábito da dança. (LEAL, 2004, p. 26)

Na Itália, o berço do Renascimento, a arte e a cultura se desenvolveram, a Dança passou a ser sistematizada, então a frequência do ensino da Dança no século XV teve como efeito a teorização desta, não só na classificação e normatização, mas “na construção de fundamentos científicos sobre o corpo, os movimentos, as técnicas”, diz (CAMINADA *apud* LEAL, 1999 p. 81).

A partir de então outros tratados surgiram com as descrições das danças de corte, os passos foram ganhando códigos, técnicas, as danças sociais com novas elaborações, foram se transformando e perdendo os vestígios das danças populares, ou seja aquelas que eram transmitidas por famílias e grupos que mantinham as tradições e repertórios.

Entendo como possibilidade de dança popular o que aponta a pesquisadora Marianna Monteiro em seu livro *Danças Populares: espetáculo e devoção* (2011):

As matrizes da dança popular são criadas a partir de questões estéticas, éticas, políticas, dentro dos inúmeros recortes a que tal objeto se presta. A matriz cabe articular essas instâncias tão diversas a partir de determinadas hipóteses básicas. (MONTEIRO, 2011, p. 52)

As danças de corte passaram a fazer parte da nova sociedade francesa do século XVI no pós-guerra, a partir deste momento esta técnica artística estava inserida na educação da corte. Os mestres franceses foram se especializando na modificação das danças populares, na elaboração de passos e aos poucos, as danças de salão foram ficando mais complexas.

Segundo o pesquisador francês Guilcher (2003) seus estudos demonstram que após a Revolução Francesa os grandes bailes da corte foram desativados para

evitar novas articulações políticas, então naturalmente os bailes passaram a ocorrer em espaços diversos atraindo diferentes camadas sociais e não mais apenas os burgueses e aristocratas (GUILCHER, 2003, p. 142). As contradanças se tornam, então, popularizadas sendo perfeitamente possível que mesmo pessoas que não se conhecessem, por serem de grupos e camadas sociais distintas, pudessem participar do mesmo baile, o que colaborou no crescimento dos bailes públicos, momento de ascensão para bailarinos de diversas origens sociais, não apenas os aristocratas.

A quadrilha que conhecemos nos dias atuais é uma dança derivada de outras danças, dentre as principais a *country dance* inglesa, que originou a *contredanse* e, posteriormente, o *cotillon*, ambos franceses. A primeira se caracteriza por ser uma dança de casais “dançada em fila dupla com os pares se deslocando em linha reta, um de frente pro outro” (LEAL, 2004, p. 29). As duas seguintes tinham um número variado de desenhos espaciais, “chegando a um alto grau de complexidade e de estilização, a qual passou a ser denominado de *cotillon*” (LEAL, 2004, p. 32).

Posteriormente, da velha *cotillon* se ramificou outra dança a *quadrille*. “As semelhanças de sua procedência estão em cinco desenhos espaciais que foram compor a quadrilha” (LEAL, 2004, p. 34) as quais eram denominadas: *Le Pantalon*, *L’Été*, *La Poule*, *La Pastorelle*, *Le Finale*. Surge então, no século XVIII, a Quadrilha. Dançava-se quadrilha nas festas aristocráticas europeias em qualquer época do ano. Sobre isso encontramos a definição abaixo:

As cinco figuras dessa quadrilha francesa denominavam-se, respectivamente: *Pantalon* (por tê-la dançado em 1830 o rei Luís Felipe, em Paris, vestindo pantalonas, e não calções curtos), *Été* (antes chamado *Avant Deux*), *La Poule* (pela música imitar cacarejo de galinha), *Pastourelle* (por inspirar-se a música do pistonista Collinet no romance *Gentil Pastora*) e *Chassé Croisé* ou *Galop* (por fazer terminar a dança com animado galope, em que todos os dançarinos mudam de lugar e passam uns na frente dos outros)⁴.

A quadrilha chegou ao Brasil juntamente com a Corte Real Portuguesa em 1808 e se estabeleceu no Rio de Janeiro. Esta dança coletiva, praticada nos bailes da Corte pelos nobres e burgueses, também em bailes públicos, foi rapidamente

⁴ Disponível em: <<http://cliquemusic.uol.com.br/geros/ver/quadrilha>>. Acesso em: 05 ago. 2019.

absorvida pelas camadas populares. Veja a seguir a afirmação da etnomusicóloga Rosa Maria Zamith:

A quadrilha é uma dança de longa existência, havendo dela registros perpassando séculos com variações em tempo e espaço. Resultado da união de elementos de danças européias que se amalgamaram no decorrer do tempo – especialmente modalidades de contradanças que se uniram pouco a pouco e não pararam de se transformar –, ela chega ao Brasil possivelmente no segundo quartel do século 19, como uma das marcas das tradições francesas na cultura brasileira, e tem grande destaque no repertório dos bailes da sociedade fluminense. (ZAMITH, 2007, p. 114)

Seguindo na mesma linha do tempo e espaço, falando sobre a presença da quadrilha no Brasil no século XIX, e como esta dança continuou a se transformar em muitas versões, nos conta a antropóloga Luciana Chianca:

Ao longo dos anos, a quadrilha democratizou-se até se tornar uma dança praticada pelos menos abastados. Essa história pode ser compreendida quando sabemos que uma vez chegadas à corte do Rio de Janeiro as quadrilhas disseminaram-se, entrando nos ricos salões de Salvador, Recife e São Paulo em suas várias versões: “quadrilha de Julien”, “quadrilha de Munsard”, francesa, diplomática, napolitana, de lanceiros e quadrilha *scottish*. (CHIANCA, 2007, p. 50)

As descrições dos viajantes à época do Brasil colonial apresentam as quadrilhas como danças praticadas nos salões ricos da corte, tanto na cidade quanto no campo, e dessa forma, transformou-se nesse processo.

Sobre a apropriação desta dança pelas camadas populares, quando mestiços, indígenas e negros, podem ter introduzido seus modos de tocar e dançar, Chianca diz que:

O que explica esse deslocamento simbólico é o fato político e as implicações culturais da mudança de poder do Brasil republicano, quando os costumes do período colonial e imperial foram desprezados pelas camadas burguesas urbanas e citadinas. Provavelmente nesse momento a quadrilha teria sido abolida das festas dos cidadãos ricos, continuando a ser dançada pela população mais distante dos grandes centros urbanos, os interioranos – geograficamente e simbolicamente defasados com suas danças já “fora de moda”. (CHIANCA, 2007, p. 50)

Percebe-se que a musicalidade da quadrilha francesa não perdurou até os dias atuais, sofrendo adaptações rítmicas e também coreográficas. Com o passar dos anos as valsas e minuetos foram substituídas por ritmos predominantemente nordestinos, de matrizes culturais afro-ameríndias, como define Zeca Ligiero (2011) tais como xaxado, marcha, galope, baião, coco, e outras variantes.

As camadas populacionais negras e indígenas eram proibidas do direito às práticas de suas tradições, rituais, costumes, religiosidades, entre outros, criaram estratégias de continuidade, (re)criação e (re)significação de danças, rituais e práticas do colonizador, o que justifica muitas expressões de nossa cultura popular trazer em suas características elementos das culturas diferentes. Todavia, na medida em que se aprofunda esses entendimentos, podemos ver que foram situações forçadas pelas circunstâncias, foram formas de resistência e sobrevivência de práticas culturais ancestrais.

Sobre uma possível modificação ou adaptação da musicalidade da quadrilha encontramos uma ilustração disso na marcha junina denominada *Piriri* composta por João Alves e Albuquerque, gravada pelo artista Luiz Gonzaga, em 1965:

*Pra dançar quadría
No sertão é mais mió
Sanfoneiro e violeiro
Tomam conta do forró
Não precisa orquestra
Pra animar a festa
No fungado da sanfona
Vai-se até nascer o sol
Piriri, piriri, piriri
Toca o fole na paióça
Piriri, piriri, piriri
Como é bom São João na roça*

No primeiro verso o autor sugere que é mais interessante dançar quadrilha no sertão, por conta da presença da viola e da sanfona que proporcionam determinados ritmos musicais, que são do agrado do povo sertanejo, do que num outro local, que pode ser tanto a capital, a zona urbana, ou talvez até a própria Europa, de onde esta dança se origina. No segundo verso o compositor dispensa a orquestra, um recurso complexo, e se satisfaz apenas com a sanfona, sendo o suficiente para animar a festa.

Podemos observar a partir da pesquisa de Ligiéro (2011), que desde meados do século XIX, houveram assimilações entre expressões europeias e africanas:

No ambiente urbano, as comunidades afro-brasileiras criariam novos estilos de tocar, dançar e cantar o velho batuque. Eles mantiveram seus tradicionais ritmos africanos, mas incorporaram novas práticas, tons e melodias, resultando em novas performances, entre as quais a fofa e o lundu são as mais conhecidas. Esses afro-brasileiros estabeleceram trocas com os estilos euro-brasileiros, adotando e adaptando modalidades já existentes de música e dança como o maxixe e o fandango. (LIGIÉRO, 2011, p. 142)

Dando um salto no tempo e na história, tentando compreender como foram transformadas as configurações rítmicas e coreográficas da quadrilha originalmente europeia para um formato “abrasileirado”, com elementos indígenas e africanos, chego aos meados do século XX.

Fortemente marcado pelo surgimento das rádios, das emissoras de TV e pela cultura de massa como um todo, alguns artistas foram responsáveis por fixar alguns ritmos e danças ao longo dos anos. Quero citar como exemplo o pernambucano Luiz Gonzaga que, estando no Rio de Janeiro e gozando de visibilidade midiática, passou a cantar ritmos e canções nordestinas que foram amplamente divulgadas em âmbito nacional.

Luiz Gonzaga nasceu no dia 13 de dezembro de 1912, na Fazenda Caiçara, em Exu, sertão de Pernambuco, região Nordeste. Nas palavras da historiadora Claudia Vasconcelos:

Um território geográfico e político insistentemente identificado no imaginário nacional como o lugar do atraso, da seca, portanto, da pobreza material, do analfabetismo, da religiosidade popular exacerbada e de um tipo de violência associado ao mundo rural (cangaço e luta pela posse de terras). (VASCONCELOS, 2019, p. 03)

Gonzaga cresceu ajudando o pai na roça e na sanfona, aos 13 anos, com o dinheiro que juntou Luiz comprou sua primeira sanfona. O primeiro dinheiro que ganhou foi tocando em um casamento. Em 1929, com 17 anos, por causa de um namoro proibido, Luiz deixou a casa, vendeu sua sanfona e fugiu para Fortaleza,

onde busca no Exército uma vida melhor. Com a Revolução de 30, viaja pelo país. Era o corneteiro da tropa.

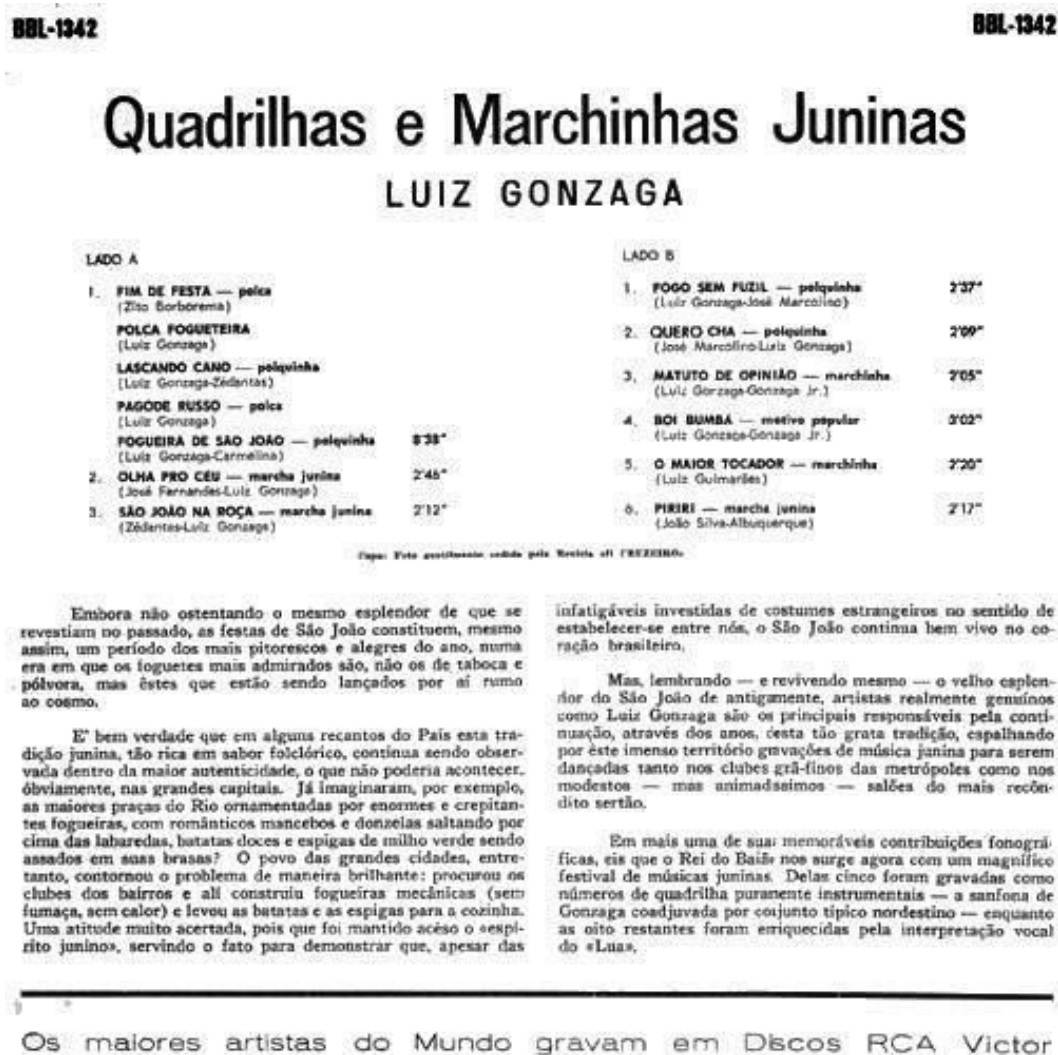
Em 1939, Luiz Gonzaga deixa o Exército mas ficou no Batalhão de Guardas do Rio de Janeiro. Logo, Luiz estava tocando nos bares do Mangue, em busca de trocados. Acabou sendo convidado a tocar nos cabarés da Lapa. Nessa época, seu repertório eram tangos, fados, valsas, foxtrotos, dentre outros. No mesmo período apresenta o *Vira e Mexe* no show de calouros da Rádio Tupi, coordenado por Ari Barroso, o mais cotado da época, e consegue nota máxima e um bom prêmio em dinheiro (VASCONCELOS, 2019, p. 06).

No dia 14 de março de 1941, Luiz gravou dois discos como solista de sanfona. No primeiro: a mazurca *Véspera de São João e Numa Seresta*. No segundo: *Saudade de São João del Rei e Vira e Mexe*, o premiado “chamego” de sua autoria. Fez carreira no rádio e começou a luta para cantar e gravar as músicas nordestinas. Foi em busca de um parceiro nordestino e conhece o advogado cearense Humberto Teixeira. Sua música agora seria acompanhada de sanfona, triângulo e zabumba. Entre os sucessos da parceria, destacam-se: *Baião, Asa Branca, Kalu, Paraíba, Assum Preto*, dentre outras. Se consagrou, a partir dos anos 1940 e 1950, como o *Rei do Baião*, chamado também de *Mestre Lua* ou *Gonzagão*.

Figura 3 - Capa do LP *Quadrilhas e Marchinhas Juninas*, lançado em 1965



Fonte: *Google*.

Figura 4 - Contracapa do LP *Quadrilhas e Marchinhas Juninas*, lançado em 1965

Fonte: Google.

Dentre toda a importante obra de Gonzagão gostaria de destacar os LP's *Quadrilhas e Marchinhas Juninas*, volumes 1 e 2, lançados em 1965 e 1979, respectivamente. Desde então as composições destes álbuns, como por exemplo a marcha junina "Olha Pro Céu", embalam festas juninas em toda parte do Brasil. Sobre Gonzagão, "sua presença no imaginário nacional até os dias de hoje, especialmente no período das festas juninas, ainda é muito marcante, tendo visibilidade também em âmbito mundial" (VASCONCELOS, 2019, p. 03).

Figura 5 - Capa do LP *Quadrilhas e Marchinhas Juninas Volume 2*, lançado em 1979



Fonte: *Google*.

Buscando caminhos para compreender como os aspectos musicais das quadrilhas francesas se transformaram e como os ritmos, e outras simbologias, nordestinas brasileiras se tornaram sinônimo de tradição e autenticidade das quadrilhas, vejo a obra de Luiz Gonzaga, e principalmente os álbuns citados, como um caminho de fortalecimento destas referências.

Na contracapa do *LP Quadrilhas e Marchinhas Juninas*, lançado em 1965, há um texto, onde não se identifica o autor, que exalta a importância do repertório musical ali apresentado para a continuação da tradição da música junina em todo o Brasil. Observe abaixo este trecho:

Mas, lembrando – e revivendo mesmo – o velho esplendor do São João de antigamente, artistas realmente genuínos como Luiz Gonzaga são os principais responsáveis pela continuação, através dos anos, desta tão grata tradição, espelhando por este imenso território gravações de música junina para serem dançadas tanto nos clubes grã-finos das metrópoles como nos modestos – mas animadíssimos – salões do mais recôndito sertão. (Autor não identificado, 1965)

Sobre o repertório musical o texto prossegue dizendo que “delas, cinco foram gravadas como número de quadrilha puramente instrumentais – a sanfona de Gonzaga coadjuvada por conjunto típico nordestino [...]” demonstrando também um período de transição entre o repertório instrumental e as canções com letra, pois prossegue dizendo que “as oito restantes foram enriquecidas pela interpretação vocal do ‘Lua’”.

A obra musical de Luiz Gonzaga não se pretende ser objeto de investigação nesta pesquisa, mas aponto como desdobramento. Carece de pesquisas posteriores neste sentido sem dúvida, mas o que se está levando em consideração aqui é a predominância deste artista e de suas composições musicais nas festas, grupos e espetáculos juninos pelo Brasil afora.

Quando observo as danças indígenas, a exemplo do *Toré*, com forte marcação dos pés, em sintonia com o toque dos maracás e cantigas rituais, marcando o tempo forte do ritmo, vejo semelhança com a movimentação de outras danças nordestinas brasileiras, que reproduz uma enérgica batida de pés, como o côco de roda, o pisa-pólvora, o samba de panelha e o xaxado⁵. Estas danças fazem parte do ciclo junino de festas brasileiras, geralmente acompanhado de instrumentos percussivos, a exemplo do instrumento zabumba.

Segundo José *Nhenety* (GERLIC; SOUSA, 2005)⁶, guardião da memória da etnia *Kariri-Xocó* (do município Porto Real do Colégio, Alagoas) “o termo *Toré* provém do idioma tupi, instrumento de sopro usado no canto” e, fazendo referência à dança circular, diz que sua forma “acompanha os movimentos dos fenômenos, a estrutura arredondada da terra, sol e lua” e descrevendo um pouco a respeito da execução desta dança *Nhenety* continua: “as mãos dadas no *Toré* é a união grupal pela tradição, pisando no solo sagrado com pingos de suor no esforço coletivo de afirmação étnica” (GERLIC, SOUSA, 2005).

⁵ Dança de origem pernambucana que teve sua divulgação e afirmação através do movimento do cangaço e o bando de Lampião.

⁶ A cartilha *Cantando as Culturas Indígenas* foi produzido pela ONG Thydêwá, em conjunto com professores indígenas de sete etnias do Nordeste brasileiro. Não são numeradas as páginas.

Figura 6 - Dança do *Toré*, etnia *Kariri-Xocó*, Reserva *Thá Fene*, Lauro de Freitas, Bahia, 2007



Foto: Paolo Mendes Veras.

Ainda sobre o *Toré*, a professora indígena Wilman *Pataxó Hâhãhãe*⁷ (município de Pau Brasil, sul da Bahia), diz que compõem cantigas e as utiliza como recurso importante em processos de ensino aprendizagem com crianças e jovens da comunidade, fazendo perceber a movimentação característica desta dança, de pisar os pés no chão com bastante força, através das seguintes composições (GERLIC; SOUSA, 2005):

[...]
 Com o rosto pintado, maracá na mão,
 Com o rosto pintado, maracá na mão.
 Nós vai a nossa luta com Tupã no coração,
 Nós vai a nossa luta com Tupã no coração.
 Nós pisa aqui, pisa ali, pisa acolá,
 Nós pisa aqui, pisa ali, pisa acolá.
 Nós chegou foi com Tupã, com tupã nós chega lá,
 Nós chegou foi com Tupã, com tupã nós chega lá.

⁷ Atua no Ensino Fundamental I na Escola Estadual Indígena Caramuru (Pau Brasil, Bahia).

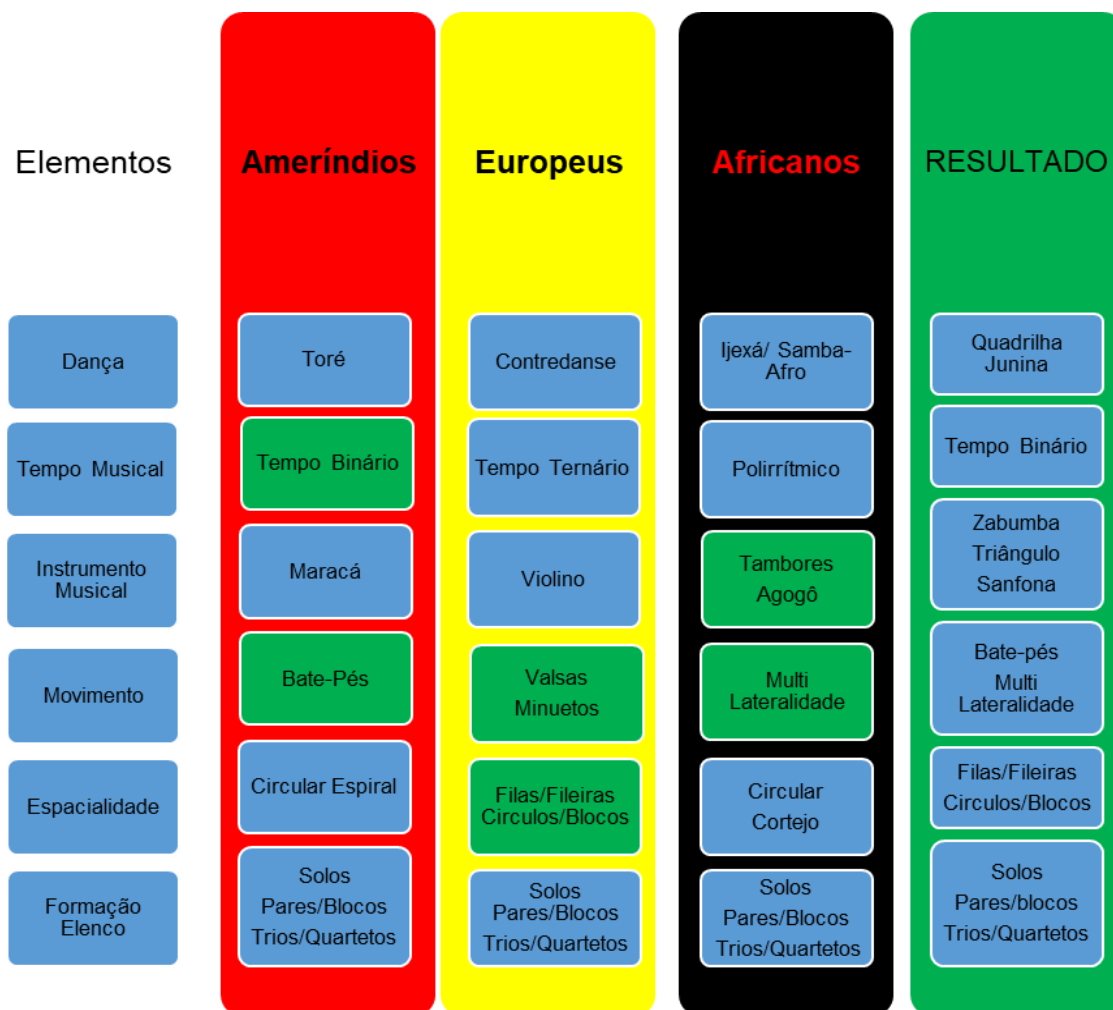
[...]
*Meu papagaio seu canto é bonito, que veio tão lindo do lado de lá,
 Meu papagaio seu canto é bonito, que veio tão lindo do lado de lá.
 Pisa, pisa, quero ver pisar. Terreiro dos índios de Ororubá!
 Pisa, pisa, quero ver pisar. Terreiro dos índios de Ororubá!*

O verso "pisa, pisa, quero ver pisar" demonstra literalmente o movimento que se executa nesta dança. O ato de pisar o chão, visto no *Toré*, também se vê no côco, na marcha, no xaxado, dentre outras danças. Gesto carregado de significados existenciais e simbólicos, a exemplo da relação com o centro da terra. As assimilações com a cultura indígena se deram não apenas no aspecto artístico musical ou coreográfico, mas também no aspecto do sentido ou motivo da festividade. Ou seja, a quadrilha europeia passou a ser dançada aqui no Brasil pelos povos mestiços, incorporando algumas movimentações e gestos indígenas e também numa época do ano em que ocorriam as colheitas, grande motivo de celebração por parte dos indígenas, inclusive com a presença da fogueira. Sendo assim *Nhenety* afirma que:

Para haver um *toré* é necessário ter um motivo de alegria. Na agricultura, por exemplo, os agricultores aprenderam essa atividade com outras pessoas da tribo, mas eles só serão reconhecidos pelo grupo quando plantarem, cuidarem da lavoura, pedirem as bênçãos do Deus Criador para ter uma boa colheita e apresentarem no *Toré*, o milho bonito e saudável. O canto atesta o sucesso de qualquer atividade cultural [...]. (GERLIC; SOUSA, 2005)

Numa tentativa de entender quais elementos artísticos compõem as quadrilhas juninas no Brasil a partir da reunião de aspectos das diversas culturas que se entrecruzaram no território brasileiro, desenvolvi este diagrama abaixo, supondo algumas contribuições culturais ameríndias, africanas e europeias. Não há dúvida que se faz necessário uma pesquisa aprofundada sobre esta questão, analisando com atenção os aspectos rítmicos e coreográficos que na quadrilha se estabelecem.

Diagrama 1 - Contribuições das diversas matrizes culturais para as quadrilhas juninas no Brasil



Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Sendo assim, observo que as danças indígenas colaboraram sensivelmente para movimentação corporal dos ritmos e danças nordestinos mencionados, caracterizando parte do modo de dançar quadrilha no Nordeste brasileiro e contribuindo para o formato *Arromba Chão*, utilizado na década de 1980 entre as quadrilhas de Salvador e Região. Também chamado de *passo marcado*, o estilo *arromba chão* se configurava em bater os pés fortemente contra o chão, marcando o tempo forte do ritmo da Marcha, reproduzido pelo instrumento percussivo zabumba, de modo a promover sonoridade através dos tablados de madeira, que serviam de palco nos concursos de quadrilhas.

De acordo com a pesquisa do etnomusicólogo e instrumentista paraibano Gledson Dantas, sobre a zabumba ele diz:

Classifica-se como um instrumento membranofone, um tambor cujo som é obtido quando se percute uma membrana (ou mais de uma). É um tambor cilíndrico oco, que tem suas extremidades cobertas por duas membranas, uma em cada lado, onde uma produz um som grave e a outra um som mais agudo. (DANTAS, 2014, p. 62-63)

Figura 7 - Luiz Gonzaga e seu trio de forró com zabumba, sanfona e triângulo⁸



Fonte: Google.

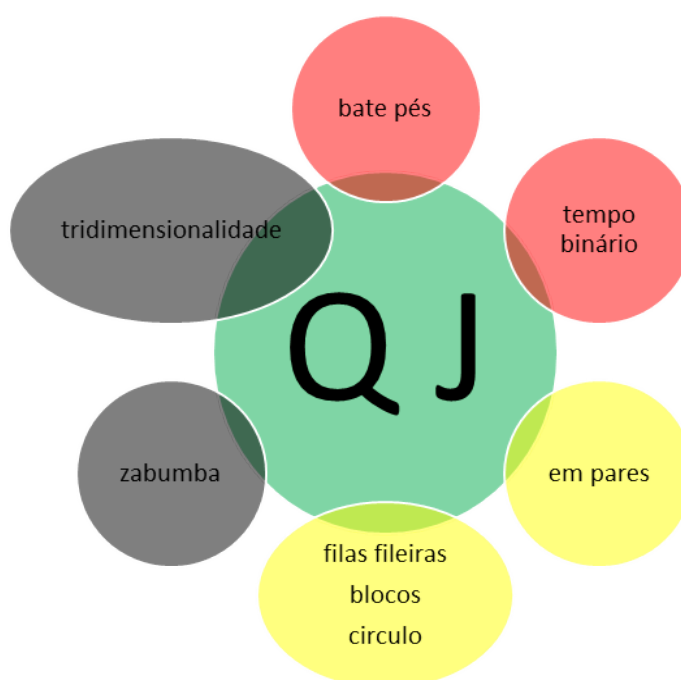
Darei maior atenção e detalhes ao estilo *Arromba Chão*, ou *passo marcado*, no segundo capítulo, onde apresento também o estilo *Elite* ou *Luxo*, que se contrapõe ao primeiro no modo de vestir e dançar.

Em resumo ao diagrama acima, que apresenta diversas possibilidades de elementos, apresento no diagrama abaixo que a quadrilha junina (Q. J.) traz em si os

⁸ Disponível em: <<https://musicariabrasil.blogspot.com/2012/06/luiz-gonzaga-e-cem-sua-vida-de-viajante.html>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

movimentos de bate-pés e o tempo (pulsção rítmica musical) binário do ameríndio; a configuração dos dançarinos em pares e a espacialidade em filas, fileiras, blocos e círculos mantida da base europeia; a contribuição africana se personifica no zabumba, o principal, e um dos instrumentos musicais percussivo utilizados para marcar os ritmos nordestinos, e a movimentação tridimensional, com giros, flexões de tronco, braços e pernas com grande variedade de direções e os deslocamentos espaciais de todo o grupo.

Diagrama 2 - Elementos que compõem as quadrilhas juninas do Brasil



Fonte: autoria de Soiane Gomes.

A dança da quadrilha tem como característica marcante as sucessivas transformações e adaptações rítmicas e coreográficas que ocorreram desde a sua origem na Europa, quando da *country dance* inglesa se tornou *contredanse* francesa e posteriormente absorveu figuras espaciais da *cotillon*. E com o advento da colonização esta dança ganhou o mundo e em cada lugar se reconfigurou de maneiras diferentes. O diagrama acima é minha observação dos elementos que caracterizam a quadrilha no Brasil, no Nordeste e na Bahia, respeitando que existem diversos formatos de quadrilha junina pelo Brasil afora.

Diante de tantas diferentes configurações das quadrilhas juninas brasileiras, se faz necessário “aprender um outro ABC” na tentativa de entendimento do modo soteropolitano de fazer quadrilhas, objeto desta pesquisa. Esse “outro ABC” diz respeito a uma busca por pesquisas anteriores que possibilite compreender as transformações estéticas das quadrilhas, estimuladas (ou não) pelos concursos televisivos e pela carência de políticas públicas para o referido segmento cultural.

1.2 LÁ NO MEU SERTÃO, PROS CABOCLO LÊ TÊM QUE APRENDER UM OUTRO ABC: ENTENDIMENTOS SOBRE QUADRILHAS JUNINAS E OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

*Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender um outro ABC
O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê
Até o ypsilon lá é pissilone
O eme é mê, o ene é né
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê
A, bê, cê, dê
Fê, guê, lê, mê
Nê, pê, quê, rê
Tê, vê e zê*
(Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1953)

Quando percebi que sobre as quadrilhas juninas da Bahia haviam poucas pesquisas acadêmicas, me vi num desafio para “narrar” a história da quadrilha soteropolitana, pois para tal “tive que aprender um outro ABC”. Conheci alguns trabalhos acadêmicos sobre quadrilhas de outros estados e inicio meus escritos com algumas reflexões e impressões, enquanto cursava disciplinas como aluna especial em quatro programas diferentes, de 2007 a 2015, na tentativa de ingressar finalmente como aluna regular.

Depois de um certo tempo tive acesso à dissertação *SÃO JOÃO DO PELÔ: (Re)significações da Tradição no Espetáculo Junino* apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal da Bahia, de Catarina Santos (2014), que se debruçou sobre o evento junino “São João do Pelô”

promovido pelo Governo do Estado, onde as quadrilhas tinham palco para um concurso estadual que ocorreu de 2008 a 2013, situado na Praça Municipal.

Para compreender a lógica da festa no geral e da participação dos grupos de quadrilhas juninas, Santos (2014) conversou com alguns quadrilheiros e com a gestão do campeonato buscando transmitir o que significava quadrilha e a importância deste evento para o segmento.

A pesquisa de Santos trouxe contribuições importantes para o entendimento das transformações socioculturais relacionadas às festas juninas que reverberam na espetacularização das quadrilhas, reflexões a partir de autores como Canclini (2000), Castro (2012) e Chianca (2010).

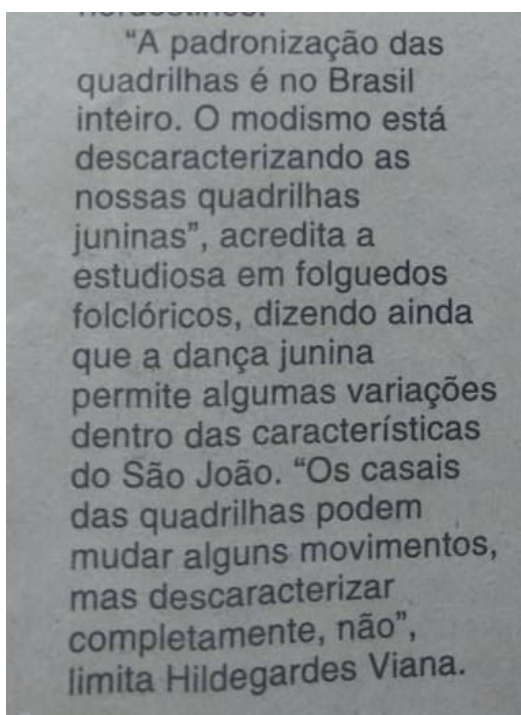
Segundo Santos (2014, p. 123) “as transformações culturais que as quadrilhas sofreram correspondem a uma forma de adaptação a novas realidades sociais e aos novos sujeitos”. A autora se refere ao convívio entre o tradicional e o moderno, entre o rural e o urbano e que, “não se valorizam as manifestações culturais que se reinventaram sob novos contextos e novos atores”.

A autora passa então a refletir as particularidades dos concursos, os critérios exigidos, as normas, os tempos preestabelecidos para as apresentações e as consequências disso, que interfere na espontaneidade com que os grupos agiam até então, chegando a afirmar que, “com passos previamente ensaiados e marcados, o improviso é completamente abominado” (SANTOS, 2014, p. 125), apontando de que maneira os concursos tem ação de interferência naquilo que tem em sua essência a espontaneidade.

Pouco a pouco os critérios dos concursos foram provocando uma “padronização” das quadrilhas, pois, para serem premiadas, as quadrilhas foram investindo cada vez mais no “espetáculo” introduzindo recursos onerosos como cenários, contratações de profissionais, aprimoração dos figurinos e adereços, no intuito de se aproximarem esteticamente de outros grupos premiados. Ao longo dos anos, o retorno financeiro das premiações de concurso ficou desproporcional aos gastos para a produção dos espetáculos, exclusivos para concursos.

Observe a seguir um importante comentário da folclorista baiana, Hidelgardes Viana, em entrevista ao jornal A Tarde, a respeito da padronização, ou descaracterização, dos grupos juninos em âmbito nacional.

Figura 8 - Recorte do Jornal A Tarde, 17/06/2000



"A padronização das quadrilhas é no Brasil inteiro. O modismo está descaracterizando as nossas quadrilhas juninas", acredita a estudiosa em folguedos folclóricos, dizendo ainda que a dança junina permite algumas variações dentro das características do São João. "Os casais das quadrilhas podem mudar alguns movimentos, mas descaracterizar completamente, não", limita Hidelgardes Viana.

Fonte: acervo Cid Brito.

Meu entendimento sobre a situação na qual hoje as Quadrilhas Juninas da cidade de Salvador se encontram é que as dificuldades de manutenção dos grupos se dá pela falta de políticas públicas na área cultural. Também devido às desigualdades sociais e econômicas no Brasil, advindas do período escravocrata e que se perpetua através do racismo institucional e estrutural.

Há, paralelamente, a perda de poder de decisão dos grupos juninos, diante das "regras" impostas pelas mídias, patrocinadores e federações representativas. Estas representações contribuem para a espetacularização da cultura junina, estimulando a super produção de espetáculos temáticos, gerada pelo caráter demasiadamente competitivo em que os concursos se estabeleceram.

O que antes era uma brincadeira na comunidade ou na escola, no período das festas juninas, foi tomando uma proporção maior no intuito de participar de

concursos populares, "de bairros", cada vez mais disputados. Todo esse movimento de concursos populares de quadrilhas chamou a atenção de algumas emissoras de TV em Salvador, que passaram a produzir seus próprios concursos, a exemplo da TV Itapuã com o concurso Ao Pé da Fogueira e a TV Aratu com o concurso Arraial do Galo. Tais eventos estimularam o surgimento das quadrilhas estilizadas ou "de competição", tendo em vista que os grupos juninos passaram a elaborar complexas coreografias e composições musicais, a partir de temas diversos, deixando de lado características tradicionais ou "matutas".

Figura 9 - Revista do Campeonato Baiano de Quadrilhas Juninas Arraial do Galo, 1989



Fonte: acervo Ricardo Argôlo.

Vi pela primeira vez, entre as décadas de 1980 e 1990, através de transmissão do concurso televisivo intitulado Ao Pé da Fogueira, realizado pela TV Itapuã, as quadrilhas juninas estilizadas. Os grupos de quadrilha tradicional ou quadrilha matuta, passaram a elaborar grandes espetáculos juninos, para participarem deste concurso específico. As eliminatórias deste concurso eram gravadas aos sábados na quadra de esportes do SESI, bairro do Retiro, e a grande

final era gravada no extinto Ginásio de Esportes Antônio Balbino, o Balbininho, e transmitida aos domingos pela manhã, nos meses de maio e junho.

As gravações e transmissões dos concursos atraíam grande número de pessoas como plateia e telespectadores, bem como incentivava o surgimento de novos grupos a cada ano. No ano de 1989 o Arraial do Galo produziu uma revista exclusiva contendo os nomes de todas as 71 quadrilhas adultas participantes, divididas em 6 subgrupos e também entrevistas com pessoas da época.

Vi pela primeira vez, ao vivo, as apresentações das quadrilhas juninas, quando acompanhei a quadrilha Arraiá da Alegria no dia em que apresentaram no concurso Arraial do Galo, ano de 1993, realizado no Estacionamento São Raimundo no Vale dos Barris, centro de Salvador. Lembro que era uma arena, um picadeiro com lona de circo, as arquibancadas lotadas, sendo muito difícil conseguir entrar, sentar e assistir às apresentações.

Passado tantos anos, os locais destinados aos concursos de quadrilha, ainda continuam sem acomodações adequadas, onde o público que deseja assistir as apresentações é grande e geralmente, ficam posicionados na área externa aguardando uma oportunidade de acesso, isso demonstra o interesse da comunidade em prestigiar as quadrilhas, mas ainda sem estruturas que lhe acolham de maneira satisfatória.

Ainda sobre a minha primeira experiência num concurso televisivo, percebi que as pessoas chegavam com bastante antecedência, vinham das mais diversas direções de Salvador para torcer pelas quadrilhas dos seus bairros, por isso a arquibancada lotava em poucos minutos. Eu assisti ao evento pelas frestas, por debaixo das arquibancadas, por entre as pernas das pessoas, vendo uma parte, depois outra, ouvindo os gritos das torcidas, uma hora o início, outra hora o final. Escutava o mestre de cerimônia apresentar os grupos, falar o tema, o bairro de origem, o ano de fundação, o nome dos principais autores das coreografias e músicas.

Os processos de espetacularização da quadrilha junina em Salvador passou a acontecer gradativamente, sem que pudéssemos nos dar conta, a partir de tais programas televisivos. Os grupos serviam de atração e motivo de audiência para as

emissoras e estes, por sua vez, se desdobravam de todas as formas para elaborar melhor seus espetáculos e trazer sempre "novidades" que lhes garantisse o prêmio no pódio.

Nesse sentido, a abordagem feita nesta pesquisa valoriza o olhar de dentro, que é o de pessoas da comunidade, quadrilheiros envolvidos nestas produções, e o olhar de fora, o olhar de pesquisadores que trazem conhecimentos significativos para compreensão das dinâmicas culturais e suas relações com a contemporaneidade.

A seguir, apresento uma relação dos grupos, na ordem de apresentação, em um Campeonato de Quadrilhas Juninas no ano de 1989.

Figura 10 - Revista do Concurso de Quadrilhas Juninas Arraial do Galo, TV Aratu. 71 grupos categoria adulto, 1989

GRUPOS DE APRESENTAÇÃO (CATEGORIA ADULTO)		
GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3
<ul style="list-style-type: none"> • K Pra Nós • Forrobodó • Aqui Cheguei • Bate Coração • Xorroxó • 20 Vê • Alegria • Arraia da Paz • Força Jovem • Marrom Doçura • Beijo Doce 	<ul style="list-style-type: none"> • Salário Mínimo • Revelação • Gira Girou • Flor da Manhã • Pinga Fogo • Girassol • Bem-Te-Vi • Campestre • Denguinho de Yayá • Desejo • Briho do Sol • Brega Chique (T. Neves) 	<ul style="list-style-type: none"> • Mundo da Lua • Ipeca • Fogaréu • Socmar • Cabula 1 • R. D. U. • Doce Veneno • Arrasta Pé • Pura Loucura • Emenda • Cochilou, Cachimbo Cai • Busca Pé
GRUPO 4	GRUPO 5	GRUPO 6
<ul style="list-style-type: none"> • Amizade de Paripe • Rosa Vermelha • Aeróbica Oxigênio • Arrôcho Na Roça • Última Hora • Milho Verde • Margaridas (Salinas) • Vai Não Vai • Esperança • Em Festa • Cambalacho • Jabaculé 	<ul style="list-style-type: none"> • Simplicidade • Jaqueirinha • Come Dorme • Pau de Arara • Em Cima da Hora • Tia Jú • Arco Iris • União de Quadrilha • Flor do Campo • Ripa na Chulipa • Falta Mais Um • Bem-Me-Quer 	<ul style="list-style-type: none"> • Dê K Um Beijo • Forró do ABC • Koisa Nossa • Balão Beijo • Alto da Esperança • Vai Quem Pode • Tia Azul • Camponeses • Boiadeiro • Balão Mágico • CIA • Amizade

Fonte: acervo Ricardo Argôlo.

Esta publicação demonstra a grande quantidade de quadrilhas juninas que buscavam participar do referido concurso, sendo necessário dividir em seis grupos, ou seis eliminatórias, para que todas pudessem se apresentar. Algumas das quadrilhas citadas acima tinham também seu elenco infantil, chamados de quadrilhas mirins. Retomando as discussões em que se direcionam esse capítulo, trago um entendimento sobre "espetacularização", a partir do autor José Jorge de Carvalho (2012), que a define como:

a operação típica da sociedade de massas, em que um evento, em geral de caráter ritual ou artístico, criado para atender a uma necessidade expressiva específica de um grupo e preservado e transmitido através de um circuito próprio, é transformado em espetáculo para consumo de outro grupo, desvinculado da comunidade de origem. (CARVALHO, 2012, p. 47)

A partir desta citação de Carvalho, faço relação com os concursos de quadrilhas juninas que são produzidos e realizados por emissoras de TV desde a década de 1970 em Salvador. Estes eventos televisivos, colaborou para a extinção dos concursos de bairros, produzidos pelas próprias comunidades, e pressionou indiretamente para a inclusão de novos e dispendiosos elementos às apresentações, a exemplo da contratação de profissionais de dança e música, externos à comunidade, inclusão de cenários e efeitos especiais, o que trouxe aumento das despesas, a falta de retorno dos eventos e a consequente paralisação das atividades de inúmeros grupos juninos.

Confirmando essa afirmação, trago pelas vozes dos sujeitos envolvidos com essa temática suas impressões a respeito dessa questão:

Tem coisas que eu não concordo nas quadrilhas de hoje, esse exagero de tanto gasto. Hoje se você não for bem vestido, se você não tiver roupa cheia de pedras, como nós (Quadrilha Imperatriz do Furró) no ano passado, fomos criticados por um jurado, que a roupa não tinha brilho! Entendeu? [...] a tradição pode acabar por motivo de custos. – E a premiação do concurso? – não cobre! Você gasta 50 (mil) e você recebe, dependendo do lugar, 5, 4, 3, 8 (mil) [...] (LOBO, 2019)

Neste depoimento, Dona Nenca, como é carinhosamente chamada a senhora Altamira Lobo, presidenta da quadrilha Imperatriz do Furró, sendo ela mesma a imperatriz homenageada pelo nome do grupo, está se referindo ao concurso da TV Bahia, realizado em Salvador pela primeira e única vez em 2018, ocasião em que o profissional responsável em julgar o quesito Figurino observou, em planilha de notas, que “faltava brilho” à indumentária do grupo.

Tal crítica, do referido avaliador, os levou a investir em "novas tendências" em figurinos e sapatos no ano seguinte, 2019. Sobre as "novas tendências" Dona Nenca diz:

Hoje tem que ser umas lindas botas, cada uma mais bonita que a outra. Você pra ornamentar uma bota hoje, você tem que comprar não sei quanto de manta, de pedras, pra ela ficar brilhando. E antes era uma sandalhinha de couro. E a exigência do luxo acaba dificultando e pode terminar as raízes por conta disso. (LOBO, 2019)

Neste caso, as exigências comentadas por D. Nenca acerca dos concursos televisivos, demonstra de forma enfática o funcionamento da indústria do entretenimento, os quais têm estreita relação com o termo "espetacularização", como ainda explica Carvalho:

[...] este termo procura exprimir a percepção e a consciência de que as culturas populares estão sendo expostas a um movimento crescente e contínuo de invasão, expropriação e predação, conectado basicamente com a voracidade das indústrias do entretenimento e do turismo e também com a cooptação de artistas populares por parte de políticos regionais populistas. (CARVALHO, 2012, p. 41)

As comunidades representadas por suas Quadrilhas Juninas, sequer percebiam que estavam sendo exploradas por esses programas que buscavam audiência, pois se sentiam valorizadas ao "sair na televisão". Para aparecer nos programas e vencer os concursos, as quadrilhas passaram a investir cada vez mais nas novidades como trocas de figurinos, alegorias, muitos adereços, contratação de atores e bandas, dentre outras coisas que deixavam os orçamentos cada vez mais caros. Com o passar dos anos ficou impossível manter o nível e pagar as contas, sendo assim muitos grupos deixaram de sair e encerraram as atividades.

A quadrilheira e arte-educadora Solange Simões, fundadora e presidente da extinta Quadrilha Pinga Fogo, do bairro do Uruguai, faz uma importante reflexão sobre os concursos televisivos:

A televisão nunca respeitou de verdade o trabalho dos quadrilheiros. Na época em que a gente participava era super legal, a gente gostava, mas quando você vai fazer uma análise crítica, de como é a

sua participação, quem se beneficiava era a televisão. Mostrava o nosso trabalho e nós, inclusive, éramos maltratados lá, quando a gente ia para as reuniões, era super complicado. Tinha todo um contexto de maltrato, pela questão do preconceito. (SIMÕES, 2020)

Este preconceito, o qual se refere a Solange Simões, estava relacionado ao contexto socioeconômico dos quadrilheiros, pois se tratavam de pessoas pretas e pobres oriundas dos bairros periféricos de Salvador, que eram discriminadas pelos coordenadores das emissoras de TV. Este preconceito e discriminação, que advém das elites dominantes, devido o sistema escravocrata, se aplica à toda expressão da cultura popular, geralmente construído pelas comunidades indígenas, negras e pobres em todo o Brasil.

Ainda com relação aos concursos, o professor de Educação Física, e quadrilheiro, Agnaldo Espiridião, fundador da extinta Quadrilha Balão Beijo, do bairro do Pau Miúdo diz:

Concurso de televisão a gente sentia a estrutura, as condições, e não tinha ajuda nenhuma pra facilitar uma compra de tecidos, uma loja que desse um abatimento lá, em troca de propaganda. Nada! Nem transporte, nada disso. O transporte era por nossa conta, ou alguém conseguia emprestado com alguma empresa ou a gente fazia pedágio e alugava o ônibus. (ESPIRIDIÃO, 2019)

O comentário de Agnaldo Espiridião nos revela que a manutenção das quadrilhas na Bahia se dá apenas através do investimento de seus diretores e dançarinos que pagam carnê mensal e, após o espetáculo pronto, fazem apresentações em troca de míseros cachês e participam de escassos concursos de quadrilhas, cujas premiações não atingem sequer a metade dos investimentos.

Os grupos juninos da Bahia e de Salvador não contam com políticas públicas para a cultura junina, não têm edital próprio, não são reconhecidas como expressão cultural que mereçam proteção do Estado, não captam verba pública e a Federação Baiana de Quadrilhas em 13 anos nunca desenvolveu nenhum projeto de emancipação e autonomia dos grupos, somente acirrou a competitividade através da promoção de concursos.

Segundo o produtor Carlos Borges da TV Aratu, presente na imagem que veremos em seguida, no ano de 1989 participavam do concurso Arraial do Galo “mais de 150 quadrilhas envolvendo milhares de dançarinos populares, músicos e organizadores, num universo que ultrapassa as 100 mil pessoas”, em suas palavras.

Apresento abaixo um importante documento, emitido pela própria emissora TV Aratu, promotora do concurso Arraial do Galo, onde se apresenta um texto redigido por Carlos Borges onde ele justifica a “retomada” da realização do Arraial do Galo como estímulo ao “momento de estagnação” em que vivia o movimento de quadrilhas. Isso me leva a perceber que este concurso já se realizava em anos anteriores, suspendeu atividades por um tempo e que nesta ocasião estava retornando com a certeza do sucesso, dizendo conhecer bem “o meio” e tendo prévia experiência em “muitos concursos similares”.

Esta certeza vinha da inegável importância que o movimento de quadrilhas demonstrava enquanto atividade cultural na Bahia, pois era garantia de muita audiência, tanto nas gravações ao vivo que “superlotavam ginásios”, quanto de telespectadores que assistiam em suas casas. As aparições das quadrilhas na televisão era algo que mobilizava suas comunidades, tanto nas produções em dança e música, bem como na apreciação dos espetáculos juninos depois de prontos.

Figura 11 - Carlos Borges, Gerente de Produção da Tv Aratu e concurso Arraial do Galo, 1989



Fonte: acervo Ricardo Argôlo.

Transcrevo na íntegra o referido texto:

Quando surgiu a ideia de retomar a realização do "Arraial do Galo" na TV ARATU tínhamos nas mãos não só a certeza de que as chances de sucessos eram ponderavelmente grandes, como acreditávamos que o chamado "movimento quadrilheiro" baiano, vivia um momento de estagnação, precisando de novos estímulos. Conhecendo o meio como conhecemos e com a experiência de muitos concursos similares, chegamos à conclusão que as inovações postas em prática no "Arraial do Galo" vão colocá-lo muito à frente em matéria de concurso de quadrilhas.

Houve um tempo em que fazer quadrilha junina era o resultado unicamente de esforço pessoal, amor e dedicação. Esse esforço, amor e dedicação permanecem vivos, mas fazer quadrilha é hoje uma atividade cultural importantíssima. São mais de 150 quadrilhas envolvendo milhares de dançarinos populares, músicos e organizadores, num universo que ultrapassa as 100 mil pessoas.

Os concursos oficiais – pelo menos quatro deles podem ser considerados de grande porte – superlotam ginásios e revelam a força de uma cultura popular que, se esteve ameaçada, hoje é vibrante e entusiasmada.

A TV ARATU faz o “Arraial do Galo” com seriedade e profissionalismo respeitando as regras dos “Quadrilheiros” oferecendo prêmios nunca vistos e uma organização impecável. Afinal de contas, ARRAIÁ É COISA SÉRIA. (BORGES, 1989)

Figura 12 - Material de divulgação do concurso de quadrilhas O Galinho 2019, produzido pela TV Aratu, TV SBT e FEBAQ



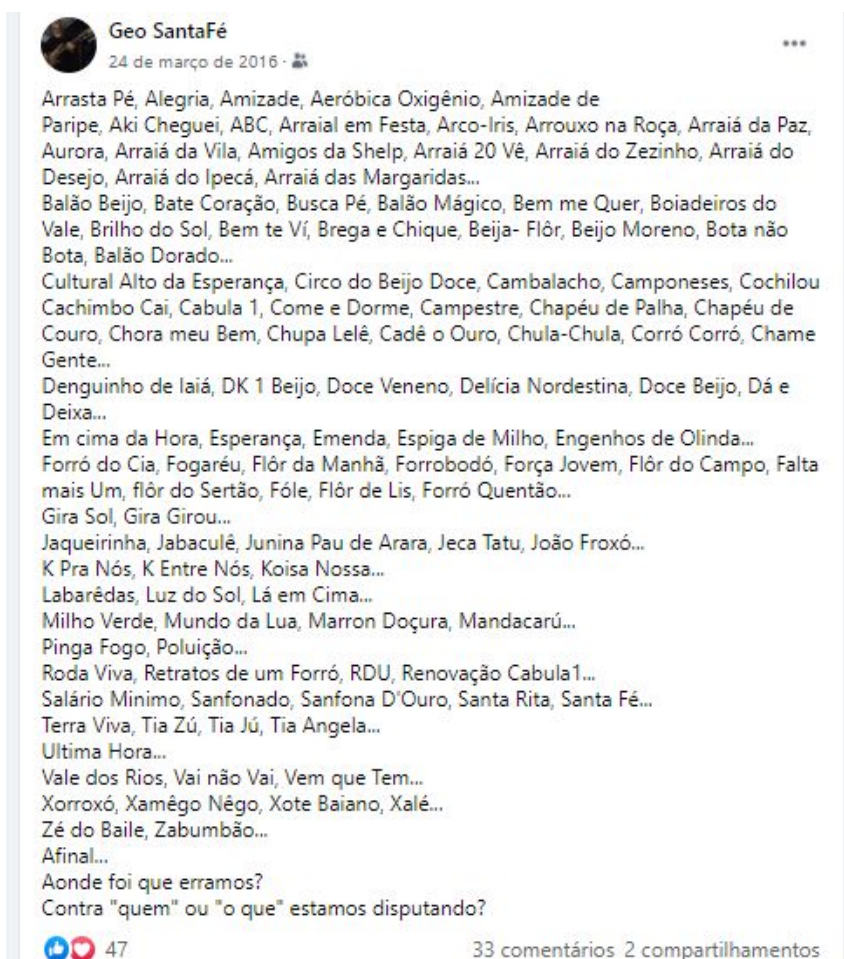
Fonte: FEBAQ.

Observando os materiais de divulgação do concurso Arraial do Galo, que posteriormente mudou o seu nome para O Galinho, percebo a drástica redução quantitativa de quadrilhas juninas que costumavam participar, num intervalo de 30 anos (1989-2019), passaram de 150 para apenas 16 grupos, oriundas de Salvador, região metropolitana e municípios de outros territórios da Bahia.

O que explica essa diminuição dos grupos juninos que outrora lotavam ginásios e mobilizavam tantas comunidades? Onde estão esses grupos, será que encerraram atividades? Ou, se mantiveram as atividades, porque deixaram de participar deste concurso? São perguntas que somente os quadrilheiros mais antigos, que atuaram na década de 1980 e 1990, saberiam responder, por isso a importância desta pesquisa acadêmica.

Tais indagações são recorrentes entre os quadrilheiros soteropolitanos, por isso que as faço aqui nesta pesquisa. Por isso busco respostas que, talvez, somente as encontrarei nos anos seguintes, a partir dos desdobramentos desta pesquisa. Trago a seguir um debate feito em 2016, na rede social Facebook, provocado pelo quadrilheiro Geo Santa Fé, onde ele cita, nada menos que, 112 grupos de quadrilhas juninas e finaliza fazendo as seguintes perguntas: “Onde foi que erramos? Contra 'quem' ou 'o quê' estamos disputando?”, em uma indireta aos concursos, onde disputamos a preferência dos jurados e que subjetivamente acredita ser o que provocou a redução dos grupos.

Figura 13 - Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016



Geo SantaFé
24 de março de 2016 · 🌐

Arrasta Pé, Alegria, Amizade, Aeróbica Oxigênio, Amizade de Paripe, Aki Cheguei, ABC, Arraial em Festa, Arco-Iris, Arroxo na Roça, Arraiá da Paz, Aurora, Arraiá da Vila, Amigos da Shelp, Arraiá 20 Vê, Arraiá do Zezinho, Arraiá do Desejo, Arraiá do Ipecá, Arraiá das Margaridas...

Balão Beijo, Bate Coração, Busca Pé, Balão Mágico, Bem me Quer, Boiadeiros do Vale, Brilho do Sol, Bem te Ví, Brega e Chique, Beija- Flôr, Beijo Moreno, Bota não Bota, Balão Dorado...

Cultural Alto da Esperança, Circo do Beijo Doce, Cambalacho, Camponeses, Cochilou Cachimbo Cai, Cabula 1, Come e Dorme, Campestre, Chapéu de Palha, Chapéu de Couro, Chora meu Bem, Chupa Lelê, Cadê o Ouro, Chula-Chula, Corró Corró, Chame Gente...

Denguiinho de Iaiá, DK 1 Beijo, Doce Veneno, Delícia Nordestina, Doce Beijo, Dá e Deixa...

Em cima da Hora, Esperança, Emenda, Espiga de Milho, Engenhos de Olinda...

Forró do Cia, Fogaréu, Flôr da Manhã, Forrobodó, Força Jovem, Flôr do Campo, Falta mais Um, flôr do Sertão, Fóle, Flôr de Lis, Forró Quentão...

Gira Sol, Gira Girou...

Jaqueirinha, Jabaculé, Junina Pau de Arara, Jeca Tatu, João Froxó...

K Pra Nós, K Entre Nós, Koisa Nossa...

Labarêdas, Luz do Sol, Lá em Cima...

Milho Verde, Mundo da Lua, Marron Doçura, Mandacarú...

Pinga Fogo, Poluição...

Roda Viva, Retratos de um Forró, RDU, Renovação Cabula1...

Salário Mínimo, Sanfonado, Sanfona D'Ouro, Santa Rita, Santa Fé...

Terra Viva, Tia Zú, Tia Jú, Tia Angela...

Ultima Hora...

Vale dos Rios, Vai não Vai, Vem que Tem...

Xorroxó, Xamêgo Nêgo, Xote Baiano, Xalé...

Zé do Baile, Zabumbão...

Afinal...

Aonde foi que erramos?
Contra "quem" ou "o que" estamos disputando?

👍❤️ 47

33 comentários 2 compartilhamentos

Fonte: Facebook.

Figura 14 - Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016



Fonte: Facebook.

Neste segundo quadro, com respostas às indagações do quadrilheiro Geo Santa Fé, destaco as respostas de Adilson Fiuza e Taise Brandão, quadrilheiros desde a infância, indicando nomes de mais alguns grupos para completar a lista de grupos extintos em Salvador. Em seguida aparecem tentativas de resposta e demonstram que algo estranho paira no ar, foi o que percebi a partir do foi dito: “[...] tenho um milhão de situações que contribuíram para a extinção de nosso movimento, mas não mencionarei, pois prefiro [...] não polemizar, para não ser ainda mais perseguido. Estou de mordanças e vendo esta cultura morrer, a culpa é minha, o erro é meu!” nas palavras do quadrilheiro marcador Eduardo Gois, nos deixando intrigados sobre quem ou o que o está amordaçando.

A resposta a seguir também se mostra bastante intrigante quando afirma: “Todos nós sabemos sim o que aconteceu! Só que ninguém quer atirar a primeira pedra. Será por falta de coragem? [...] sabíamos sim que um dia chegaríamos a este

ponto [...]” proferida por Adriano Junior. Esta fala responsabiliza os próprios quadrilheiros, seja por omissão ou submissão, quando finaliza afirmando: “colocamos uma venda e ficamos calados”, e isto é muito sério, pois demonstra que havia uma certa consciência por parte dos quadrilheiros sobre as transformações e reduções dos grupos.

Figura 15 - Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016



Fonte: Facebook.

Na imagem acima surge a resposta do Edson Pereira, a qual tenho concordância de opinião, dizendo: “Tem várias vertentes, porém acho que o erro crucial foi não ter fortalecido as quadrilhas mirins”, o que tem total coerência, pois Salvador no momento desta pesquisa conta apenas com dois grupos infantis.

Na imagem a seguir a resposta do Ronny Pereira aponta um motivo também significativo, e que menciono aqui nesta pesquisa, sobre o desaparecimento dos

concursos de bairros. Ele diz: “Não devíamos haver (*sic*) permitido que isso passasse, quando os concursos de bairro se estava apagando devagar, e cada vez um concurso menos, aí foi a nossa burrice! De fechar os olhos e não reclamar toda aquela alegria e felicidade de ir de um bairro para outro. Lastimável!”. Bom, aqui ficamos refletindo, quais devem ter sido os motivos das comunidades deixarem de realizar as festas e arraiais em seus bairros? Seria o surgimento dos concursos televisivos? Este apresentava uma certa estrutura de arquibancada, sonorização, registro audiovisual e prêmios, teria sido esta comodidade que fez com os eventos juninos comunitários ficassem desinteressantes?

Figura 16 - Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016



Fonte: Facebook.

Ainda neste quadro acima vemos o posicionamento do Roberto Menezes, membro da diretoria da Federação Baiana das Quadrilhas (FEBAQ), que inicia dizendo: “[...] tenho 34 anos nesse movimento e vivi toda essa transformação e

pergunto eu: o que muitos fizeram pra evitar esse caminho?”, questionando e responsabilizando a conduta dos próprios quadrilheiros. Este finaliza alertando: “[...] mas digo à todos: ainda dá tempo!”.

Em resposta à "mordação" citada por Eduardo Gois, o diretor da FEBAQ Roberto Menezes se coloca, numa nítida compreensão de que o primeiro está se referindo à Federação, e diz: “[...] estamos em um país democrático, onde perseguição e viver amordaçado ninguém vive, mas ainda está em tempo de dar, juntos, esse grito que está preso!”. Neste comentário o diretor tenta demonstrar que se solidariza em "gritar" algo que os incomoda, no que concerne às questões abordadas no debate.

Figura 17 - Captura de tela de rede social, perfil de Geo Santa Fé, 2016



Fonte: Facebook.

Neste último quadro vê-se comentários ainda citando nomes de grupos extintos para compor a lista, tais como Plexo Big Bang, Arrombachão, Companhia do Forró e Versados. Para finalizar a análise deste quadro, uma última resposta à pergunta feita pelo quadrilheiro Geo, onde Gugga Bahia lança uma outra indagação: “o erro é fácil de localizar, mas cadê quem vai solucionar?”, provoca. O interessante é que esta mesma pessoa se mostra confiante e incentiva dizendo: “Barreiras, obstáculos e continuísmo podem ser derrubados!”, o que me faz questionar: quais barreiras e obstáculos são esses? Continuísmo de que? Ou de quem?

Pela urgência em responder tais questões, em entender as causas desse fenômeno, a redução quantitativa dos grupos, e numa tentativa de proporcionar aos quadrilheiros um espaço para reflexão destes fatos, para que juntos pudessem compreender em que situação se encontram, e incentivando-os a buscarem soluções em conjunto, promovi o, até então inédito, 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador.

Este Fórum ocorreu entre os dias 08 e 10 de agosto, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, através do apoio da PROEXT/UFBA, com realização do corpo técnico da Escola e Grupo Gira - Grupo de Pesquisa em Culturas Indígenas, Afro-Brasileiros e Populares. Trato dos detalhes do Fórum de Quadrilhas com maior ênfase no terceiro capítulo deste referido trabalho.

Foi possível mobilizar a comunidade de quadrilheiros para discutirem estratégias e encaminhar ações políticas, principalmente através da Carta de Proposições, elaborada a partir de suas falas, remetida aos órgãos municipais e estaduais de Cultura, da qual aguardamos providências sobre as demandas apresentadas.

Nessa perspectiva é que, ao optar pela abordagem metodológica da Pesquisa-ação, em que há uma relação entre um pesquisador, implicado com sua comunidade de forma a contribuir no contexto em que está investigando, recorro ao artigo de David Tripp (2005), *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*, onde o autor apresenta os caminhos e também as dificuldades de quem opta por este tipo de abordagem. Refere-se a onze características que são: inovadora, contínua, proativa estrategicamente, participativa, intervencionista, problematizadora, deliberada, documentada, compreendida, disseminada (TRIPP, 2005, p. 447).

Outro aspecto que me chama atenção é que a Pesquisa-Ação é uma perspectiva, geralmente, daqueles que estão preocupados em intervir para mudanças junto a um certo grupo de pessoas que encontram-se em situação de injustiça. Afirma este autor: “[...] Você não está buscando como fazer melhor alguma coisa que você já faz, mas como tornar o seu pedaço do mundo um lugar melhor em termos de mais justiça social” (TRIPP, 2005, p. 458). Nesse sentido, escolhi convidar Mestres e Mestras das diversas Quadrilhas Juninas de Salvador, tanto as que estão em atividades, como as que permanecem inativas, para registrar suas narrativas, histórias e problemas.

Ainda sobre o 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador é necessário dizer que o mesmo foi realizado no mês de agosto de 2019. Durante 03 dias intensivos de trabalhos e reuniões na Escola de Dança da UFBA uma certa representatividade com lideranças e praticantes das quadrilhas, os mesmos que elaboraram a Carta de Proposições para a construção de políticas públicas específicas para as quadrilhas. Durante e após o Fórum um grupo de quadrilheiros se organizou em reuniões periódicas para discutir as insatisfações e pensar em soluções para o movimento e decidiram formar uma chapa para concorrerem à eleição da nova diretoria da Federação Baiana de Quadrilhas levando adiante as discussões e propostas desta mesma Carta elaborada no Fórum.

O desdobramento dessa ação de investigação é no sentido de avançar para uma possível proposição de política de salvaguarda à quadrilha junina, encaminhada aos poderes públicos. Trataremos especificamente do desdobramento da Carta no terceiro capítulo deste trabalho.

Todavia sobre o debate no nível das políticas públicas na Bahia, o autor Antonio Albino Canelas Rubim (2014) no seu livro *Políticas culturais na Bahia contemporânea*, chama atenção para o fato de que “a imagem pública de Salvador está umbilicalmente associada à cultura, no entanto o poder público municipal não tem compreendido esta dimensão cultural” (RUBIM, 2014, p. 214) quando não se empenha em cuidar e preservar a nossa própria história e gente, agravando inclusive as desigualdades sociais, abandonando sua população. Rubim afirma ainda que:

Salvador não possui políticas culturais. Ela não tem uma secretaria municipal de cultura ou um sistema municipal, sua lei do livro e leitura não é aplicada, seu conselho de cultura não está funcionando, nem seu fundo de cultura e sua lei de incentivo à cultura. O orçamento de Salvador para a cultura é de apenas 0,11% de seu orçamento municipal. Ou seja, menos de quatro milhões de reais por ano. (RUBIM, 2014, p. 214)

Desta maneira compreendo a razão pela qual nunca houve um festival ou concurso municipal de quadrilhas em Salvador, diferentemente das demais grandes capitais brasileiras que dão bastante ênfase às festas juninas, ou qualquer diálogo entre os grupos juninos e os órgãos gestores municipais.

Sobre o funcionamento do Conselho Municipal de Políticas Culturais do Salvador (CMPC) citado pelo autor, vale ressaltar que este conselho foi pela primeira vez instituído somente em 2015, onde fui eleita conselheira titular representando o segmento da Dança⁹, sendo empossada no dia 08 de setembro de 2015¹⁰, juntamente com os demais conselheiros até o cumprimento de nosso mandato em 2017.

Este primeiro biênio do CMPC ficou marcado pela construção do regimento interno que passou por diversas revisões, sendo finalizada e publicada em diário oficial na gestão do mandato seguinte; acompanhei o início da construção do diagnóstico cultural do Plano Municipal de Cultura que até o fim de 2019 estava em vias de ser votada em sessão plenária na Câmara Municipal de Salvador. Ou seja, desde a publicação do livro do Rubim até a presente data, as políticas públicas para o segmento da cultura no âmbito municipal, deixam muito à desejar

Por fim, este capítulo buscou abordar a questão histórica sobre os caminhos pelos quais hoje as quadrilhas juninas possuem tal forma de existir. Busquei mostrar que *le quadrille*, “contradança francesa, dança de pares dos salões aristocráticos, trazida ao Brasil pela cômte imperial portuguesa” (CHIANCA, 2007, p. 50), advém de danças camponesas como “práticas de culto ao fogo, as superstições, crenças e

⁹ Ver anexo: Diário Oficial do Município. Data: 16 de junho de 2015. Ano: XVIII. Nº 6.360. pgs 23-24.

¹⁰ Disponível em:

<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/09/conselho-municipal-de-cultura-toma-posse-veja-quem-sao-os-integrantes.html?fbclid=IwAR1RYgzS3eXsoB60RGv-_IHDCzugZzDGwKTqQmo2hUHQ2u8H5Pev5Ssh2IQ>.

tantas outras manifestações ligadas ao calendário agrário e, também, aos solstícios e equinócios” (TRIGUEIRO, 1995, p. 155).

Discuti brevemente sobre como a igreja se infiltrou nessas datas sagradas e profanas dos povos camponeses, ainda na Europa, introduzindo então os seus santos católicos, forjando similitudes entre as fogueiras indígenas e a fogueira bíblica de João Batista. A dominação colonial portuguesa e seu projeto etnocida, apoiada pela Santa Igreja Católica, forçou que os povos africanos, escravizados no Brasil, se utilizasse de “uma profunda sabedoria e oportunismo na comunhão forçada com os valores da classe dos senhores” (TINHORÃO, 1972, p. 44) para que pudessem cultivar seus orixás.

Quanto à quadrilha como gênero musical, não se trata do objeto desta pesquisa, porém busquei me debruçar ao entendimento de algumas de suas características, desde as composições de partituras de quadrilhas no século XIX e a introdução de outros gêneros musicais do exterior. Com o passar dos anos as transformações musicais no Brasil foram inevitáveis com o advento do rádio.

Foi dito que a Proclamação da República, a rejeição de hábitos da corte e a expansão da quadrilha para as zonas rurais favoreceu o desenvolvimento de novas características, a exemplo do caipira, que se tornou expressão marcante das quadrilhas do período pós monarquia. A estética rural como sinônimo de festa junina no Brasil se personificou em figuras como Jeca Tatu e o Chico Bento até o fim do século XX.

Do caipira sudestino para o sertanejo nordestino a musicalidade de Luiz Gonzaga se fez presente e apontou caminhos rítmicos, melódicos, coreográficos e narrativos de uma massa populacional que passou a se expressar através dos espetáculos juninos. Grande difusor das composições de marchinhas juninas, suas canções, sempre nas paradas de sucesso nos programas de rádio, se tornaram sinônimo da “verdadeira” musicalidade das quadrilhas, fixando a marcha, o baião, o xote e o xaxado como ritmos básicos para os grupos juninos.

Trago uma reflexão de como o modo de dançar do indígena nordestino, a exemplo da etnia Kariri-Xocó, que se expressa através da dança do Toré, pode ter servido de princípio de movimento corporal, a partir dos bate-pés, para danças

juninas cujo padrão de movimentos são pisadas fortes em consonância com os ritmos percussivos. Do toré para a dança do côco, samba de pareia, pisa pólvora, marcha, baião e xaxado, podemos chegar no arromba chão das quadrilhas de Salvador.

Também, neste primeiro capítulo, desenvolvi um diagrama que tenta apresentar algumas contribuições das diversas matrizes culturais para as quadrilhas juninas no Brasil. a quadrilha junina (Q. J.) traz em si os movimentos de bate-pés e o tempo (pulsção rítmica musical) binário do ameríndio; a configuração dos dançarinos em pares e a espacialidade em filas, fileiras, blocos e círculos mantida da base europeia; a contribuição africana se personifica no zabumba, o principal, e um dos instrumentos musicais percussivo utilizados para marcar os ritmos nordestinos, e a movimentação tridimensional, com giros, flexões de tronco, braços e pernas com grande variedade de direções e os deslocamentos espaciais de todo o grupo.

Em seguida, passei a discutir os concursos de quadrilhas, como iniciativa dos setores privados, ligado às mídias, como jornais e emissoras de TV, onde as quadrilhas juninas faziam questão de participar. As regras dos concursos foram moldando o modo de fazer e apresentar as coreografias a partir dos critérios de avaliação, que “inocentemente” impuseram uma certa organização, seja temporal, seja quantitativa, seja na indumentária, diferente dos concursos de bairro, mais orgânicos. Para serem premiadas, as quadrilhas foram investindo cada vez mais no “espetáculo” com recursos caros como cenários, contratações de profissionais, aprimoração dos figurinos e adereços, sem planejamento e sem o devido retorno financeiro.

Demonstrei, através de documentos, de materiais de divulgação do concurso Arraial do Galo, promovido pela TV Aratu, que participavam deste evento mais de 150 quadrilhas, e que após 30 anos (1989-2019) apenas 42 grupos se fizeram presentes. A redução preocupante das quadrilhas como espaços socioculturais, e de manutenção de símbolos identitários, é o que move essa pesquisa, sendo ilustrada pelo sentimento de indignação dos mestres quadrilheiros.

Agora passo para o capítulo 2 e dissertarei sobre minhas memórias pessoais e memórias coletivas.

CAPÍTULO II

EM VEZ DE POLCA E RANCHEIRA, O POVO SÓ PEDE E SÓ DANÇA O BAIÃO: MEMÓRIAS PESSOAIS E COLETIVAS SOBRE AS QUADRILHAS JUNINAS

O segundo capítulo faz uma pequena imersão em minha memória pessoal, quanto ao contato com o objeto de pesquisa, que se confunde com mais da metade de minha história de vida. Traz também as narrativas das memórias dos quadrilheiros, colhidas através de entrevistas, quanto aos seus percursos nas (e das) quadrilhas juninas desde a década de 1960 identificando assim suas transformações estéticas; apresenta uma tentativa de mapeamento dos grupos de quadrilhas juninas da RMS, extintos e/ou em atividade, suas comunidades de origem e o histórico de suas produções artísticas; aborda o emblemático Concurso Ao Pé da Fogueira, identificado como expoente para o segmento, bem como os demais concursos que se sucederam; por fim apresenta o surgimento da Federação Baiana de Quadrilhas (FEBAQ) e suas atuações políticas.

No que tange a questão da Memória, a autora Leda Maria Martins no seu livro *Afrografias da Memória* (1997), apresenta o registro das narrativas das memórias dos congadeiros do Reinado do Rosário no Jatobá, tecendo os fios da lembrança e do esquecimento. Já na introdução a autora anuncia que este “é um livro de falas, um texto de narrativas, tecido com o estilete da memória curvilínea [...]” (MARTINS, 1997, p. 18) causando-me grande identificação quanto à pesquisa aqui apresentada que, para compreender a trajetória das quadrilhas juninas de Salvador, busquei colher os depoimentos dos próprios sujeitos participantes e assim desenvolver também uma espécie de *oralitura*:

Aos atos de fala e de performance dos congadeiros denominei *oralitura*, matizando neste termo a singular inscrição do registro oral que, como *littera*, letra, grafa o sujeito no território narratório e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de *litura*, rasura da linguagem, alteração significante, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas. (MARTINS, 1997, p. 21)

Recebi com surpresa o termo *oralitura* mas fiquei confiante que faria algo nesta mesma linha de pensamento, já que também se tratam de histórias que foram

narradas e agora grafadas, respeitando as marcas individuais dos narradores, colocando-os como co-autores desta dissertação. A autora parece ter-se ancorado em outros autores que a antecederam no desenvolvimento e no uso do conceito de oralitura. Sobre isso verifiquei no artigo *Literatura e Oralidade Africanas: Mediações* da autora Maria Nazareth Soares Fonseca (2016), algumas considerações bastante importantes. Sobre isso Fonseca comenta:

Ngugiwa Thiong'o explica as razões que o levam a usar o termo oratura em vez de literatura oral, retomando sentidos que, segundo ele, foram defendidos pelo linguista de Uganda, Pio Zirimu, na década de 1960. Outros estudiosos preferem usar o termo oralitura, tradução do termo francês *oraliture*, que Édouard Glissant (1981), da Martinica, afirma ter sido criado pelo haitiano Ernst Mirville, em 1974. A informação de Glissant sobre a origem do termo *oraliture* condiz com a expressa pelo crítico haitiano, radicado no Canadá, Maximilien Laroche. Laroche também considera ter sido o termo *oraliture* empregado, pela primeira vez, pelo haitiano Ernst Mirville, em nota de um artigo publicado em abril de 1974, para estabelecer analogia com o termo *littérature* e afastar-se dos sentidos de oratura, que, para ele, fixa a atenção apenas na voz. (FONSECA, 2016, p. 83)

Fonseca prossegue dando mais detalhes do real sentido que o pensador haitiano desenvolveu quanto ao termo oralitura, em diálogo com Laroche (1991, p. 15-19):

Como informa Laroche, Mirville, tanto na referida nota, quanto em textos posteriores em que volta a tecer considerações sobre o termo, quer acentuar sentidos que abarcaria não apenas as produções orais guardadas pela tradição de fala e canto, inclusive as que caracterizam as manifestações da voz em produções na época atual. (FONSECA, 2016, p. 84).

Trazer aqui os relatos, as memórias e as vozes de quadrilheiros juninos de ontem e de hoje, sobre o modo soteropolitano de fazer quadrilha, foi o caminho que a própria pesquisa me apresentou, diante da ausência de materiais bibliográficos sobre as quadrilhas da Bahia. Entendo que as narrativas das memórias conferem legitimidade ao que pretendo mostrar, além de tentar corrigir a invisibilidade histórica daqueles que atuam nas comunidades periféricas, na manutenção e prática das culturas populares. Sobre a importância da tradição oral, Amadou Hampaté Bâ nos diz que:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (HAMPÂTÉ BÁ, 2010, p. 73)

Em reverência aos grandes mestres, coreógrafos, marcadores, dançarinos, músicos, pesquisadores, estilistas/figurinistas, saúdos todos os quadrilheiros e peço licença para contar um pouco da história das Quadrilhas Juninas de Salvador e região.

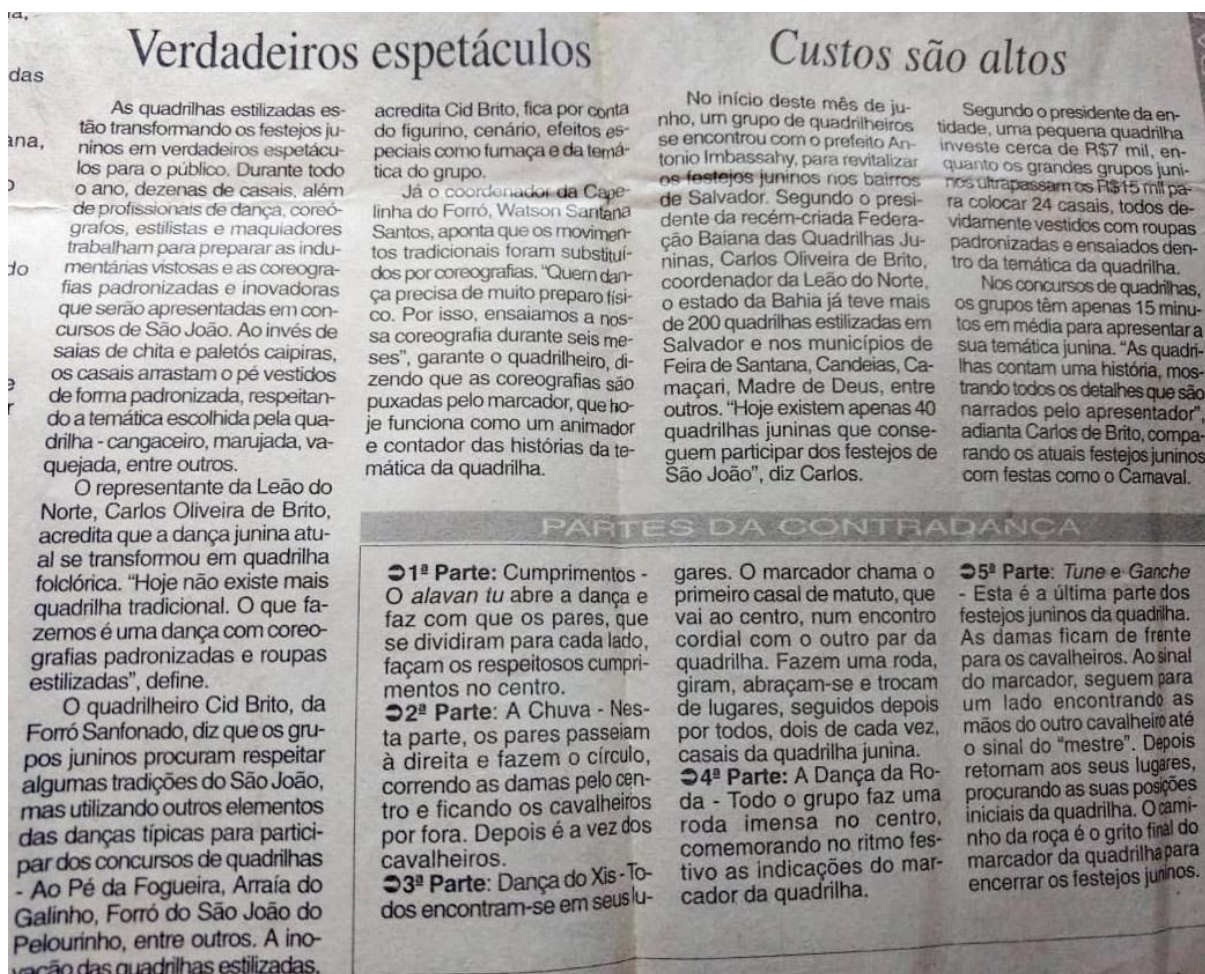
2.1 ENCONTRO COM O INTERLOCUTOR

Lá do alto Asa Branca anuncia, quantas culturas que pro Brasil trouxe alegria!
(Ubiratan Marques, 1994)¹¹

Sendo a prática da quadrilha muito comum, no Brasil, nas festas juninas escolares, a grande maioria das pessoas já tiveram contato ou até mesmo participaram desta contradança (dança de pares) secular, não sendo diferente comigo. Tenho lembranças longínquas de apresentações onde participei, nas festas das escolas em que eu estudei ainda no primário. É quase que unânime, nos depoimentos colhidos, a lembrança de terem dançado quadrilhas em suas escolas primárias, também em festas da igreja, em suas comunidades, produzido por professoras e/ou mobilizadores culturais, com direito a vestidos caipiras e calças remendadas, acompanhadas por uma boa música regional.

¹¹ Trecho de canção composta para a quadrilha junina Asa Branca, sob a temática do Desenvolvimento Cultural Brasileiro, 1994. Salvador, Bahia.

Figura 18 - Detalhe Jornal A Tarde. 20/06/2001



Fonte: acervo Cid Brito.

No meu bairro de origem, Boca do Rio, me aproximei do grupo Arraiá da Alegria e então comecei a acompanhar os ensaios e as apresentações, somente como agregada, ajudando a carregar sacolas, cenários, fazer torcida nos concursos, dando algum tipo de suporte aos quadrilheiros.

O contato com a Quadrilha Arraiá da Alegria, seus ensaios e apresentações, foi despertando aos poucos por conta de comentários que minha mãe fazia quando assistíamos as transmissões do concurso Ao Pé da Fogueira, de que as indumentárias eram belíssimas, que eu deveria participar, que ela fazia muito gosto, mas eu não estava de fato como componente, ensaiando as coreografias e compromissada com o grupo.

Até que, em abril de 1994, meu amigo de infância, Gabriel Pereira, me contou que conheceu quadrilheiros de outros bairros e que o haviam convidado para ir ao ensaio de uma determinada quadrilha na cidade baixa. Combinamos então um sábado a tarde e fui junto com ele, no bairro do Uruguai, ao ensaio da quadrilha estreada intitulada Santa Rita do Passaquatro¹², cujo presidente e fundador foi o senhor Valquimário Costa, conhecido como Vavá da Villah. Teve como pesquisador, coreógrafo e marcador o ator Paulo Ornellas e duas grandes dançarinas, que me deixaram impressionadas, Elivania da Villah¹³ e Sandra Ornellas¹⁴, pelo modo marcante de bater os pés e rodar as saias.

Figura 19 - Paulo Ornellas em destaque, Quadrilha Junina Fogaréu. Concurso Arraiá da Capitá, 1989



Fonte: acervo de Marluce Santana.

Paulo Ornellas tem 30 anos de atuação, passando por diversos grupos de quadrilha junina, acumulando muitos prêmios como Melhor Marcador nos mais

¹² Este grupo atuou apenas no ano de 1994, no bairro do Uruguai, Salvador, Bahia.

¹³ Elivânia da Villah é quadrilheira desde a infância no bairro do Uruguai, filha de Seu Vavá da Villah.

¹⁴ Sandra Ornellas é quadrilheira desde a infância no bairro do Uruguai, irmã de Paulo Ornellas.

variados concursos. Iniciou sua trajetória em quadrilhas a partir de 1988 apenas como dançarino, e teve sua estreia como coreógrafo em 1994 na quadrilha Santa Rita e depois tornou-se marcador por conta da sua dedicação ao teatro.

O trajeto entre os bairros da Boca do Rio e Uruguai tem cerca de 11 km, com tempo estimado de 1h30min percorrido de ônibus, ficam em lados opostos da cidade de Salvador. Mesmo assim nós fomos. Em 1994 eu estava com 15 anos e Gabriel com 16. Ao chegar no ensaio verifiquei que se tratava de um local muito simples, não lembro bem, mas parece que era um pátio de escola, eram cerca de 25 participantes, pessoas simples do bairro, na sua maioria negras e pardas, tinham como acompanhamento musical apenas um zabumba que dava a marcação para as coreografias, tinham um misto de concentração e animação. O som do zabumba foi o que mais me atraiu.

Por ser um grupo iniciante contava apenas com pessoas amadoras, da própria comunidade, muito jovens que estavam desenvolvendo um trabalho com poucos recursos, com figurinos simples, sem conjunto musical, enfim, muito aquém dos grandes grupos que via na televisão e presenciei no concurso do ano anterior. Mesmo assim, a simplicidade da zabumba e das pessoas me fez decidir por integrar esse grupo a partir daquela data mesmo, em meados de abril de 1994, sem nem consultar minha mãe, sem nem imaginar como seria manter esse compromisso, devido a minha pouca idade e inexperiência, devido ser um bairro tão distante da minha casa.

Os ensaios das quadrilhas juninas geralmente ocorrem durante os fins de semana, que é quando os participantes estão liberados da escola ou do trabalho, porém, como cheguei em meados de abril e as coreografias já estavam bastante avançadas, precisei marcar ensaios extras durante a semana pela tarde. Nesta época eu estava no 1º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Odorico Tavares localizado no bairro do Corredor da Vitória, no turno vespertino e precisei faltar algumas aulas para aprender a coreografia e alcançar o restante do grupo.

Toda a transmissão das coreografias e também o modo peculiar de dançar me foi passado por duas grandes quadrilheiras veteranas, Elivania da Villah e Sandra Ornellas, às quais tenho profunda admiração e gratidão. A batida e a

marcação dos pés¹⁵ foram muito fáceis de assimilar, era natural e fazia relação com algo já intrínseco em mim, devido aos contatos prévios com os ritmos nordestinos desde a escola e ao rádio. Porém as flexões de tronco¹⁶, as jogadas de cabelo¹⁷, o manejo da saia, articuladas com o movimento de braços e muitos giros, eu tive bastante dificuldade e minhas colegas veteranas foram muito rigorosas.

Como as quadrilhas juninas são produzidas a partir de processo colaborativo e associativo, cada membro deve desembolsar uma certa quantia para custear as despesas com tecidos, mão de obra de costureira, contratação de músicos, serviços de transporte etc. Naquela época eu paguei em torno de 50 URV's¹⁸, pois em 1994 estávamos em pleno período de transição para o Real, que viria a ser a nova moeda brasileira. O valor foi cedido por minha própria mãe que, após uma franca conversa, consentiu minha participação e custeou outras despesas como transporte e alimentação.

Após intenso período de ensaios da quadrilha Santa Rita do Passaquatro, montamos o espetáculo *As aventuras de Armando e Rosa: Côco-Verde e Melancia*, baseado num texto de cordel composto por José Camelo de Melo Resende. Natural do povoado de Pilõezinhos, município de Guarabira, Paraíba, nasceu em 20 de abril de 1885 e faleceu na cidade de Rio Tinto, Paraíba, aos 28 de outubro de 1964. Poeta popular, cantador, carpinteiro e xilógrafo. Começou a versar romances por volta de 1923, mas não escrevia suas composições: guardava-as na memória para cantá-las onde se apresentasse¹⁹.

O figurino era bastante simples, mesmo assim não ficou pronto a tempo de dançarmos nos primeiros concursos como o Ao Pé da Fogueira, que geralmente

¹⁵ Característica do estilo *Arromba Chão* predominante nas quadrilhas de Salvador nas décadas de 1980 e 1990.

¹⁶ A partir da introdução de movimentos das danças afro por coreógrafos profissionais, a exemplo de Augusto Omolu, década de 1990.

¹⁷ Forte influência do modo de dançar da artista Daniela Mercury e da chegada dos *Mega Hair*.

¹⁸ Unidade Real de Valor.

¹⁹ Disponível em: <<https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/12/03/poeta-jose-camelode-melo-resende-sintese-biografica/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

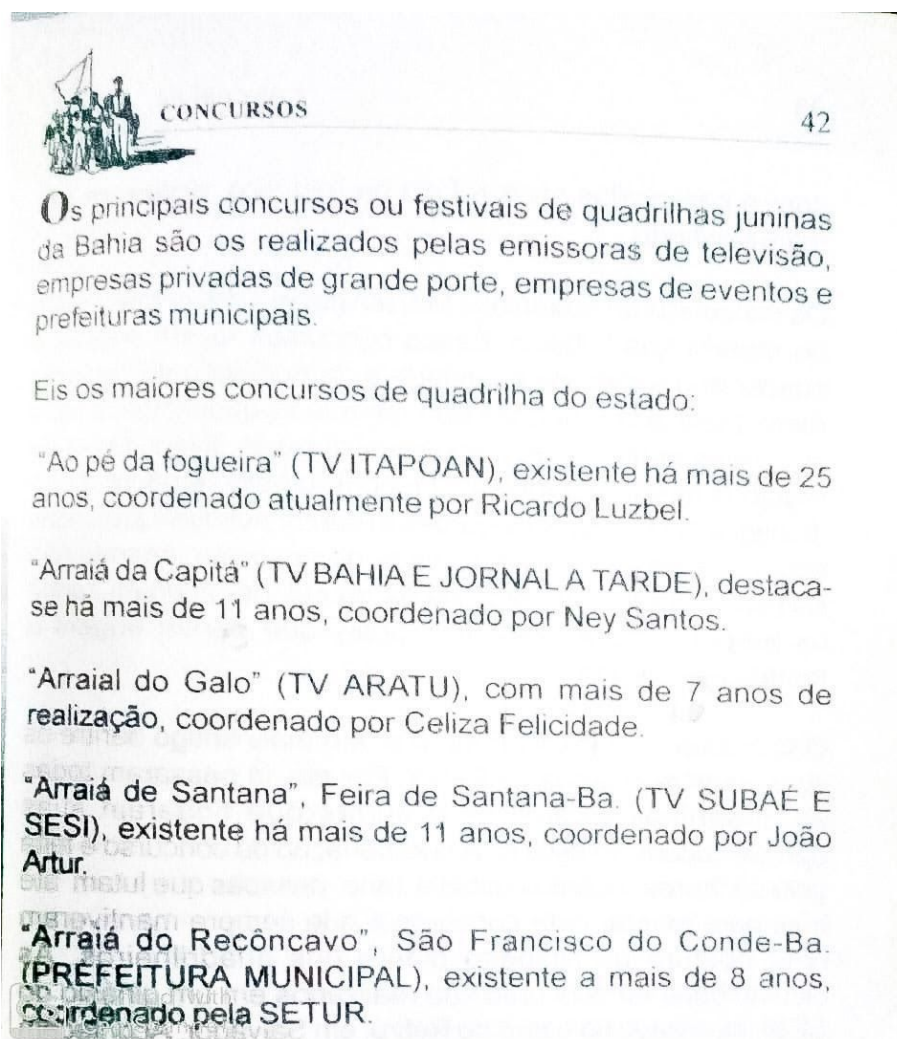
ocorria no fim de maio ou início de junho, então não foi dessa vez que minha mãe teve a felicidade de me assistir pela televisão na manhã de domingo.

Desta maneira nossa estreia se deu no dia 13 de junho de 1994, numa festa de Santo Antônio, realizado por uma vizinha de Sr. Vavá, no bairro do Uruguai, ritual que começa com uma intensa e fervorosa reza para o santo, depois distribuição de comidas típicas, finalizando com uma grande festa com muita música e participação de toda a comunidade. Não poderia ter sido melhor!

Depois deste período percorremos os demais concursos, que ocorriam em Salvador e cidades do interior, e então pude "dançar em quadra" diversas vezes e também assistir, com bastante concentração, as apresentações das grandes quadrilhas juninas de Salvador como a Buscapé do bairro Engenho Velho de Brotas, a Forró do ABC do bairro Pau Miúdo, a Asa Branca do bairro Cabula, a Balão Beijo do bairro Pau Miúdo, a Jeca Tatu do Alto do Peru e outras²⁰.

²⁰ Estas e outras quadrilhas estão citadas no livro *O Alfabeto das Quadrilhas Juninas da Bahia* de autoria do quadrilheiro Carlos Oliveira de Brito, 1998. Não se trata de trabalho acadêmico, mas uma produção independente do autor.

Figura 20 - Sobre os Concursos de Quadrilha da Bahia



Fonte: BRITO, 1998.

Minha admiração era tanta que eu ficava paralisada observando cada detalhe e, principalmente, a performance de grandes dançarinos que se sobressaíam independente das posições que dançavam.

Muitas vezes se avistava, mesmo na última fileira, a expressividade esfuziante dos componentes, que se tornariam para mim, a partir daquele momento meus ídolos, pois depois das apresentações eu fazia questão de ir cumprimentá-los, de conversar, tirar fotos e, principalmente, ao chegar em casa assistia repetidas vezes os vídeos, que gravei em VHS daquele mesmo programa exibido na TV, para estudar os movimentos executados por eles e apreender suas coreografias, o que se tornou meu exercício particular de estudo em dança de um ano para o outro.

Eram jovens oriundos das mais diversas partes da cidade, que esbanjavam talento e possuíam características muito próprias do modo de dançar da nossa Bahia.

Gostaria de deixar registrado o nome de alguns desses quadrilheiros: Jairson Bispo, Adeilson Sousa Mickey, Alex Brito, Vinicius Oliveira, Micheline Raquel, Celeste Brito, Daniela Assis, Aline Assis, Armando Filho, Adilson Fiuza, Edeise Gomes, Stella Marys, Tiano, Gustavo Chaves, Cissa Brito, entre outros. A maioria desses seguiu carreira como dançarinos e hoje são professores, coreógrafos, arte-educadores, no Brasil e em outros países, demonstrando que dançar quadrilha junina se configurou como um exercício preliminar para a prática e profissionalização em Artes e em Dança.

Observando os diversos grupos juninos, senti predileção especial pela quadrilha Asa Branca, do bairro do Cabula, que em 1994 trouxe o tema “Desenvolvimento Cultural Brasileiro”, e decidi que seria aquele o grupo que eu iria participar no ano seguinte.

Figura 21 - Ensaio da Quadrilha Junina Forró Asa Branca (1999). Antigo Colégio Estadual Polivalente do Cabula, atual Colégio Estadual Mãe Stella de Oxóssi



Fonte: acervo pessoal.

Sendo assim começamos a ensaiar, ainda em dezembro de 1994, para o trabalho de 1995. Minha mãe ficou extremamente realizada, proporcionou todos os pagamentos de figurino, transporte e alimentação, enquanto eu tentei ser a componente mais aplicada no que se refere à frequência e pontualidade nos ensaios.

Chegado o momento da estreia participei da gravação do programa Ao Pé da Fogueira que ocorria na quadra de esportes do SESI no bairro do Retiro, ao fim do mês de maio de 1995, com o espetáculo *Dos festejos do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, aos encantos do Nordeste: uma viagem na imaginação!* Saímos de casa já caracterizados com os figurinos, como era hábito na década de 1980.

Figura 22 - Saindo da Boca do Rio para a estreia no Concurso Ao Pé da Fogueira. Ao fundo, Gabriel Pereira, 1995



Fonte: acervo pessoal.

Nossa aparição na TV, minha e de Gabriel, na manhã de domingo foi apreciada pela nossa família e também pelos vizinhos, que acompanhavam todo nosso entusiasmo no período dos ensaios. Com a classificação para a final, fizemos uma nova gravação para o programa, desta vez no antigo Ginásio de Esportes

Antônio Balbino, mais conhecido como Balbininho, que ficava anexo ao Estádio da Fonte Nova e que em 2011 foi implodido para a construção da atual Arena Itaipava.

Figura 23 - Estreia da Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 1995. Concurso Ao Pé da Fogueira (SESI Retiro)



Fonte: acervo pessoal.

Esta gravação foi ao ar em meados de junho de 1995 e no resultado final do concurso ficamos em 3º lugar, além de outras premiações como melhor conjunto musical, marcador e figurino.

Permaneci na quadrilha junina Forró Asa Branca até o ano de 2014, participando de 12 montagens de espetáculos juninos dos mais variados temas. Junto ao grupo Asa Branca tive uma temporada intensa de 1995 a 2000, depois uma lacuna entre 2001 a 2006, período em que foram suspensos as atividades do grupo e os concursos Ao Pé da Fogueira e Arraiá da Capitá, por fim uma segunda temporada intensa de 2007 a 2014.

Figura 24 - Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 1999 (Cachoeira, Bahia)



Fonte: acervo pessoal.

Apresentei por muitas cidades do interior da Bahia, fui ao Concurso Nacional de Quadrilhas pela primeira vez no ano de 2009, com o tema Câmara Cascudo, que ocorreu em Fortaleza, Ceará, onde ficamos classificados em 10º lugar, que era a última colocação; em 2010 e 2011 participei do Festival Globo Nordeste, realizado em Recife, capital de Pernambuco.

Figura 25 - Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 2010



Fonte: acervo pessoal.

Em 2012 voltamos ao Concurso Nacional de Quadrilhas, desta vez na cidade de Palmas, estado do Tocantins, com o espetáculo *O Centenário de Luiz Gonzaga*, onde fomos premiados em 1º lugar, título que nenhuma quadrilha junina da Bahia tinha antes conquistado.

Figura 26 - Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 2012. Concurso Nacional CONFEBRAQ - Palmas/TO



Foto: Tatiana Brito.

No ano de 2013 vivi a experiência de me ausentar da quadrilha Asa Branca e fui dançar na quadrilha Forró do ABC, oriunda do bairro do Pau Miúdo, sendo a quadrilha mais antiga em atividade na cidade de Salvador e que promoveu grandes transformações em seus espetáculos.

O marcador Paulo Ornellas faz uma importante revelação a respeito da quadrilha Forró do ABC:

Comecei (a participar de) quadrilha em 1988, mas eu já tive (meu primeiro) contato com quadrilha em 1987 [...] foi o ano que me marcou com a Forró do ABC, quando ele trouxe a história do túnel do tempo, a primeira troca de roupa de quadrilha, eu não lembro o tema porque eu tinha 12 anos, mas o túnel tinha essa função: na história eles estavam num lugar e ao atravessar iriam para outro, e conseqüentemente mudava o figurino, mudava toda a estrutura, mudava toda história. Então é o início do meu contato com quadrilha junina. Diria até que, se a gente observar, a Forró do ABC sempre foi a quadrilha que inseriu uma inovação no meio junino, a exemplo da inserção do (ritmo) xote, o mangue-beat, a troca de roupa, enfim. Aquele ano, pra mim, marcou. (ORNELLAS, 2019)

Em 2013 a diretoria da Forró do ABC me escolheu como destaque para interpretar o papel da noiva, tendo em vista a minha trajetória desde 1994 como quadrilheira, minha experiência como dançarina e minha formação acadêmica em dança.

Figura 27 - Casal de Noivos - Quadrilha Junina Forró do ABC, 2013. Concurso Municipal de Rio Real, Bahia



Fonte: Google.

Pra mim foi uma presente estar num outro grupo, com pessoas distintas, outros métodos criativos, outro espaço geográfico, outros coreógrafos, outra diretoria, outros quadrilheiros, enfim, um momento de grandes aprendizados, mas também de reencontros, pois neste ano de 2013 tive a honra de ser novamente conduzida pelo marcador Paulo Ornellas, aquele mesmo da minha primeira quadrilha em 1994, sendo uma alegria enorme para ambos, nos percebermos ainda apaixonados e comprometidos nesse fazer artístico e cultural que são as quadrilhas juninas, independente de qual seja o grupo, bairro ou tema.

Por fim, nestes anos de 2018 e 2019, após 25 anos de trajetória e 14 espetáculos juninos, estou apenas como espectadora, ainda prestigiando meus amigos, mas agora numa observância mais apurada sobre essa manifestação, também incentivando as novas gerações e fazendo colocações pertinentes sobre os procedimentos políticos que envolvem a prática da quadrilha junina em Salvador e na Bahia.

Diante do exposto, é que estou fazendo as escolhas dos caminhos em que esta dissertação deve trilhar, qual discurso devo enfatizar, quais os aspectos relevantes a apontar e, principalmente, identificar o que os quadrilheiros querem que seja dito e perpetuado enquanto narrativa popular na academia.

2.2 TEM FOGUEIRA ACESA NO CORAÇÃO, A CHAMA ACENDEU E NÃO VAI SE APAGAR: O QUE REVELA AS MEMÓRIAS DOS QUADRILHEIROS?

Como entrelaçar os depoimentos formando um único texto que desse conta de (re)narrar as memórias que a mim foram contadas pelos quadrilheiros? Como perceber o que enfatizar no discurso do movimento dos quadrilheiros e me despiendo de qualquer fala tendenciosa O que os quadrilheiros querem que realmente seja dito e registrado? Sendo assim, fui permitindo que os caminhos da pesquisa fossem se apresentando e por isso escolhi a pergunta: o que podem revelar as narrativas das memórias?

Foram realizadas 14 entrevistas com presidentes e diretores de grupos juninos em atividade e também já extintos que atuaram na cena junina. Algumas pessoas muito antigas no movimento, embora muitas tentativas, não conseguiram espaço para me receber. Mesmo assim o maior número de entrevistados são oriundos de quadrilhas já extintas em Salvador. Os quadrilheiros ainda em atividade me parecia muito mais provável que pudessem me prestar depoimentos, porém a agenda de ensaios e apresentações dificultou bastante, me fazendo criar outras estratégias além das entrevistas.

Uma estratégia foi a idealização do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, com seis mesas temáticas, cujos convidados foram quadrilheiros de muitas gerações diferentes que além de falarem de suas memórias também apresentaram suas reflexões acerca da realidade política e cultural no qual as quadrilhas juninas estão inseridas. Sendo assim, de maneira coletiva, colhi os depoimentos de vários quadrilheiros que não tive a oportunidade de realizar uma entrevista individual, e os organizei no terceiro capítulo deste trabalho.

Voltando às narrativas das memórias, expressão que me empresta a dramaturga Leda Maria Martins (1997), senti a necessidade de estabelecer alguns itens para compreender este seletivo grupo que colaborou para a pesquisa. Foram

quatorze depoentes de faixas etárias, bairros, grupos e atuações diferentes, então apresento-os nesta tabela abaixo.

Tabela 1 - Relação de quadrilheiros entrevistados: idade, grupos, bairros e atuação

	NOME	NASCIMENTO	QUADRILHAS QUE ATUOU	BAIRRO	ATUAÇÃO
	Spesia Peixoto	1944	Campestre	Uruguai	presidenta
	Marluce Santana	1948	Fogaréu	Pau Miúdo	presidenta
	Agnaldo Silva (Professor Agnaldo)	1949	Xorroxó Chega Junto Sanfonado Diversas	Uruguai	dançarino, coreógrafo, presidente
	Altamira Lobo (Dona Nenca)	1954	R.D.T. Imperatriz do Forró	Subúrbio Ferroviário	dançarina, coreógrafa, presidenta
	Valquimário Costa (Vavá da Villah)	1954	Santa Rita do Passaquatro	Uruguai	diretor, presidente
	Geoval Alves de Oliveira Filho (Geo Santa Fé)	1964	Santa Fé Plexo Big Bang Forró Quentão	Pau Miúdo Camaçari	dançarino, coreógrafo, compositor, músico, presidente
	Agnaldo Espiridião	1964	Balão Beijo	Pau Miúdo	dançarino, coreógrafo, diretor
	Maria José Sacramento (Zezé)	1965	Sanfonado Diversas	Uruguai	dançarina, coreógrafa, diretora
	Mariete Lima	1969	Salário Mínimo Forró do ABC	São Caetano Pau Miúdo Liberdade	dançarina, coreógrafa, diretora, presidenta
	Roberto Brito	1970	Forró do ABC Asa Branca	Pau Miúdo Cabula	compositor, músico

	Jonas Pereira (John)	1974	Jabaculê Fole Imperatriz do Forró	Uruguai Subúrbio Ferroviário	Dançarino Coreógrafo Figurinista
	Paulo Ornellas	1975	Fogaréu Balão Dourado S. Rita Passaquatro Diversas	Uruguai	dançarino, coreógrafo, marcador
	Rubem Braga	1976	Mandacaru Diversas	Liberdade	dançarino, coreógrafo, marcador, figurinista, pesquisador, presidente
	Elivania Costa	1977	Santa Rita do Passaquatro Diversas	Uruguai	dançarina, coreógrafa

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Foram seis mulheres e oito homens quadrilheiros entrevistados, nascidos entre 1944 e 1977, cujas atuações em quadrilha junina se deram a partir da década de 1960 a 1990, alguns já deixaram de atuar, outros ainda permanecem em atividade até os dias de hoje.

As entrevistas foram realizadas no período de nove meses, entre maio de 2019 e janeiro de 2020, a pesquisa foi bastante intensa no mês de maio, quando visitei os ensaios de quatro quadrilhas de Salvador. Durante o mês de junho dei continuidade à pesquisa, observando as apresentações e conversando com quadrilheiros, e atuando como jurada de dois concursos. E em julho, em função da viagem que fiz junto à Quadrilha Arraiá Bela Flor (Catu, BA) para Floriano (Piauí), foi possível observar a participação de outras quadrilhas do país.

As pessoas entrevistadas são, em sua maioria, oriundas dos bairros, historicamente consideradas, berços das quadrilhas juninas de Salvador: Pau Miúdo e Uruguai, também quadrilheiros dos bairros do Subúrbio Ferroviário e Liberdade. Vale ressaltar que a escuta informal e produção de depoimentos de quadrilheiros diversos atinge um número muito mais amplo.

Tabela 2 - Relação entre os bairros e as quadrilhas dos entrevistados²¹

Liberdade	Pau Miúdo	Subúrbio Ferroviário	Uruguai
Forró do ABC* Mandacaru	Balão Beijo Fogaréu Santa Fé	R.D.T. (Rua Direta da Terezinha) Imperatriz do Forró	Balão Dourado Campestre Santa Rita do Passaquadro Jabaculé Xorroxó

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

A pergunta central desta pesquisa é: *o que podem revelar as narrativas das memórias dos quadrilheiros quanto às características que compõem as quadrilhas juninas soteropolitanas?* Por um tempo acreditei que os quadrilheiros baianos realizavam um certo fluxo e refluxo entre as diversas manifestações culturais, a exemplo dos terreiros de Candomblé, os blocos afros, afoxés e fanfarras, e se amparavam em alguns elementos rítmico-coreográfico, estético ou logístico no exercício prático dessas linguagens. Ou seja, que o quadrilheiro aprendia aqui para a aplicar ou desenvolver acolá, que se permitia reciclar ou transposicionar certos elementos citados acima. Mas esta crença foi se alterando no decorrer das entrevistas.

Durante as entrevistas evitei fazer perguntas fechadas e dei como ponto de partida "conte sua primeira lembrança de quadrilha junina" e deixei a pessoa à vontade para narrar livremente. Eu apenas cuidava para que o quadrilheiro entrevistado mantivesse uma linha cronológica para evitar que alguma passagem histórica fosse subtraída no calor da narrativa. Aquele pressuposto de que outras manifestações culturais pudessem colaborar na formatação das características da quadrilha soteropolitana procurei não evidenciar com perguntas diretas e fui tentando perceber ao longo dos depoimentos como cada quadrilheiro lidava com outras manifestações culturais além da própria quadrilha junina.

Eu também acreditava que a pesquisa iria focar no período em que comecei a atuar como dançarina, a partir de 1994, porém a pesquisa revelou que a quadrilha junina soteropolitana veio se construindo desde antes. Foi imprescindível buscar

²¹ A Forró do ABC nasceu no Pau Miúdo e migrou para a Liberdade.

quadrilheiros que abriram caminhos desde a década de 1960, como Altamira Lobo, conhecida como dona Nenca, e o Professor Agnaldo Silva, numa época em que as quadrilhas nasciam das escolas. Ambos revelaram que as escolas deram lastro para o desenvolvimento e a comunidade possibilitou a permanência das quadrilhas até se tornarem "estilizadas".

As narrativas revelam também que no bairro do Pau Miúdo se destacavam os grupos de estilo *arromba chão*, cujo modo de dançar consiste em bater os pés no chão no tempo forte da música, geralmente o ritmo da marcha, chamados também de *passo marcado*. Esta referência sobre o estilo arromba chão, praticado em Salvador nas décadas de 1980 e 1990, se tornou a identidade desta pesquisa.

O arromba chão era do nordestino mesmo, brabo, de bater o pé no chão mesmo. Antigamente os palcos eram feitos de madeirite, era pra bater o pé naquele tablado. Arrombar o chão era pra arrombar mesmo, era pra acabar! Tanto que eu me lembro que o finado Zé Lima (fundador da Forró do ABC), ele disse: se colocar a beleza das meninas do ABC, que realmente eram lindas, a elegância dos homens da Balão Beijo, que realmente eram homens altos, e o arromba chão do Fogaréu, não fica ninguém! Porque a gente, do Fogaréu, tinha muita garra, entrava com vontade, eles se jogavam de qualquer jeito! (SANTANA, 2019)

Figura 28 - Quadrilha Arraiá do Fogaréu - Concurso Arraiá da Capitá, 1994



Fonte: acervo Marluce Santana.

O bairro do Uruguai produzia grupos considerados estilo *Elite* ou *Luxo*, pois dançavam de maneira mais cadenciada, sem muitos sobressaltos, e traziam figurinos elaboradíssimos por grandes estilistas com tecidos finos e alta costura, além de adereços da côrte como sombrinhas, bengalas, luvas e leques.

O estilo Elite eram (os grupos) Flor do Campo, João Froxó, Campestre, que vinha (faz gesto de bengala debaixo do braço), entendeu? Era hiper luxuosa! A roupa era de veludo, muito bonita! É isso que eu sinto saudade! (SANTANA, 2019)

Hoje em dia, essas quadrilhas que estão aí, indo para outros lugares (estados), na minha época não tinha senão eu tinha ido. Pernambuco, e tudo, que as roupas são luxo, mas na época não era. Então quem botou o luxo foi a Campestre! Aí foi aquela crítica, no jornal e tudo, dizendo que São João não era luxo, que era roupa de chita. Aí no ano seguinte eu fiz o tema "Luxo e Lixo"! Que trabalho viu? Essa roupa aqui (mostrando croqui e fotos) era toda de pedaços de panos, consegui retalhos nas fábricas, a gente fez essa roupa toda de velcro. Aí começava a dançar, quando tirava (os retalhos) aparecia o luxo embaixo. Aí pronto! Foi campeã de novo! (PEIXOTO, 2019)

Figura 29 - Quadrilha Arraiá Campestre, bairro Uruguai, 1987



Fonte: acervo Spesia Peixoto.

Com o passar dos anos começou a acontecer a mescla entre esses dois estilos, quando grupos emergiram dançando de maneira forte quanto aos ritmos e coreografias e trazendo figurinos cada vez mais rebuscados. Todo esse esforço se dava para a participação e conquista de prêmios, em concursos específicos de quadrilha, como apresento a seguir.

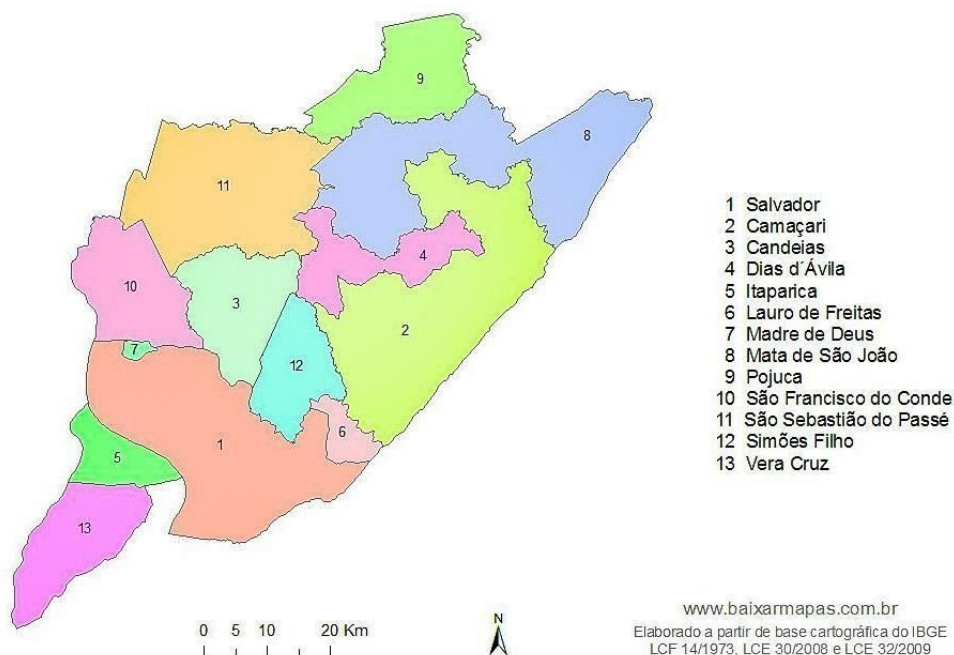
2.3 MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE QUADRILHAS JUNINAS: REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR E OUTROS TERRITÓRIOS DA BAHIA

A Região Metropolitana de Salvador compreende 13 municípios: Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz, também conhecida como Grande Salvador e pela sigla RMS.

Foi instituída pela lei complementar federal número 14, de 8 de junho de 1973. Com 3.929.209 habitantes, segundo a estimativa para 2019 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), passa a ser a segunda maior aglomeração urbana do Nordeste brasileiro (segundo o Censo de 2010), e a sétima do Brasil, além de ser a 109ª mais populosa do mundo (dado de 2007). Concentrando aproximadamente 45% do PIB estadual em 2016, é também a metrópole mais rica do Norte-Nordeste²².

²² Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Salvador>.

Figura 30 - Mapa da Região Metropolitana de Salvador
REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR



Fonte: *Google*.

Atualmente temos apenas 4 grupos adultos e 2 grupos infantis na capital baiana em plena atividade e portanto se faz necessário incluir nesse estudo as quadrilhas juninas já extintas e as quadrilhas dos municípios que compõem a região metropolitana de Salvador.

Os grupos destes municípios costumam se encontrar nos diversos concursos da capital e do interior do Estado. Disputam, concorrem, trocam experiências, conhecimentos e também seus participantes. É comum que pessoas do interior venham dançar na capital e vice-versa, também ocorre que a contratação de coreógrafos, marcadores, músicos e figurinistas é abastecida nesta relação entre os diferentes municípios.

Alguns grupos juninos desaparecem com o passar dos anos, enquanto outros surgem, às vezes, com os mesmos participantes. Carmo (2010) no seu artigo sobre política federal de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, diz que, “por um longo período, as tradições afro-brasileiras, indígenas e os demais grupos que compõem a diversidade cultural do Brasil foram excluídos das decisões políticas e

dos processos histórico, social e econômico do país”. Ou seja, os grupos juninos da Bahia desde sempre estiveram abandonados à própria sorte, sem nenhum reconhecimento e cuidado por parte dos setores públicos de cultura, vivendo de carnês e cachês, algumas premiações e ajuda pontual de políticos, sendo assim a continuidade dos trabalhos fica bastante comprometida.

Vale ressaltar que dentre os governos que o Brasil já teve, foi na gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, em que então seu ministro da Cultura, o cantor e músico Gilberto Gil, fomentaram investimentos significativos nesta área, a exemplo dos *Pontos de Cultura* que reconheceu e preservou diversos espaços de produção cultural brasileira. E prossegue a autora citada dizendo que, neste período, o cenário das políticas culturais se deram com o intuito de "contribuir para a difusão, a preservação e o fortalecimento das manifestações culturais brasileiras". Porém, não conseguiu atingir os grupos juninos de Salvador e região metropolitana e muitos deles findaram suas atividades.

No contexto da realidade das quadrilhas juninas em Salvador e interior baiano, e os objetivos que essa iniciativa se propõe, é que justifico que na tentativa de mapeamento devemos incluir grupos que outrora estiveram em atividade e agora não mais, mas que devem ser sempre mencionadas pois constituem lastro para novos grupos ou espetáculos que surgiram nos anos seguintes.

Tabela 3 - Quadrilhas Juninas dos municípios da Região Metropolitana de Salvador

MUNICÍPIOS	GRUPOS	SITUAÇÃO
Camaçari	Fogueira Santa	Em atividade
	Forró Quentão	Extinta
Candeias	Zabumba Dourada	Em atividade
	Flor da Serra	
	Forró do Januário	Extinta
Dias d'Ávila	Balão Junino	Em atividade
	Nascente Nordestina	Em atividade
	Maria Bonita	

Itaparica	Esmeralda (Salinas das Margaridas)	Em atividade
	Risco de Fogo	Extinta
	Balão de Ouro	Em atividade
	Cheguei Pra Ficar	Extinta
Lauro de Freitas	Quadrilhão	Extinta
Madre de Deus	Balancê	
	Brilho da Lua	Extinta
	Chinelão	
	Madeirada do Forró	
	Rojão de Ouro	
Mata de São João	Caipiras Da Mata (2018)	Em atividade
Pojuca	Fole Danado	Em atividade
Salvador	Asa Branca (1992)	Em atividade
	Capelinha Do Forró (1999)	Em atividade
	Forró do ABC (1982)	Em atividade
	Imperatriz do Forró (2015)	Em atividade
	Mirim Germe da Era (1981)	Em atividade
	Mirim Forró do Luar (2010)	Em atividade
São Francisco do Conde	Laços do Recôncavo	
	São Bento do Forró	
	Dona Fé	
São Sebastião do Passé	Poeira do Sertão	Em atividade
Simões Filho	Cochilou Cachimbo Cai	
	Encima da Hora	
	Forró do Cia	
Vera Cruz	Cia Da Ilha	Em atividade

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Para listar os grupos da tabela acima recorri a diversas fontes: verifiquei publicações nas redes sociais de concursos produzidos pela FEBAQ, busquei os canais de *YouTube* de quadrilheiros, retirei das citações das pessoas entrevistadas e de conversas no *WhatsApp* do grupo *Quadrilheiros da Bahia*. Como esta tabela não traz a totalidade dos grupos juninos outrora ou atualmente existente na RMS faz-se necessário continuar as pesquisas para compreender a total dimensão quantitativa e qualitativa desta dança nesta região.

Para mencionar os grupos juninos extintos de Salvador, por serem muito numerosos, se fez necessária uma tabela à parte com seus respectivos bairros, cuja fonte foi principalmente o livreto *O Alfabeto das Quadrilhas Juninas da Bahia* de Carlos Brito (1998), atual presidente da Federação Baiana de quadrilhas – FEBAQ. Difícil precisar o ano de fundação de cada quadrilha e seus respectivos fundadores, porém os quadrilheiros consultados afirmam que boa parte desses surgiu na década de 1980 e outra parte na década de 1990.

Tabela 4 - Mapeamento das extintas Quadrilhas Juninas de Salvador e seus respectivos bairros

BAIRROS	EXTINTAS QUADRILHAS JUNINAS
Alto do Peru	Zabumbão – Jeca Tatu
Barbalho	Emenda
Base Naval	Arraiá Base Naval
Boca do Rio	Arraiá da Alegria
Brotas	Forró do Candeal
Cabula	Arraiá Cabula I – Gonzagão – Renovação do Cabula – Forrozão – Mirim Arraiá do Colina
Caixa D'água	Doce Beijo - Labaredas
Capelinha	K pra Nós – Marrom Doçura – Forró do Sertão – DK Um Beijo – Roda Viva – Salário Mínimo – Come Dorme
Cidade Nova	Terra Viva

Cosme de Farias	Bem Te Vi
Engenho Velho de Brotas	Flor do Engenho – Buscapé – Zé do Baile
Fazenda Grande do Retiro	Jaqueirinha
IAPI	Esperança – Arraiá da Vila
Jardim Cruzeiro	Balão Dourado – Forróbodó – Pinga Fogo
Liberdade	João Froxó - Mandacaru – Mirim Karambolas
Paripe	Chapelão – Arrasta Pé – Xalé
Pau Miúdo	Renovação do ABC – Fogaréu – Balão Beijo – Santa Fé – Plexo Big Bang
Pirajá	Vinte Vê – Arrocho na Roça – Aki Cheguei – Pé de Barro
Plataforma	Cambalacho – Delícia Nordestina – Brinco de Ouro
São Caetano	Gibão de Couro – Desejo – Forró Baiano – Xote Baiano – Camponeses – Aurora
Suburbana	Rosa Vermelha – Rancho Fundo – Elite – Boiadeiro do Vale
Uruguai	Forró do Fole – Arraiá do Jabaculê – Campestre – R.D.U. (Rua Direta do Uruguai) – Retrato de Um Forró – Tiradentes – Restinho Que Sobrou – Milho Verde – Circo do Beijo Doce – Vem K Yayá – Flor do Campo – Poluição – Arraiá do Nezinho – Arraiá do Dendê – Santa Rita do Passaquatro – Sanfona d’Ouro
Vale dos Rios	Arraiá Vale dos Rios
Bairros Não Identificados	Amizade – Aeróbica Oxigênio – Balão Mágico – Brilho do Sol – Brega Chic – Bem-me-Quer – Bela Vista – Beija-Flor – Bota não Bota – Bum Balão – Bem-te-Vi – Para o ano Sai Melhor – Chão de Estrelas

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Existe relação com quadrilhas de outros municípios da Bahia que participam dos mesmos concursos na capital ou no interior e que merecem ser mencionadas, mesmo não fazendo parte do recorte da região metropolitana de Salvador, pois este referido trabalho traz como premissa a valorização de todos os grupos, extintos ou em atividade, de toda a Bahia. Observe abaixo uma pequena relação cujas fontes foram as divulgações do Campeonato Estadual de Quadrilhas 2019, no qual tive a oportunidade de assistir e avaliar enquanto jurada do Grupo de Acesso, no quesito Coreografia, e a base de dados do Sistema de Informações e Indicadores da Cultura – SIIC, o cadastro estadual da Secretaria de Cultura da Bahia – SECULT/BA.²³

Tabela 5 - Mapeamento das extintas Quadrilhas Juninas de Salvador e seus respectivos bairros

MUNICÍPIOS	GRUPOS	SITUAÇÃO
Acajutiba	Fulô de Caju	Em atividade
Alagoinhas	Beija-Flor Forró Tia Dulce	Em atividade
Barra da Estiva	Beco do Barão	Em atividade
	Eita Lasqueira	Em atividade
Cachoeira	Girassol do Iguape Raízes do Iguape	Em atividade
Caculé	Busca-pé de Caculé	Em atividade
Catu	Arraiá Bela Flor Explosão Junina Ilumiar Pinga Né Mim Mais que Tradição	Em atividade
Cícero Dantas	Encanto Nordestino	Em atividade
Conceição do Coité	Junina JC	Em atividade
Cruz das Almas	Mistura Gostosa	Em atividade
Feira de Santana	Renovação do Forró	Em atividade
	Xodó das Meninas	Em atividade
	União de Ouro	Em atividade
	Korró Korró	Extinta
Gandu	Dois Amores	Em atividade

²³ <https://siic.cultura.ba.gov.br/>.

Ibicuí	Revolução	Em atividade
Ibititá	Rosa dos Ventos	Em atividade
Itambé	Balancê	Em atividade
Mairi	Santa Cruz	Em atividade
Nova Canaã	Flor de Mamulengo	Em atividade
Pé de Serra	Furacão	Em atividade
Pedro Alexandre	Sou do Sertão	Em atividade
	Pisada do Sertão	Em atividade
Ponto Novo	Mandacaru de Ouro	Em atividade
Rio Real	Flor de Laranjeiras Arrasta Pé	Em atividade Extinta
Santo Antônio de Jesus	Luar do Recôncavo	Em atividade
São Felipe	Cia Balão Junino	Em atividade
Sítio Novo	Rosas Vermelhas	Em atividade
Taperoá	Arribasaia Aê	Em atividade

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Figura 31 - Divulgação Campeonato Estadual da Bahia, Grupo de Acesso, 2019

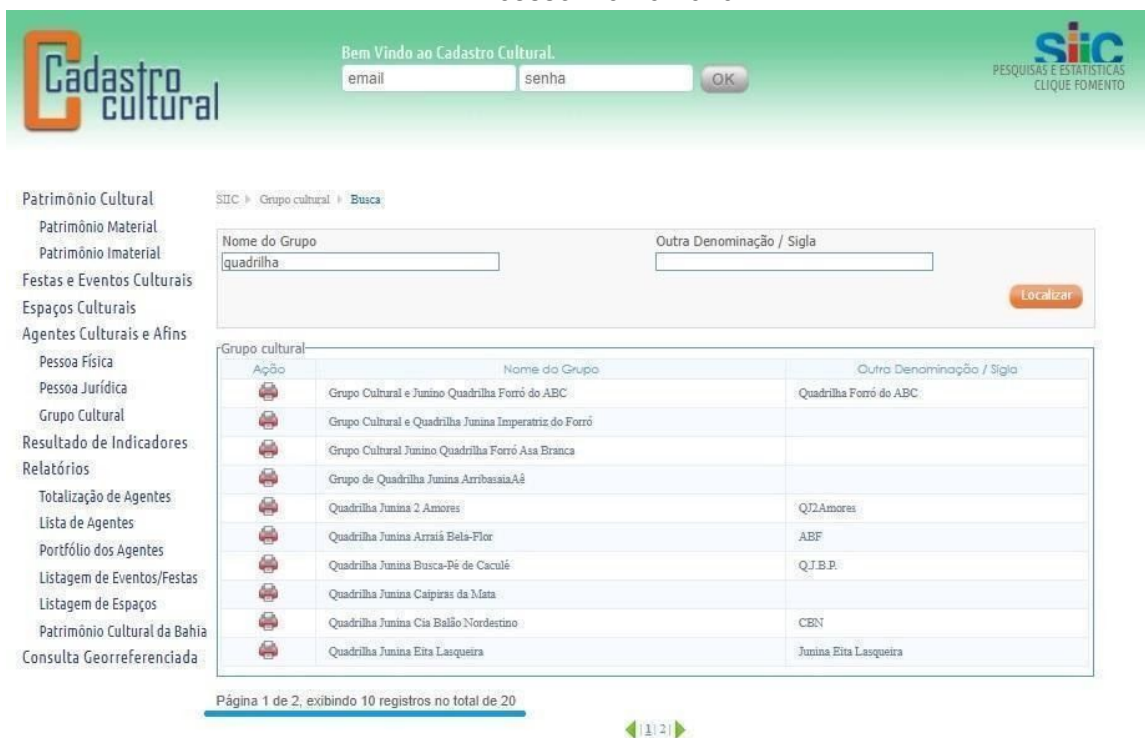
13/06 – 11:H QUINTA FEIRA	14/06 – 11:H SEXTA FEIRA	15/06 – 11:H SÁBADO
1- LAÇO DE XITA	1- NASCENTE NORDESTINA	1 – CHEGA MAIS
2- FULÔ DE CAJU	2 - POEIRA DO SERTÃO	2 – LUAR DO NORDESTE
3- ZABUMBA DOURADA	3 - RENOVAÇÃO DO FORRÔ	3 – TIRA O PÉ DA BRASA
4- UJNN 01	4 - JC COITÉ	4 – FLOR DE MAMULENGO
5- LUAR DO RECÔNCAVO	5 - BELA FLOR	5 – BUSCAPÉ DE CACULÉ
6- MISTURA GOSTOSA	6 - CAJU DE OURO	6 – BECO DO BARÃO
7- CANDIDO DIAS	7 - TIA DULCE	7 – ESMERALDA
8- PÉTALAS	8 - FURACÃO	8 – CAIPIRAS DA MATA
9- EXPLOSÃO JUNINA	9 - FOGUEIRA SANTA	9 – FOLE DANADO
10- SAUDADE NORDESTINA	10 – ENCANTO DO NORDESTE	10 – ROSA VERMELHA
	11 – BALÃO JUNINO	11 – UJNN 2
	12 – FLOR DE AÇAI	12 – SANTA CRUZ

Fonte: FEBAQ.

O trabalho de mapeamento de grupos e quadrilhas juninas de Salvador e região metropolitana, bem como da Bahia como um todo, carece de maiores aprofundamentos e pesquisas posteriores, tendo em vista que os grupos se extinguem, os componentes se separam e criam novos grupos com outras denominações, além do que quadrilhas mirins mudam para a categoria adulto, então ocorre uma significativa variação quantitativa.

A dificuldade em fazer a contagem das quadrilhas também se dá pelo fato de que são poucos os grupos que realizam cadastro no Sistema de Informações e Indicadores da Cultura – SIIC, no site da Secretaria de Cultura do Estado. Atualmente constam apenas 20 grupos cadastrados em toda a Bahia.

Figura 32 - Captura de tela do Sistema de Informações e Indicadores em Cultura - SIIC.
Acesso: 19/10/2020



Bem Vindo ao Cadastro Cultural.

email senha

SIIC > Grupo cultural > Busca

Nome do Grupo Outra Denominação / Sigla

Grupo cultural:

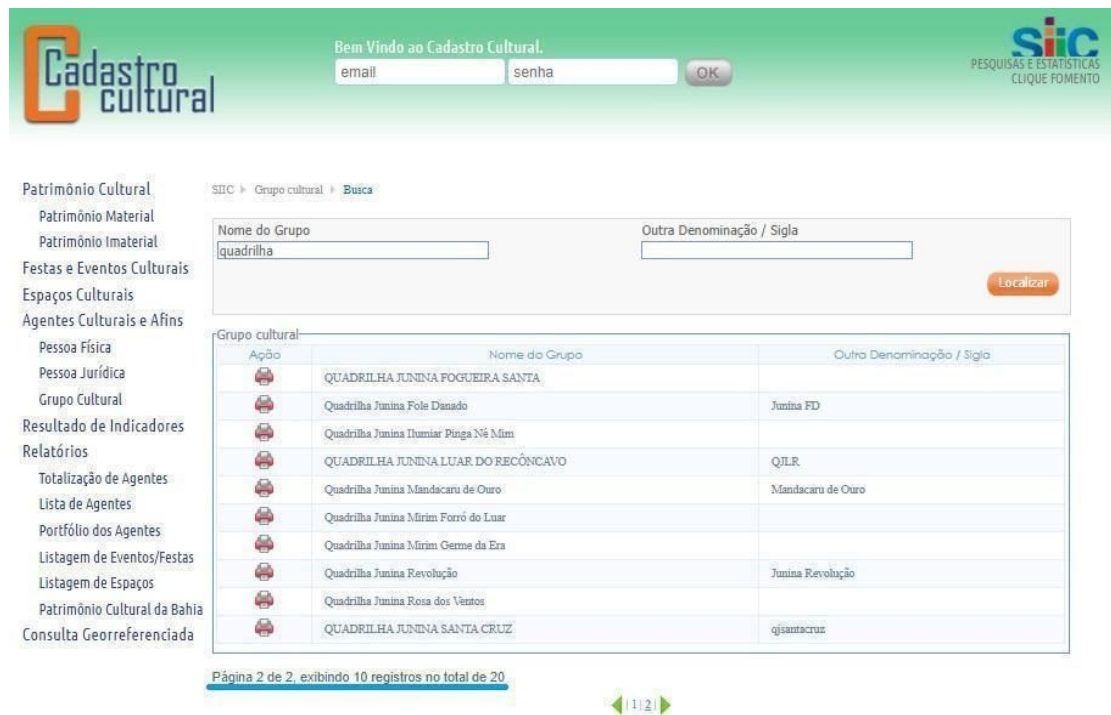
Ação	Nome do Grupo	Outra Denominação / Sigla
	Grupo Cultural e Junino Quadrilha Forró do ABC	Quadrilha Forró do ABC
	Grupo Cultural e Quadrilha Junina Imperatriz do Forró	
	Grupo Cultural Junino Quadrilha Forró Asa Branca	
	Grupo de Quadrilha Junina ArribasaiaA8	
	Quadrilha Junina 2 Amores	QJ2Amores
	Quadrilha Junina Arraiá Bela-Flor	ABF
	Quadrilha Junina Busca-Pé de Caculé	QJ.B.P.
	Quadrilha Junina Caipiras da Mata	
	Quadrilha Junina Cui Balão Nordestino	CBN
	Quadrilha Junina Eita Lasqueira	Junina Eita Lasqueira

Página 1 de 2, exibindo 10 registros no total de 20

1 | 2

Fonte: site da FUNCEB.

Figura 33 - Captura de tela do Sistema de Informações e Indicadores em Cultura - SIIC.
Acesso: 19/10/2020



Bem Vindo ao Cadastro Cultural.

email senha

SIIC > Grupo cultural > Busca

Nome do Grupo Outra Denominação / Sigla

Grupo cultural:

Ação	Nome do Grupo	Outra Denominação / Sigla
	QUADRILHA JUNINA FOGUEIRA SANTA	
	Quadrilha Junina Fole Danado	Junina FD
	Quadrilha Junina Ilumiar Pinga-Né Mim	
	QUADRILHA JUNINA LUAR DO RECÔNCAVO	QJLR
	Quadrilha Junina Mandacari de Ouro	Mandacari de Ouro
	Quadrilha Junina Mirim Forró do Luar	
	Quadrilha Junina Mirim Germe da Era	
	Quadrilha Junina Revolução	Junina Revolução
	Quadrilha Junina Rosa dos Ventos	
	QUADRILHA JUNINA SANTA CRUZ	qjsantacruz

Página 2 de 2, exibindo 10 registros no total de 20

1 | 2

Fonte: site da FUNCEB.

Uma outra maneira de obter esses dados seria através da Federação Baiana de Quadrilhas – FEBAQ, que realiza a filiação dos grupos baianos interessados em participar dos concursos, no entanto não fui atendida quando busquei essa informação junto à entidade. Vale salientar que muitos grupos de quadrilhas pela Bahia adentro não são filiadas à FEBAQ e não participam dos concursos promovidos pela federação, o que torna mais dificultosa a sua identificação.

Ainda sobre o quantitativo de quadrilhas juninas afiliadas à FEBAQ, trago destaque para um diálogo, observado no grupo *Quadrilheiros da Bahia* no aplicativo *WhatsApp*, entre os quadrilheiros Jonas Pereira e Roberto Franklin, diretor regional da FEBAQ, nos seguintes termos:

JONAS: me tire uma dúvida, quantas quadrilhas atualmente estão/são filiadas à Febaq? A Febaq já tem quantos anos de atuação? Começou com quantas? Se fosse juntar as quadrilhas que estão, e as que não estão, em atividade, quantas quadrilhas vocês já tiveram no montante? Vou nas assembleias e a gente não conhece essas quadrilhas, eu fico imaginando que tem mais quadrilhas que concursos, não é isso?

ROBERTO: a Febaq tem 15 anos de existência, de atuação é um pouco complicado eu falar porque até mesmo os diretores que são fundadores da Febaq, no caso que começaram lá atrás, nos 15 anos, hoje tem somente Lula, Ailton e Cacau. Então o pessoal acha que de atuação a Febaq não tem esses 15 anos, porque levou um bom tempo sem as pessoas acreditarem na entidade, achando que era uma brincadeira de fazer uma associação/federação, então posso dizer que tem 10-12 anos.

ROBERTO: Existem vários critérios, as quadrilhas se afiliam à Febaq, mas se elas ficarem 2 anos “sem sair” (sem apresentar espetáculos em concursos) saem do quadro de afiliadas. Você percebe que já tem muitas quadrilhas que deixaram de sair, então essas já saíram do quadro de afiliadas. Hoje, diretamente, nós temos quase 60 filiadas, porque tem grupo que ainda está dentro do prazo: cada quadrilha tem o direito de ficar 2 anos sem sair e depois retorna, mas cada região (macroterritórios da Bahia) dessa tem mais 20-30, então no geral hoje, envolvida nesse processo todo, tá chegando a quase 100 quadrilhas, quando a gente pega das regiões, que também faz parte com a gente.

ROBERTO: A cada ano a gente faz o cadastramento. Exemplo: esse São João nós tivemos 40 quadrilhas inscritas para competir, em janeiro nós vamos fazer um levantamento: as 40 que saíram no São João 2019, vão estar no São João 2020? Aí que a gente vai saber quem desistiu, quem continua, então esses números são rotativos, a gente não tem um número certo, que a gente possa dizer: “nós temos 80 e todos os anos essas 80 estão saindo, dentro dos critérios

que a Febaq precisa”, entendeu?²⁴.

2.4 CONCURSOS DE QUADRILHAS JUNINAS: DA COMUNIDADE À TELEVISÃO, ESPAÇOS DE VISIBILIDADE E SUBMISSÃO

A primeira memória que eu tenho de quadrilha é... pode falar o nome da emissora? (Pode!) da TV Itapuan, aquela que fazia o [concurso] Ao Pé da Fogueira, mas era assim: era no estúdio, uma salinha, entravam quatro casais, seis casais (de dançarinos) e a câmera ficava de baixo assim e pegava! (Que ano isso?) Ah... 60 e ... eu era pivete, eu era menino, meu pai gostava de assistir!²⁵.

Já foi dito que as quadrilhas francesas foram absorvidas pela população brasileira e sofreu diversas modificações no movimento, na musicalidade e também na época. Com a imposição do calendário católico e os festejos de junho, em algum momento da história esta dança foi introduzida nas festa juninas e passou a ser praticada nas paróquias, nas escolas e nas comunidades em geral.

As famílias e vizinhos se reuniam para festejar os santos católicos com muita comida, muita música e muitas brincadeiras. A festa começava já nos preparativos, enfeitando as ruas, colocando as bandeirolas, pintando as casas ou calçadas, separando a madeira para as fogueiras, preparando os vestidos, descascando o milho, preparando os bolos e demais iguarias da época. Essas atividades em comunidade reunia crianças, jovens, adultos e idosos, promovendo a relação intergeracional de maneira muito positiva e a transmissão de conhecimentos tradicionais.

Paulo Ornellas expressa o papel relevante das comunidades em seu depoimento:

Uma coisa interessante de pontuar, antigamente as quadrilhas tinham essa coisa voltada para o envolvimento comunitário, na verdade quem formavam as quadrilhas eram as comunidades. Tinha uma participação! Se você parar pra pensar, quem costurava era mãe de fulano, mãe de beltrano, que tava no meio de quadrilha,

²⁴ Transcrição de áudios realizada em 07/11/2019.

²⁵ Geo Santa Fé, em 26/05/2019.

adereço era uma lojinha de seu Zé ali, cada um ia contribuindo de alguma forma, isso era muito bacana! Como eram as famílias que estavam envolvidas, mesmo até os pais (homens) que eram os mais machistas e não aceitavam, na época de São João estavam participando e aplaudindo seus filhos. Falava: olha! Aquele ali é meu filho! (ORNELLAS, 2019)

Sendo assim, era comum que cada rua organizasse sua própria quadrilha, com seus familiares e vizinhos, fazendo deste um momento especial e de integração social. Com o passar dos anos, devido o grande prazer em dançar quadrilha e brincar o São João em comunidade, as pessoas foram investindo cada vez mais na organização, ensaiando com antecedência, padronizando as vestimentas, buscando um trio de sanfoneiro particular, dentre outros detalhes, para ficar mais animado e assim se destacar dos grupos de outras ruas ou de outros bairros.

Eu que trazia as quadrilhas todas pra essa rua que você tá vendo aí. Fechava a rua, com polícia, com sanitário público, com gambiarra de prefeitura, com tudo. Amanhecia o dia, eu trazia umas dez ou quinze quadrilhas pra dançar aqui nessa rua. Imagine? Quando dançava a última a gente via o dia amanhecendo. Essas casas ficavam cheias de gente em cima da laje assistindo, não passava nada aqui nessa rua, de uma ponta à outra. (PEIXOTO, 2019)

Desta maneira começaram a surgir os *Concursos de Bairro*, organizados pela própria comunidade em parceria com escolas e igrejas, feitos na rua, sem palco ou arquibancada, com premiações simples como troféus e medalhas. Um dos concursos mais respeitados era promovido pelo quadrilheiro João Froxó no bairro da Liberdade.

Figura 34 - Concurso promovido pela quadrilha Arraiá Campestre, bairro Uruguai. Década de 1980



Fonte: acervo de Spesia Peixoto.

Foram citados concursos nos seguintes bairros: Galiléia, Liberdade, Baixa do Fiscal, Uruguai, Vale dos Rios, Cabula I, Cabula VI, Vila Olímpica, Pau Miúdo e Roma. Os quadrilheiros demonstram que os concursos e arraiás de bairros eram bastante divertidos, que numa mesma noite percorriam cerca de três ou quatro locais diferentes:

O bairro tem essa coisa importante na época, a comunidade, porque eram elas que faziam as quadrilhas, mas eu sei desde o princípio que eram voltados para os concursos. O que diferenciava era que nessa época as quadrilhas dançavam muito (quantitativamente) porque tinham esse compromisso com as comunidades, então se você, por exemplo, fizesse uma festa lá na Boca do Rio e convidasse a quadrilha pra ir, não existia o estrelismo de hoje, não existia essa coisa: *'eu sou o artista, a estrela, não vou!'* Imagina, numa noite a Balão Dourado dançava no Jardim Cruzeiro, na Mangabeira, na paróquia de São Jorge, tinham três, quatro apresentações numa noite, no Canal Central, no Bate-Estaca, no concurso do Mariposa de Roma e aí vai. (ORNELLAS, 2019)

Percebe-se que o clima da brincadeira nas festas juninas era o que impulsionaram as comunidades e levava os jovens à participar de maneira mais espontânea, à percorrerem os diferentes arraiais dançando, confraternizando, mostrando o trabalho que construíram, de maneira ainda despretensiosa.

Figura 35 - Comissão Julgadora de Concurso promovido pela quadrilha Arraiá Campestre, bairro Uruguai. Sentado, de camiseta vermelha, vê-se João Froxó. Década de 1980



Fonte: acervo de Spesia Peixoto.

Tabela 6 - Relação de extintos concursos de Quadrilhas Juninas

CONCURSOS EXTINTOS	INSTITUIÇÃO PROMOTORA	PERÍODO	LOCAL DE REALIZAÇÃO
Ao Pé da Fogueira	TV Itapuan	1979 - 2001	Estúdio TV Itapuan SESI Retiro Estádio Antônio Balbino
Arraiá de Santana	TV Subaé	1983 - 2005	SESI Feira de Santana – BA
Arraiá da Orla	Jornal A Tarde	1986 Única Edição	Antigo Aeroclube – Boca do Rio
Arraiá da Capitá	TV Bahia / Jornal A Tarde	1987 – 2000	Parque de Exposições
		2006 - 2014	Itinerante

Forró do 7	TV Bandeirantes	1989 Única Edição	Ribeira, Rio Vermelho, Paripe
Arriá do Chico	Secretaria Municipal de Cultura	1993 - 2015	São Francisco do Conde – BA

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Os extintos concursos, principalmente o Ao Pé da Fogueira, foram importantíssimos para o estímulo à produção de espetáculos juninos, desenvolvimento de grandes coreografias e profissionais da Dança, Teatro e Música. Não tínhamos consciência de que estávamos sendo espetacularizados e nos deixando espetacularizar, víamos uma oportunidade de aparecer na televisão, além da busca pela premiação, quase nunca em dinheiro mais em produtos diversos. Os efeitos da espetacularização, que sufocam os grupos juninos exigindo sempre mais a cada ano: mais dança, figurinos, profissionais, cenários, componentes, efeitos e surpresas, custou caro e ocasionou no esgotamento e extinção de mais da metade dos grupos (vide tabela 6). Esta consciência foi chegando a partir dos anos 2010 quando o movimento de quadrilhas de Salvador se vê com pouquíssimos grupos e nenhuma política pública, que lhe assegure a continuidade.

A professora Dra. Amélia Conrado lançou importante reflexão quando mediadora da mesa temática Mestres de Quadrilhas, no 1º Fórum de Quadrilhas Juninas 2019, nos convidando a pensar sobre os efeitos e consequências do capitalismo que se expressa na relação entre os concursos e as quadrilhas, dizendo:

Nós vivemos numa sociedade capitalista e a forma desse modelo econômico, cria uma relação de opressão, de dependência, de competição. [...] A gente tem que refletir que os festivais de quadrilha junina, é um modelo novo que se criou na sociedade moderna de espetáculos, tem as suas coisas positivas e também tem coisas que não são boas pra gente. Então eu pergunto: qual é a relação que a gente cria com o capitalismo? Quais são os financiamentos que as empresas, que promovem os festivais competitivos, estão dispensando às quadrilhas juninas? Todos estão com suas sedes equipadas com segurança de trabalho? Será que todo esses profissionais que se envolvem com as quadrilhas estão bem remunerados? Será que a preservação do acervo que a gente cria: figurinos, cenários, músicas, danças e coreografias, pesquisas, esse acervo ele é público? O público tem acesso, como meio de educação, para que as universidades, as escolas públicas acessem

isso? Por fim, as propagandas que utilizam as imagens das quadrilhas juninas recompensam por isso? São muitas questões! (CONRADO, 2019)

Veja abaixo a relação dos concursos nos quais as quadrilhas juninas da Bahia participam apresentando seus espetáculos em busca de visibilidade, premiação e reconhecimento.

Tabela 7 - Concursos em atividade em Salvador e outros estados brasileiros

CONCURSOS EM ATIVIDADE	INSTITUIÇÃO PROMOTORA	PERÍODO	LOCAL DE REALIZAÇÃO
Arraial do Galo	TV Aratu e patrocinadores.	Desde 1986	Itinerante em Salvador
Campeonato Baiano de Quadrilhas Juninas	Bahiatursa / FEBAQ – Federação Baiana das Quadrilhas Juninas	2008 – 2009	Cruzeiro de S. Francisco
		2010 – 2013	Praça Municipal
		2014 – 2019	Praça da Revolução (Periperi)
Concurso de Dias D'Ávila	Prefeitura Municipal de Dias D'Ávila e Secretaria de Cultura	Desde 2017	Itinerante
Concurso de Vera Cruz	Prefeitura Municipal de Vera Cruz	Desde 2019	Itinerante
Arraiá da Margarida	Prefeitura Municipal Salinas da Margarida	Desde 2017	Itinerante
Campeonato de Quadrilhas Juninas	Prefeitura Municipal Rio Real e Secretaria de Educação		Itinerante
Festival de Quadrilhas Juninas da Rede Globo Nordeste	TV Globo Nordeste (Pernambuco)	Desde 1988	Itinerante
Nordestão de Quadrilhas	UNEJ - União Nordestina de Quadrilhas Juninas	Desde 2002	Itinerante

Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas	CONFEBRAQ - Confederação Brasileira De Entidades De Quadrilhas Juninas	Desde 2005	Itinerante
Festival Nordestino de Cultura Junina Nacional	Associação Brincantes do Folclore Nordestino	Desde 2008	Floriano – Piauí

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Atualmente temos em atividade apenas dois concursos em Salvador: o Arraial do Galo, que desde 1997 se chama O Galinho, e o concurso da FEBAQ apoiado pela Bahiaturra. O Galinho²⁶ outrora apenas concurso de quadrilhas aberto e gratuito, atualmente é uma festa fechada com shows de artistas e bandas de sertanejo e axé, com altos valores de ingresso, e por esse motivo não consegue mais agregar a comunidade, as torcidas das quadrilhas, para que lhes prestigiem. Os grupos juninos recebem uma cota de ingressos para distribuir entre os componentes e caso haja ingressos excedentes dão-se à amigos convidados. Com patrocinadores exclusivos que ditam as regras, os quadrilheiros são forçados a aceitarem essas mudanças.

Figura 36 - Divulgação do Concurso Arraia do Galinho (2016). Casal de dançarinos da Quadrilha Forró do ABC



Fonte: Google.

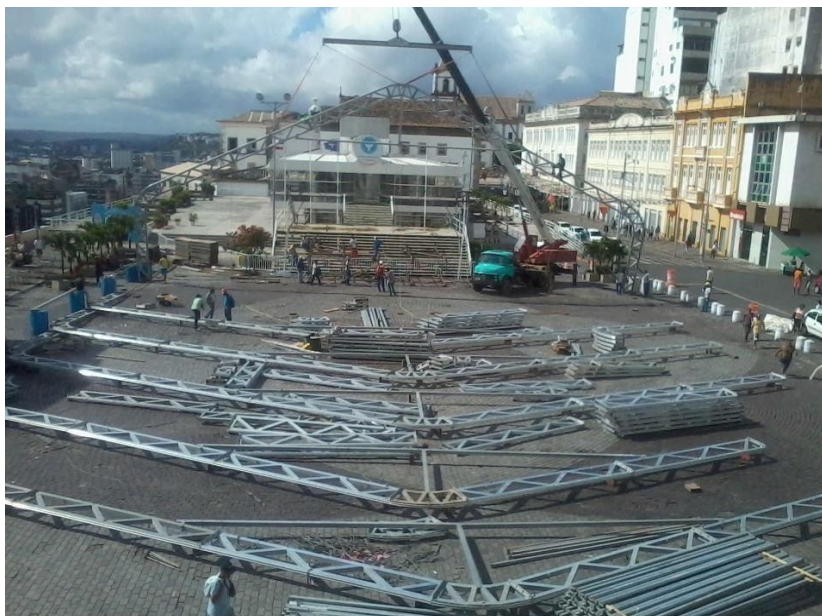
²⁶ Disponível em: <<https://ogalinho.com.br/evento/>>. Acesso em: 08 fev. 2020.

Os quadrilheiros tem atualmente como segunda e última opção de concurso em Salvador o Campeonato Baiano de Quadrilhas Juninas, organizado pela Federação Baiana de Quadrilhas – FEBAQ, com apoio financeiro da Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia (Bahiatursa), que ocorre desde 2008 agregando grupos juninos de todo o estado da Bahia, divididas entre Grupo Especial e Grupo de Acesso.

Este concurso primeiramente se realizou no Cruzeiro de São Francisco (2008 e 2009), numa das praças do Pelourinho, sem arquibancadas para a plateia e pouca proteção contra as chuvas do período de junho. A FEBAQ então conseguiu que o evento fosse transferido para a Praça Municipal e teve toda a estrutura de palco e arquibancada necessária para a sua realização no período de 2010 à 2013.

Devido à realização da Copa do Mundo no Brasil, em 2014, algumas festividades foram suspensas no Centro Histórico, devido à proximidade com o estádio Arena Fonte Nova, desta maneira a realização do concurso chegou a ser “ameaçada” de não ser realizado. Há, também, uma especulação que o novo prefeito, empossado naquele mesmo ano, Antônio Carlos Magalhães Neto, desautorizou a realização do evento, situado justamente em frente à Prefeitura.

Figura 37 - Montagem da arena Campeonato Estadual de Quadrilhas, Praça Municipal, 2013



Fonte: FEBAQ.

Uma outra especulação é que com a mudança de Secretário de Turismo do estado da Bahia, antes Domingos Leonelli, um grande simpatizante do movimento de quadrilhas e padrinho do referido evento, pois era gerido sua pasta, o seu sucessor não tinha interesse em dar continuidade ao campeonato. Após negociações entre a Federação Baiana de Quadrilhas e Bahiatursa, órgão patrocinador do campeonato, uma nova praça na cidade foi sugerida, passando a então a ser realizado, a partir daquele ano até 2019, quando se realizou esta pesquisa, na Praça da Revolução, no bairro de Periperi, situado no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

Figura 38 - Arena montada para o Campeonato Estadual de Quadrilhas, Praça da Revolução, no bairro Periperi, 2014



Fonte: FEBAQ.

As três primeiras colocadas do grupo especial neste campeonato ganham a oportunidade de representar a Bahia nos concursos "de fora", ficando a distribuição da seguinte maneira: a quadrilha vencedora em 1º lugar vai ao Festival Globo Nordeste e ao Concurso Nacional da Confedbraq, o 2º lugar vai para o Nordestão da UNEJ e o 3º lugar vai para o Festival Nordestino no Piauí. A vencedora do grupo de acesso também foi representar a Bahia no Festival Nordestino neste ano de 2019.

Figura 39 - Distribuição das quadrilhas baianas vencedoras para os concursos "de fora", 2014

FEDERAÇÃO BAIANA DAS QUADRILHAS JUNINAS

CAMPEONATO ESTADUAL DE QUADRILHAS JUNINAS DA BAHIA
De 11 a 14 de junho – Praça da revolução - Periperi

As vencedoras representarão a Bahia nos Concursos Regional da Globo, Nacional, Nordestão e Festival Nordestino

Segue ordem:

1º lugar - REGIONAL DA GLOBO - Pernambuco (Goiana) = 22/Jun
CONCURSO NACIONAL - Ceará (Maracanaú) = 19/20/Jul
2º Lugar – CONCURSO NORDESTÃO - Estado do Piauí (Terezina) = 05/06/Jul
3º Lugar – FESTIVAL NORDESTINO - Estado do Piauí (Floriano) = 12/Jul

Fonte: FEBAQ.

Em 2014 tive a experiência de participar do Concurso Nordestão realizado em Teresina, capital do Piauí, onde a Quadrilha Forró Asa Branca conquistou o 2º lugar.

Figura 40 - Personagem Rúbia - Quadrilha Junina Forró Asa Branca, 2014



Fonte: acervo pessoal.

Faz-se necessário discorrer, mesmo que em linhas gerais, sobre a nossa unidade representativa, tendo em vista que o desenrolar das transformações vividas pelos grupos juninos perpassa pelos critérios estabelecidos por esta entidade. A FEBAQ iniciou o seu processo de formação em 2001, mas somente em 17 de julho de 2007 teve a sua formalização jurídica. Seu surgimento se deu através da iniciativa de alguns presidentes de quadrilhas, impulsionados pela existência de federações de quadrilhas juninas em outros estados, que já estavam organizados há um certo tempo e com algumas conquistas de políticas públicas.

A seu corpo diretor sofreu poucas alterações desde a sua formação até os dias atuais, tendo basicamente os mesmos membros e suas quadrilhas de origem já estão extintas há pelo menos 10 anos.

Tabela 8 - Membros diretores da Federação Baiana de Quadrilhas - FEBAQ

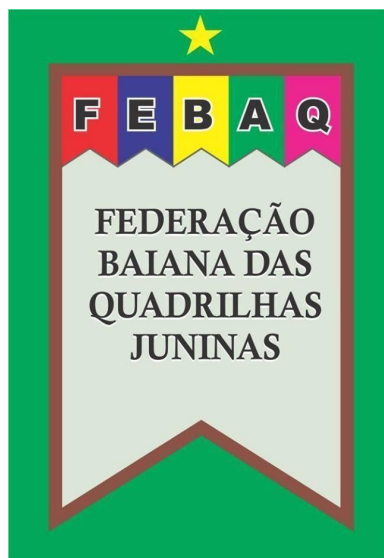
Diretoria Executiva FEBAQ		
Presidente	Carlos Brito	Quadrilha Leão do Norte
Vice-presidente	Agnaldo Silva	Quadrilha Sanfona de Ouro
Secretária	Ely Rasek	Arraiá Terra Viva
Tesoureira	Maria José Sacramento	Quadrilha Sanfona de Ouro
Diretor Regional	Roberto Franklin	Quadrilha Sanfona de Ouro
Conselho fiscal	Ailton Vieira	Forró do Fole
	Claudia Marah	Quadrilha Leão do Norte
	Luis Pedreira	Arraiá Terra Viva

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Segundo o seu Estatuto²⁷, no Artigo 3º consta que a FEBAQ tem por objetivo “o incentivo da cultura e do movimento junino da Bahia, através da construção de ações e eventos de desenvolvimento cultural, social e educacional”, porém durante estes treze anos de atuação vemos apenas a realização de concursos em parcerias com secretarias ou prefeituras, algumas festas de integração entre os grupos e pouca transparência quanto aos recursos financeiros que movimenta.

²⁷ Ver Anexos.

Figura 41 - Logomarca da Federação Baiana de Quadrilhas



Fonte: FEBAQ.

Antes da formação da FEBAQ houve uma tentativa de representação das quadrilhas juninas, porém não avançou por muito tempo. Chamada Associação das Quadrilhas Juninas do Estado da Bahia – AQUIJEBÁ, teve duração de quase dois anos (1993-1994) sem muita expressão no cenário junino. O quadrilheiro e atual presidente da FEBAQ, Carlos Brito, mencionou em seu livreto *O Alfabeto das Quadrilhas Juninas da Bahia* (1998), sobre essa iniciativa por parte de alguns quadrilheiros:

Há alguns anos, uma cúpula dos quadrilheiros formou uma associação de quadrilhas com o nome AQUIJEBÁ, Essa associação não é unânime diante de todos os quadrilheiros, tendo várias divergências, a começar escolha do presidente (Antonio Francisco de Souza Neto), que foi empossado sem nenhum tipo de votação, e sim por ter tomado a iniciativa do projeto. No mesmo caminho foram empossados os diretores, secretários (Dilzete Araújo de Assis Santos), tesoureiros e outros que formavam toda a cúpula administrativa dessa associação. (BRITO, 1998, p. 80)

O autor vai tecendo uma série de críticas a essa iniciativa de associação de quadrilhas, pontuando as falhas e apontando caminhos que deveriam ser seguidos, tendo em vista do que se espera de, e como realmente deve atuar, uma unidade representativa. Brito segue dizendo:

Quase não se fez nada, ressaltando um concurso de quadrilhas, realizado na área do Passeio Público [...] quase nenhuma quadrilha de respaldo apareceu, ficando um concurso sem valor e nada suntuoso. Outras atividades sem importância vieram acontecer, mas os propósitos reais da criação da associação não foram correspondidos. Metas, como a divulgação absoluta do movimento, o reconhecimento perante órgãos competentes governamentais, o registro de todas as quadrilhas, a busca de patrocínios e apoios, a realização de um concurso de quadrilhas juninas, na mesma altura dos concursos oficiais, não foram atingidas. Todas essas obrigações assumidas pela AQUIJEBBA ficaram infelizmente nos papéis arquivados, não cumprindo um terço das obrigações que eram de sua responsabilidade. (BRITO, 1998, p. 81)

É importante notar que as críticas de Brito, feitas em 1998 à AQUIJEBBA, podem perfeitamente ser direcionadas à sua própria atuação como presidente da FEBAQ nos dias atuais. Até o momento seu empenho se concentra na realização do Campeonato Estadual de Quadrilhas, reduzidos concursos em municípios do interior da Bahia. A Federação não promoveu o reconhecimento perante órgãos públicos, não incentivou ou orientou a formalização jurídica dos grupos juninos, não efetivou patrocínios ou apoios com empresas e a redução das quadrilhas é drástica.

A questão do desaparecimento de muitas quadrilhas em Salvador e região metropolitana é ponto de preocupação dos quadrilheiros mais antigos e isso também foi criticado por Brito, em relação à AQUIJEBBA, quando diz que:

a meta principal seria lutar para o não desaparecimento das quadrilhas e sim a sua revitalização no cenário junino baiano. Aproximadamente, encontra-se em atividades menos de cinquenta quadrilhas juninas, entre Salvador e cidades vizinhas, basicamente a metade de cinco anos atrás. (BRITO, 1998, p. 82)

Sobre a atuação da FEBAQ e seu efeito sobre os grupos juninos da Bahia, trago aqui uma observação do quadrilheiro Rubem Braga que em depoimento pontua:

Para a revitalização do movimento de quadrilhas, minhas sugestões são as seguintes: primeiro mudar completamente essa gestão que está à frente, que diz que tudo o que acontece no movimento tem que passar por ela. Peraí! Se eu quiser montar um grupo e me apresentar por aí eu não posso sem essa organização? Não existe! Essa organização é quem diz se eu posso participar de tal evento ou de tal concurso? Não existe! Não pode? Quando essa organização

por tramites internos, entre eles, resolvem institucionalizar e eles mandam na porra toda e é como eles querem, já se perde muita coisa, já começa a derrocada da manifestação. Porque vai pra concurso quem eles querem, não é mais espontâneo! Que é um dos fatores primordiais de uma manifestação cultural: a espontaneidade! Perde-se, quando eles começam a limitar, não apenas a existência, a manutenção, mas a forma como deve ser feita, quantos devem ter, quem deve participar, quem pode, quem não pode, como deve estar vestido, como não pode, então, tem de desconstruir! Tem que acabar com essa organização! (BRAGA, 2020)

Ao contrário de outras federações de quadrilhas pelo Brasil que desenvolvem assembleias produtivas, que elaboram documentos, que cobram do Estado que se cumpra as leis de cultura, que conquistaram editais próprios, que conquistaram subsídios, que realizam seminários e cursos para jurados, que se movimentam para além de concursos competitivos, a nossa federação baiana até a presente data não conquistou nenhuma política pública que fosse efetiva para os grupos juninos baianos.

Os dirigentes são os mesmos durante todos esses anos, pois nunca houveram interessados em formar chapa de oposição, e seus esforços foram apenas o de convencer a TV Aratu a manter o concurso de quadrilhas dentro do que se tornou um megaevento do Arraiá do Galinho, e o projeto pontual dentro da Secretaria de Turismo do estado da Bahia, o Campeonato Estadual de Quadrilhas, que estremece cada vez que mudam os secretários, pois não há obrigatoriedade na sua manutenção.

As consequências do descaso, da falta de atenção e planejamento das e para as comunidades, na manutenção de seus espetáculos juninos, se apresentam ano após ano refletidas nas dificuldades financeiras em promover o segmento junino.

A seguir apresento matéria²⁸ realizada pelo site Forte na Notícia, identificada como sendo do município de Cruz das Almas, estado da Bahia, realizada em 31 de maio de 2018, que discute as dificuldades financeiras das quadrilhas juninas.

28

<https://www.fortenoticia.com.br/com-dificuldades-financeiras-e-falta-de-apoio-quadrilhas-juninas-lutam-pela-sobrevivencia/>

Figura 42 - Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018

Com dificuldades financeiras e falta de apoio, quadrilhas juninas lutam pela sobrevivência | Cruz das Almas - FORTE NA NOTÍCIA

Com dificuldades financeiras e falta de apoio, quadrilhas juninas lutam pela sobrevivência

O que antes era uma festa popular que não envolvia ensaios orquestrados, figurinos elaborados e competições, virou uma manifestação cultural carregada de profissionalismo.

Por **Redação2** - 31 de maio de 2018



Fonte: Forte na Notícia.

Figura 43 - Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018

Com dificuldades financeiras e falta de apoio, quadrilhas juninas lutam pela sobrevivência | Cruz das Almas - FORTE NA NOTÍCIA

Tradição cultural secular trazida diretamente de Lisboa por Dom João VI, as quadrilhas juninas chegaram ao Brasil como uma dança de salão executada apenas pela corte e elite europeia. Uma vez em terras tupiniquins, a “quadrille”, como era conhecida em francês, sofreu grandes transformações e acabou ganhando o nome de quadrilha, numa tentativa dos serviçais de imitar as danças que viam nos bailes promovidos nos casarões da elite. Da corte, a dança se espalhou pelo país e acabou ganhando o povo brasileiro, sendo ainda mais tradicional no nordeste. As quadrilhas então se tornaram uma marca do período junino. O que antes era uma festa popular que não envolvia ensaios orquestrados, figurinos elaborados e competições, virou uma manifestação cultural carregada de profissionalismo.

Os grupos de quadrilhas juninas categorizados como profissionais são formados por diretorias e possuem uma organização administrativa. As pessoas que assumem esses cargos ficam responsáveis por diversos aspectos da produção e da apresentação, como cronogramas de ensaios, escolha de tema, acompanhamento dos custos, entre outras funções. Augusto Reis, um dos diretores da quadrilha Capelinha do Forró, de Salvador, contou ao Bahia Notícias como funciona a organização deles: “Somos oito membros na diretoria, apesar de ter toda a formação jurídica, nós funcionamos realmente como diretório e tudo é decidido através de voto, é uma coisa bem democrática”.

Além dos membros do diretório, outros integrantes da quadrilha também fazem parte do grupo de forma voluntária. A cada um deles, é requisitada uma quantia média de R\$ 1 mil para arcar com os custos do figurino e adereços que serão utilizados durante a apresentação. “Claro que essa quantia é dividida em

Fonte: Forte na Notícia.

O texto inicia trazendo o contexto histórico de origem desta dança, suas transformações, sua inserção sociocultural no Brasil, seu caráter popular e conclui afirmando “[...] virou uma manifestação cultural carregada de profissionalismo”, isto porque no parágrafo seguinte passa a citar as estruturas organizacionais de uma quadrilha. Cita o corpo diretor e administrativo, suas funções nas etapas do processo de construção de um espetáculo junino, a partir da narrativa do quadrilheiro Augusto Reis, presidente da Quadrilha Capelinha do Forró, em entrevista à matéria.

Em seguida descreve a participação voluntária dos quadrilheiros, dançarinos sobretudo, que pagam certa quantia para custear figurinos e adereços. Neste ponto apresenta-se uma característica híbrida dos grupos juninos, de serem amadores e profissionais ao mesmo tempo, quando reúne pessoas que recebem pagamento por seus serviços e outras que pagam para atuar no mesmo resultado artístico, mesmo que parcelado.

O quadro seguinte dá continuidade ao texto, trazendo estratégias de arrecadação de recursos, para além do pagamento dos dançarinos, em seguida surge a fala de Mariete Lima, presidente da Quadrilha Forró do ABC, listando detalhadamente os itens que são contratados para a construção do espetáculo junino: figurinos, cenários, banda musical, marcador, aderecistas e coreógrafos.

Figura 44 - Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018

Com dificuldades financeiras e falta de apoio, quadrilhas juninas lutam pela sobrevivência | Cruz das Almas - FORTE NA NOTÍCIA

várias parcelas dentro dos muitos meses que a gente já vem fazendo o trabalho”, explica Augusto. Como nem todo mundo que participa tem condições de pagar, o grupo elabora artifícios como bingos, festas e rifas para arrecadar dinheiro e ajudar a custear a quadrilha. “Temos gastos com os figurinos, cenários, equipes de profissionais que são contratados, a banda, custo com o marcador, que é o responsável por animar e puxar a quadrilha, com as pessoas que fazem os adereços e também temos os gastos com os coreógrafos”, pontua Mariete Lima, presidente da quadrilha Forró do ABC, também de Salvador.

A organização das quadrilhas para o São João se iniciam em julho, assim que as apresentações daquele ano são finalizadas. De acordo com o Presidente da Federação Baiana de Quadrilhas Juninas (Febaq), os grupos levam praticamente um ano inteiro “desenvolvendo, criando e projetando” os trabalhos para que possam ser apresentados durante o próximo período junino. Tanto Mariete quanto Augusto se reúnem com suas equipes assim que o mês de junho se encerra. “Por essa questão da temática, elaboração de figurino, questões e elementos coreográficos, a gente já começa a trabalhar logo após o término do ciclo junino do ano anterior, uma média de 11 meses de antecedência mais ou menos é o nosso processo”, conta o diretor. “A gente não para, os outros setores da quadrilha ficam de ‘férias’ e são convocados de acordo com as demandas”, afirma a presidente.

As apresentações realizadas pelas quadrilhas juninas, em um concurso que segue as regras da Febaq, duram 25 minutos. Os participantes têm 15 minutos para arrumar o cenário na quadra e organizar sua banda no palco. Segundo o presidente da federação, alguns grupos, principalmente aqueles do interior,

Fonte: Forte na Notícia.

A matéria buscou conversar também com o presidente da Federação Baianas de Quadrilhas – FEBAQ, o senhor Carlos Brito, que na sua fala demonstra a grandiosidade dos preparativos, dizendo: “os grupos levam praticamente um ano inteiro desenvolvendo, criando e projetando os trabalhos, para que possam ser apresentados durante o próximo período junino”. A fala institucional prossegue, dessa vez trazendo aspectos organizacionais do concurso: tempo de apresentação, tempo de montagem do cenário, passagem de som, tempo de desmontagem, sem discutir os custos das montagens coreográficas, citados pelos presidentes, de acordo com o tema da matéria jornalística.

Figura 45 - Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018

Com dificuldades financeiras e falta de apoio, quadrilhas juninas lutam pela sobrevivência | Cruz das Almas - FORTE NA NOTICIA.

utilizam cds ou pen drives no lugar de uma banda. Após a apresentação, as quadrilhas dispõem de 5 minutos para deixar a quadra e retirar todo o seu material, incluindo os equipamentos de som. Ao todo, os processos de apresentação dos grupos juninos duram 45 minutos. A presidente do Forró do ABC contou ao BN que quando eles realizam alguma apresentação particular, a performance pode chegar a 30 minutos: "Quando terminamos a dança, ainda fazemos brincadeiras com os convidados que estão no evento".

No que se refere ao investimento necessário para uma apresentação, Mariete relaciona o custo das quadrilhas ao das escolas de samba. "Hoje para você fazer um grande trabalho você não gasta menos de R\$ 150 mil porque existe todo uma equipe de contratados que são estritamente profissionais, então você tem gastos em todos os processos, sendo necessário um apoio", pontua. É justamente no quesito financeiro que reside o maior problema enfrentado pelas quadrilhas atualmente. "Aqui na nossa cidade, nós não temos nenhum recurso e nenhum edital vindo da prefeitura ou do governo que beneficia as quadrilhas juninas, também não temos apoio de nenhum grupo privado", lamenta a representante do Forró do ABC.

Apesar de ser uma manifestação cultural típica do nordeste, inclusive da Bahia, as quadrilhas juninas vem enfrentando dificuldades no que diz respeito ao apoio dos órgãos públicos. Para ter uma ideia da crise pela qual os grupos estão passando, estima-se que há alguns anos atrás haviam mais de 100 quadrilhas, somente em Salvador, enquanto hoje, apenas quatro delas sobrevivem, por enquanto. "Infelizmente a capelinha está no seu último ano", revela Augusto. "São 20 anos de luta, tentando batalhar pra colocar esse grupo na rua, mas em 2019 a gente já não vai mais estar fazendo parte desses

Fonte: Forte na Notícia.

A situação de dificuldade gritante se expressa nas afirmações feitas pela presidenta Mariete Lima, quando desabafa a realidade em Salvador: "aqui, na nossa cidade, nós não temos nenhum recurso, nenhum edital vindo da prefeitura ou do governo que beneficie as quadrilhas juninas". As consequências disso se expressa nas palavras de Augusto Reis: "infelizmente a Capelinha está no seu último ano [...] são 20 anos de luta, tentando batalhar pra colocar esse grupo na rua", numa demonstração evidente de perda da força financeira do grupo. O texto também menciona o fato de que Salvador conta apenas com quatro grupos, em comparação às décadas passadas quando haviam mais de 100 quadrilhas na capital baiana.

Figura 46 - Matéria sobre as dificuldades das quadrilhas juninas, 2018

Com dificuldades financeiras e falta de apoio, quadrilhas juninas lutam pela sobrevivência | Cruz das Almas - FORTE NA NOTÍCIA

grupos, por causa de todas essas dificuldades financeiras”, contou. Com o fim da Capelinha, serão apenas três grupos na capital baiana. No entanto, segundo Augusto, pode ser que eles também não resistam, já que enfrentam os mesmos problemas.

Os dois representantes das quadrilhas concordam que falta apoio estatal para que os grupos continuem seus trabalhos. “Para os nossos governantes o Carnaval dura 12 meses do ano, e eles não respeitam a nossa cultura de um modo geral, eu falo principalmente pela cultura junina que é tão rica”, aponta Mariete. Durante a conversa com o BN, a presidente citou iniciativas realizadas por outros estados para incentivar a cultura dos grupos juninos. Em cidades como Fortaleza, Recife e Aracaju, o São João dura 30 dias e as quadrilhas dançam nos aeroportos, ficam nas rodoviárias, nos shoppings, nas ruas. “Existe todo um abraço pelas quadrilhas juninas”, opina Mariete. “O que falta é investimento nessa cultura. Infelizmente as quadrilhas vem ficando pra trás e esse movimento vem morrendo a cada ano que passa”, finaliza Augusto.

Fonte: Forte na Notícia.

É lastimável que a matéria se encerre numa atmosfera de decepção pelo descaso com o setor cultural de Salvador, sem previsão de mudanças, em comparação com outras capitais que investem fortemente nas festas e quadrilhas juninas, mais ainda pela Febaq que não esboçou nenhum tipo de análise sobre a situação, sequer apresentou algum projeto para melhoria da realidade dos grupos juninos e se demonstram isentos de responsabilidades.

São esses fatos e situações que incentivam momentos efetivos de reflexão e debates entre os quadrilheiros, que exercem as mais diversas funções, a Federação e agentes públicos, para apontar problemas e buscar as soluções cabíveis, no âmbito das políticas culturais, de modo a promover a cultura junina em nossa cidade.

CAPÍTULO III

NO SONHO VIA A SANFONA E A ZABUMBA, BATENDO TÃO FORTE PARECENDO UM CORAÇÃO: 1º FÓRUM DE QUADRILHAS JUNINAS DE SALVADOR

A universidade é esse espaço que deve ser democrático, para que nos coloquemos juntos sem diferenças, econômicas ou de conhecimento, para que a gente possa criar diálogos e ambas as comunidades, a sociedade, elevar o seu conhecimento, a sua educação, a economia e a cultura²⁹

O 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador³⁰, se configura como uma atividade de extensão, evento estudantil apoiado pela Pró Reitoria de Extensão – PROEXT, da Universidade Federal da Bahia, UFBA, realizada de maneira inédita para o movimento de quadrilhas juninas e no espaço formal acadêmico. Buscou amadurecer os estudos acadêmicos em cultura popular na Bahia, mais precisamente da produção de dança popular em comunidades externas à academia, buscando estreitar diálogos com as Quadrilhas Juninas de Salvador.

²⁹ Fala de abertura da Profa. Dra. Amélia Conrado, no 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 08/08/2019. Vídeo de abertura do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador disponível em: <<https://web.facebook.com/soianegomesbrincante/videos/374515896580255/>>.

³⁰ Projeto em sua integralidade pode ser conferido nos anexos.

Figura 47 - Cartaz de Divulgação do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019



Arte Visual: Natália Almeida.

Impulsionado pela necessidade de colher depoimentos dos mais diversos quadrilheiros, para alimentar a oralitura desta dissertação sobre as quadrilhas juninas de Salvador, o Fórum reuniu estudantes, artistas da dança, teatro e música, coreógrafos, figurinistas, grupos e famílias de Quadrilhas, assim como toda a comunidade interessada, para o intercâmbio de múltiplas opiniões e fruição de saberes.

Este projeto, realizado em parceria com a colega e estudante Sibeles Bulcão Passos, foi contemplado na *Chamada para Concessão de Apoio à Organização de Eventos Estudantis 2019*³¹ da Pró-Reitoria de Extensão Universitária - PROEXT, da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

³¹ Para acessar o edital:

<https://proext.ufba.br/chamada-para-concessao-de-apoio-organizacao-de-eventos-estudantis-2019>.

Para acessar o resultado:

https://proext.ufba.br/sites/proext.ufba.br/files/resultado_da_chamada_para_concessao_de_apoio_a_organizacao_de_eventos_estudantis_2019-etapa_2_1.pdf.

Figura 48 - Programação do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019

1º FÓRUM QUADRILHAS JUNINAS DE SALVADOR 2019

PROGRAMAÇÃO

QUINTA 08/08

19H ESPETÁCULO
A SAGA - Quadrilha Forró Asa Branca

CERIMÔNIA DE HOMENAGEM

MESA DE ABERTURA - Mestres
MEDIADORA: Prof. Dra. Amélia Conrado - UFBA
MESTRAS(ES): Mariete Lima, Ubaldina Estrela, Altamira Lobo, Graça Brandão, Ana Maria Franco, Ely Rasek, Agnaldo Silva, Antônio Soares, Deraldo Lima, Geo Santa Fé, Jorge Cavalcante, Spesia Peixoto

SEXTA 09/08

9H AULÃO - Xaxado

10H MESA TEMÁTICA 1 - Coreógrafos de Quadrilhas
MEDIADOR: Prof. Me. Jairson Bispo
CONVIDADOS: Isis Carla, Adeilson Sousa, Alexandre Chaves, Anderson Cupim, Armando Filho, Danilo Carvalho, Jorge Cavalcante, Leandro Oliveira

14H MESA TEMÁTICA 2 - Como construir Políticas Culturais de manutenção e salvaguarda para as Quadrilhas Juninas de Salvador?

MEDIADOR: Prof. Dr. Jânio Roque de Castro - UNEB.
CONVIDADOS: André Rios - CCPI, Carlos Brito - FEBAQ, Edwin Neves - FGM, Etenoel Cruz - CMPC, Pan Batista - Cons. Est. de Cultura da BA, Roberto Pellegrino - IPAC, Ver. Silvío Humberto - Comissão de Cultura

19H CERIMÔNIA DE HOMENAGEM

NOIVAS E RAINHAS DE QUADRILHAS

ESPETÁCULO
O SER TÃO BOM! - Quadrilha Forró do ABC

SÁBADO 10/08

9H MOSTRA MUSICAL
Repertórios de Quadrilhas

10H MESA TEMÁTICA 3 - Músicos e Compositores de Quadrilhas
MEDIADOR: Etnomusicólogo Marcos Santos
CONVIDADOS: Natali Santana Tica, Adelmo Magalhães, Ed Bispo, Geo Santa Fé, Jean Batista, Julio Cavalcanti, Lazaro Oliveira, Ricardo Correia, Roberto Brito, Roberto Cândido

14H MESA TEMÁTICA 4 - Figurinistas de Quadrilhas
MEDIADOR: Prof. Me. Denny Neves - UFBA
CONVIDADOS: Aline Assis, Tais Brandão, Cid Brito, Ito Gomes, Jhon Pereira, Luciano Santana, Marcio Santana, Rubem Braga

16H MESA TEMÁTICA 5 - Marcadores de Quadrilhas
MEDIADORA: Solange Simões
CONVIDADOS: Antônio Soares, Clóvis Oliveiras, David Washington, Dévid Gonçalves, Jotta Armany, Leandro Santolli, Leonardo Teles, Paulo Ornellas, Valtter Mangabeira

19H LEITURA DA CARTA
1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador

ESPETÁCULOS
EU SOU O SÃO JOÃO - Quadrilha Mirim Germe de Era
O CASAMENTO DA FILHA DO CANGAÇO - QM Forró do Luar
O AUTO DO PÓ DA ESTRADA - Q. Arraiá Bela Flor
FÊNIX E A SEMENTE DO AMANHÃ - Q. Imperatriz do Forró

VISITE A EXPOSIÇÃO Memórias de Quadrilhas

Realização: PROEXT

Apoio: SPEED PRESS, C'rculo, Projeto 033

Arte Visual: Natália Almeida.

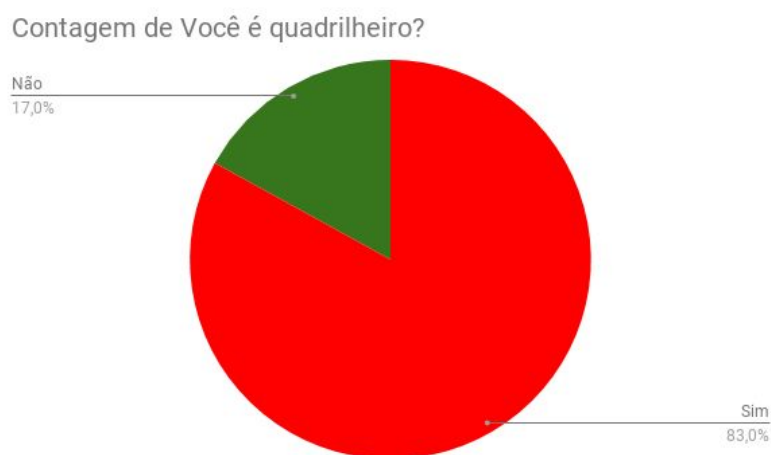
Fiz questão de buscar quadrilheiros mais antigos, mesmo que fora de atividade, para compor a programação do 1º Fórum, também não me acanhei em “superlotar” as mesas, pois tinha a impressão que esse encontro inédito pudesse, talvez, nunca mais se repetir outra vez. A importância em reunir tantos quadrilheiros expressivos se deu justamente pelo caráter inaugural desta iniciativa. Por se tratar de uma oportunidade importante, aproveitei para lançar um formulário de inscrições e assim coletar dados que pudessem colaborar no entendimento do perfil socioeconômico dos quadrilheiros juninos e acrescentar à esta pesquisa.

3.1 AMOSTRA DOS DADOS COLETADOS NO FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

Apresento os dados coletados através do formulário de inscrições para o 1º Fórum onde constavam perguntas sobre faixa etária, orientação sexual, escolaridade, renda, origem geográfica e inserção cultural.

Foram abertas as inscrições pelas redes sociais, de 01/07 à 08/08 de 2019, para a participação no Fórum e recebemos formulários de 218 inscritos, dentre os quais 183 pessoas (83%) se identificaram como quadrilheiros. O formulário foi elaborado de modo a coletar dados que possibilitasse a identificação do perfil social do público que atua em quadrilhas, quanto a posição socioeconômica, etnia, escolaridade, sexualidade, faixa etária, dentre outras, além de questões abertas sobre suas atuações nos respectivos grupos juninos, colhendo também alguns depoimentos.

Diagrama 3 - Identificando os Quadrilheiros entre os inscritos no 1º Fórum

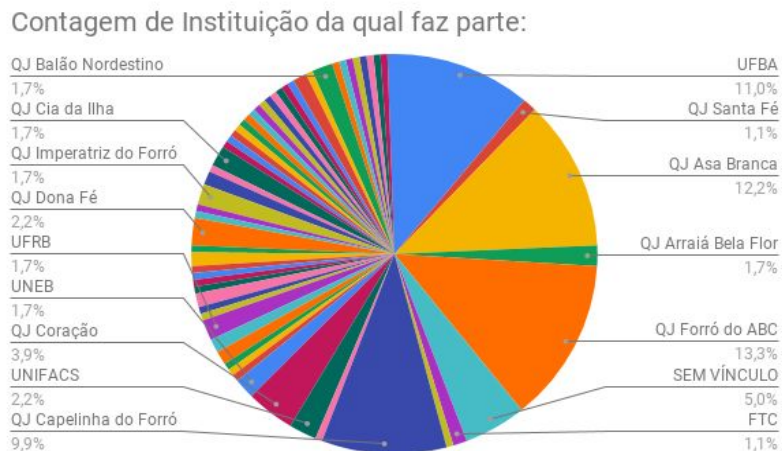


Fonte: autoria de Soiane Gomes.

É de alta relevância expor aqui os dados, que longe de ser um censo com o rigor que se exige, ainda assim pode nos ajudar a compreender em que lugar da sociedade se encontram os participantes de quadrilhas juninas e quem são os sujeitos que movimentam esta expressão cultural em Salvador. Nos dados a seguir apresento apenas as respostas dos quadrilheiros, eliminadas as respostas do público externo.

Por se tratar de um evento acadêmico uma das primeiras perguntas do formulário era “instituição da qual faz parte”. Alguns responderam a universidade que estavam, ou foram, vinculados e outros responderam o nome do grupo junino em que atua, o que para mim demonstra a afirmação e a valorização do espaço cultural do qual fazem parte.

Diagrama 4 - Resposta micro quanto às Instituições de origem dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum



Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Em linhas mais gerais, ainda sobre a instituição ao qual se vinculam, resumidamente os resultados são:

Diagrama 5 - Resposta macro quanto às Instituições de origem dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

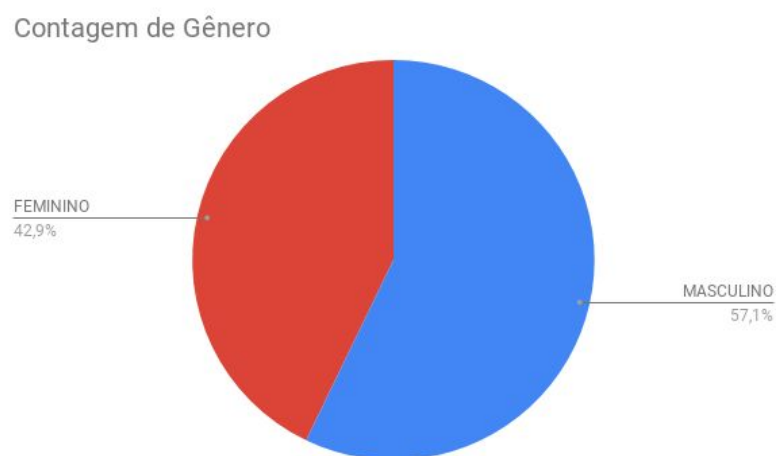


Fonte: autoria de Soiane Gomes.

O próximo dado que o formulário indaga trouxe uma constatação bastante interessante. Quando perguntado quanto ao Gênero a predominância masculina foi bastante destacada, o que também foi constatado no momento de selecionar os convidados para as mesas temáticas. As quadrilhas tem em seu quadro de profissionais os marcadores, os músicos e para elaboração de coreografias e

figurinos, uma maioria de homens, o que me fez garimpar as poucas mulheres que atuam nessas linguagens para que se fizessem presentes para falar de suas experiências.

Diagrama 6 - Quanto ao Gênero dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum



Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Em seguida perguntamos sobre a orientação sexual dos quadrilheiros, tendo em vista que o movimento de quadrilhas é visivelmente marcado pela diversidade sexual, o que sugiro posteriores pesquisas neste campo. Vale ressaltar que, embora atualmente o segmento de quadrilhas seja abertamente diverso e agregador quanto às diferentes sexualidades, foi somente em 2019 que, durante assembleia da Federação Baiana das Quadrilhas Juninas (FEBAQ) após votação com presidentes de quadrilhas da Bahia, ficou instituída a permissão para que travestis, transexuais e transgêneros pudessem dançar com figurino correspondente à sua identidade de gênero, enquanto em outros estados do Brasil isto já é uma realidade há muitos anos.

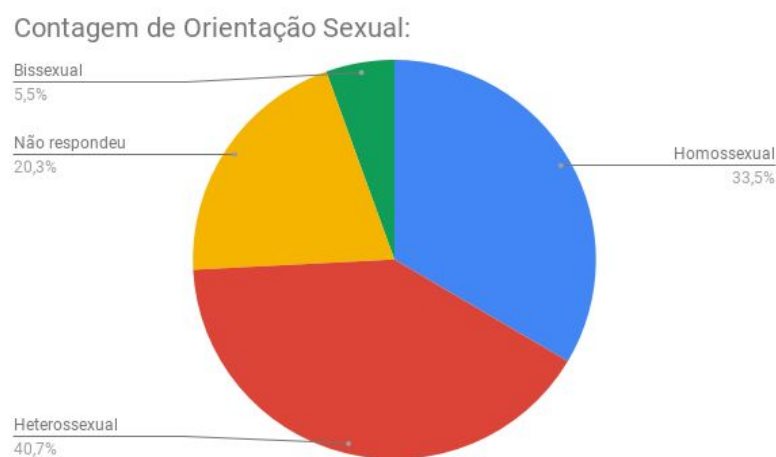
Neste caso a questão artística, onde o artista/intérprete pode/deve se trajar de acordo com o personagem para compor o espetáculo, estava em segundo ou último plano. O que imperava era a ideia heteronormativa de que "homem" se veste de cavalheiro e "mulher" se veste de dama.

A esse respeito comenta Hayesca Barroso em seu artigo:

A participação de homossexuais masculinos e sujeitos “trans” nos grupos de quadrilha junina não se limita à realização de performances trans nas quadrilhas e/ou concursos “gay” e “trans”; ela se estende de modo mais ampliado à presença majoritária de homossexuais na produção técnica da própria festa junina, a saber, desenho e confecção de figurinos, maquiagem, coreografia. Trata-se, portanto, de uma apropriação que extrapola o âmbito das performances cênicas das/nas quadrilhas juninas, mas que também ocupa os bastidores da festa, sua produção e também o seu consumo. (BARROSO, 2017, p. 182)

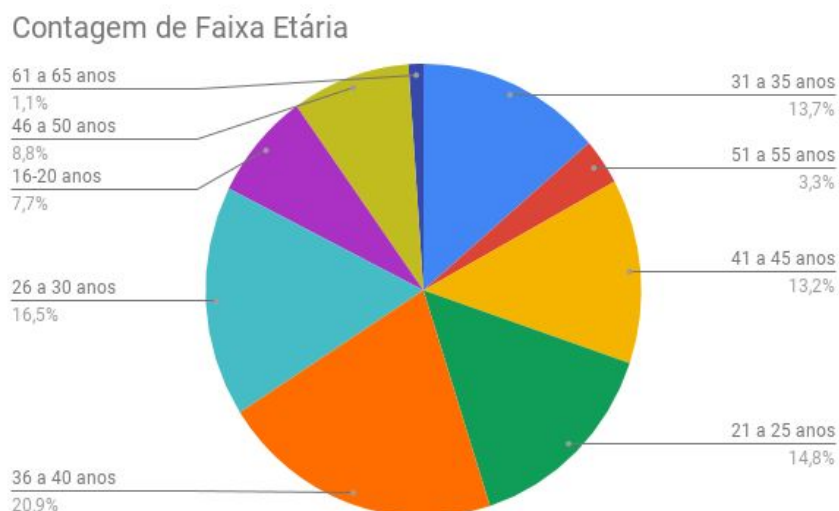
Sendo assim, é natural que os homossexuais, para além de todas as funções que exercem dentro dos grupos juninos, queiram exercer o seu direito a dançar ou performar, como lhes faça feliz.

Diagrama 7 - Quanto à Orientação Sexual dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum



Fonte: autoria de Soiane Gomes.

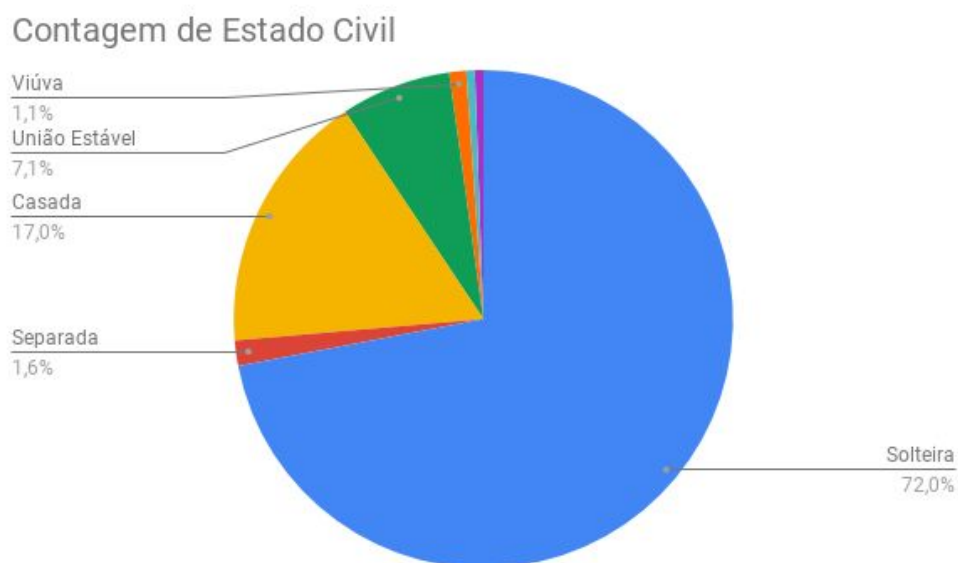
Percebemos que as quadrilhas promovem com bastante intensidade o convívio intergeracional, ou seja, temos crianças, adolescentes, jovens, adultos e maior idade reunidos em torno desta expressão cultural, exercendo as mais variadas funções. O formulário de inscrição do 1º Fórum também indagou sobre a faixa etária dos quadrilheiros para compreender, em pequena escala, como se dá esta interação.

Diagrama 8 - Quanto à Faixa Etária dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

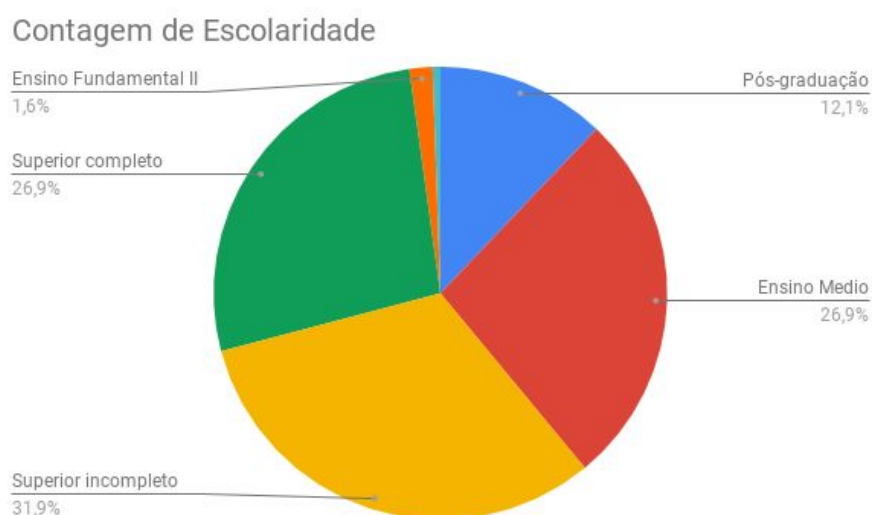
O formulário apresentou opções que partiam do *menor que 15 anos* até a opção *maior que 66 anos*, em grupos a cada 5 anos. A maior predominância se deu na opção *36 a 40 anos* com 20,9% dos inscritos, seguido da opção *26 a 30 anos* com 16,5% dos inscritos no 1º Fórum de quadrilhas.

Quando perguntados sobre o Estado Civil, os quadrilheiros inscritos no 1º Fórum assinalaram em sua maioria a opção *Solteira* (escolhemos apresentar as opções no feminino) totalizando 72%, seguido da opção *Casada* com 17% do total inscrito.

Diagrama 9 - Quanto ao Estado Civil dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Em relação ao nível de Escolaridade, 31,9% dos quadrilheiros inscritos disseram ter o nível *Superior Incompleto* compondo a maioria, seguido das opções *Ensino Médio* e *Superior Completo* ambos com 26,9% do inscritos.

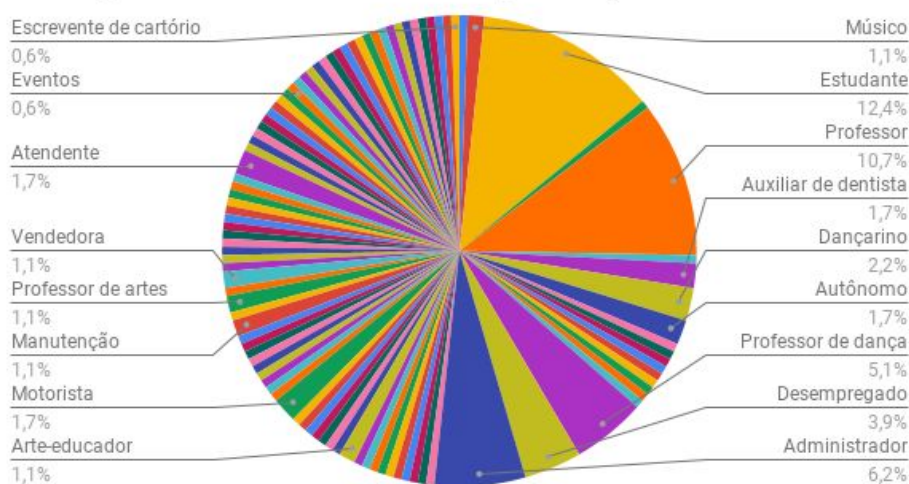
Diagrama 10 - Quanto à Escolaridade dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Na sequência perguntamos sobre a atual função no trabalho e o demonstrativo de respostas apontou para uma diversidade de funções, com destaque para 12,4% das pessoas que se colocaram como estudante, o que não se configura como trabalho, em seguida aparece então a função Professor(a) exercida pela maioria de 10,7%. Ganha destaque a função de Administrador com 6,2% e professor de dança com 5,1% das respostas enviadas.

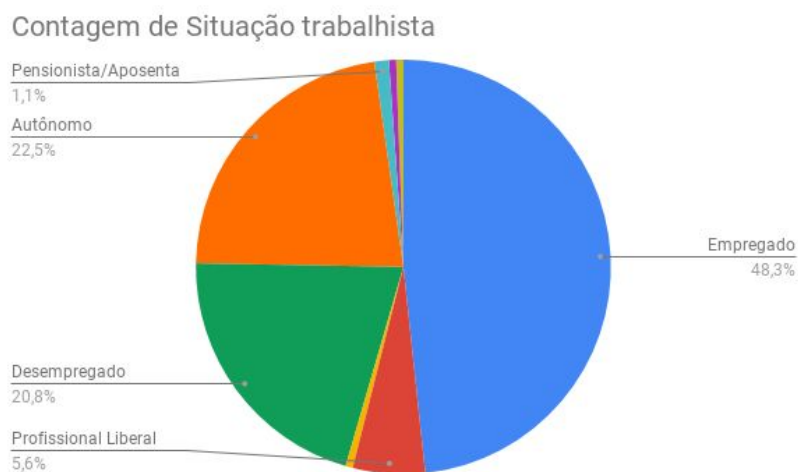
Diagrama 11 - Quanto à Função exercida no Trabalho dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Contagem de Atualmente exerce qual função no trabalho?



Fonte: autoria de Soiane Gomes.

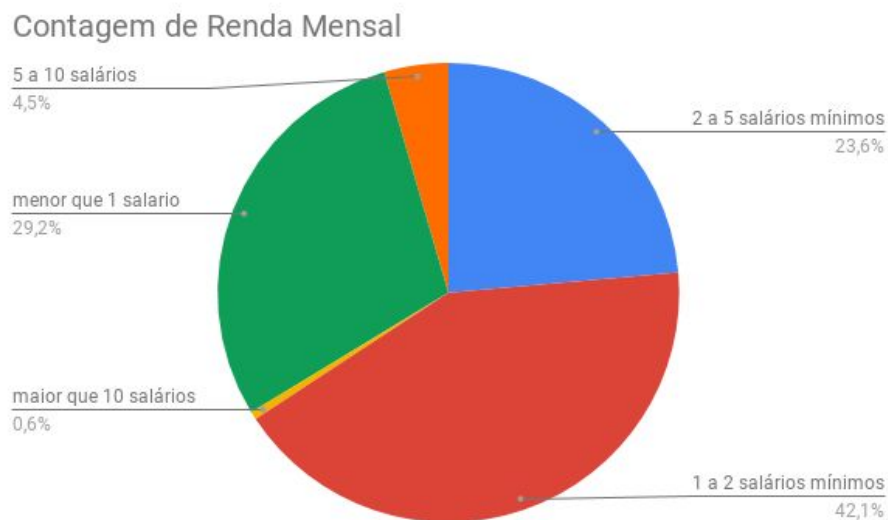
Em relação à situação trabalhista dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum, o resultado demonstrou que 48,3% estavam empregados, em seguida 22,5% de autônomos e 20,8% de desempregados. Vale mencionar 5,6% de profissionais liberais e 1,1% de pensionistas e aposentados.

Diagrama 12 - Quanto à Situação Trabalhista dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

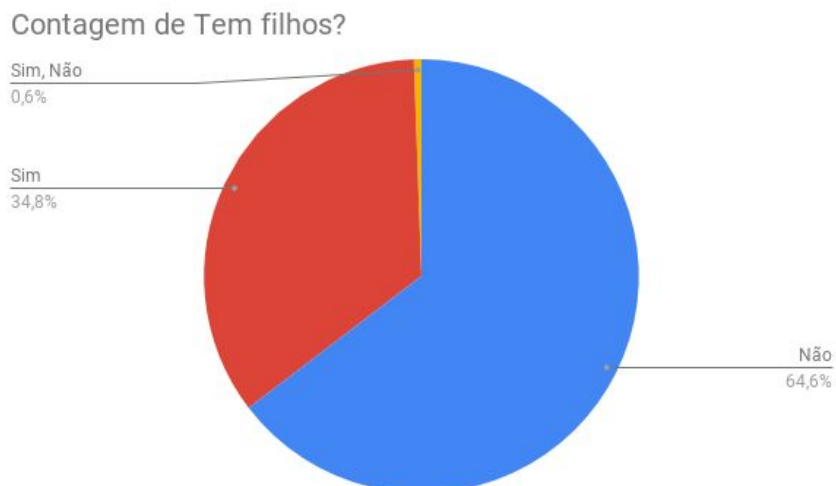
Na sequência foi perguntado sobre a renda mensal dos inscritos e sua grande maioria de 42,1% disse receber de 1 a 2 salários mínimos, em seguida 29,2% disseram receber até 1 salário mínimo. Nota-se através deste dado que o público consultado pertence às categorias D e E que, segundo os critérios estabelecidos pelo Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico, possuem renda familiar de até R\$2.004³². No ano de 2019, ano de realização desta pesquisa, o salário mínimo custava R\$998, portanto 2 salários mínimos eram R\$1.996.

³² Segundo o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, no endereço <https://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes>, consultado no dia 07/07/2020.

Diagrama 13 - Quanto a Renda Mensal dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Perguntados se teriam filhos, 64,6% responderam que não, enquanto 34,8% responderam que sim.

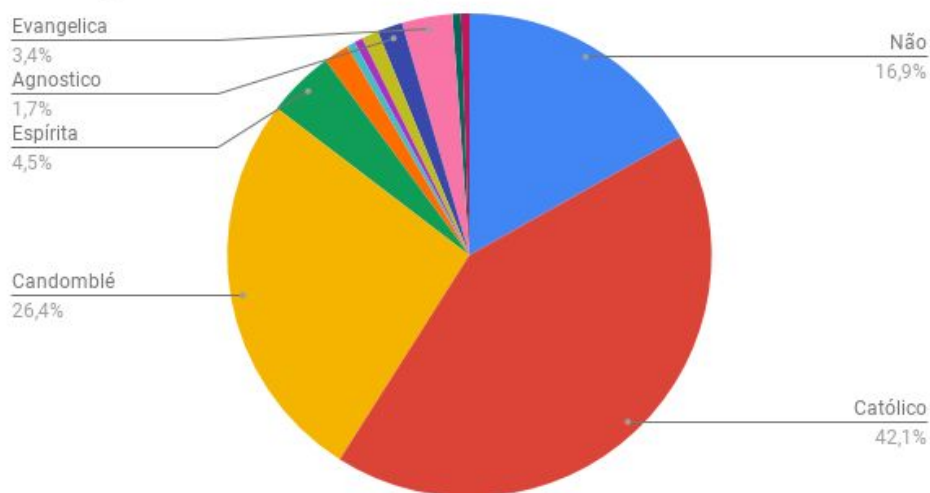
Diagrama 14 - Quanto aos Filhos dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Quando perguntados sobre a religião, a maioria de 42,1% responderam ser católicos, em seguida 26,4% disseram ser do candomblé e 16,9% disseram não terem religião.

Diagrama 15 - Quanto a Religião dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum

Contagem de Qual a sua religião?

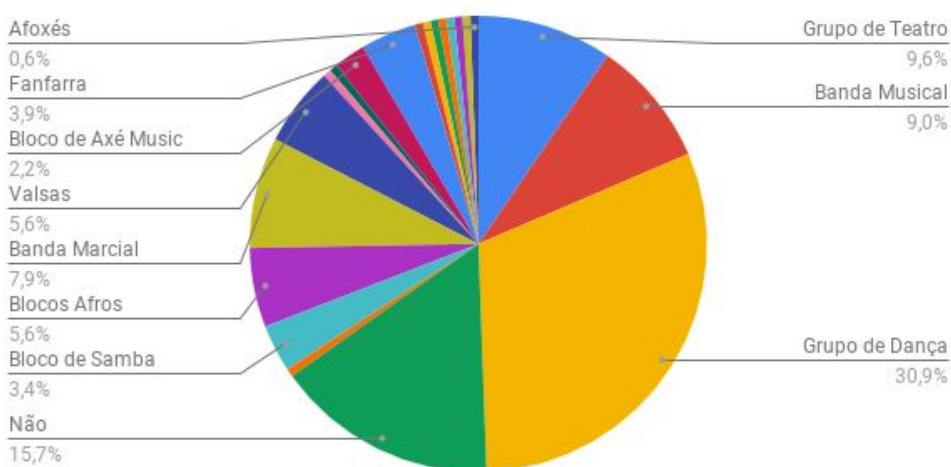


Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Quando perguntados se além das quadrilhas os inscritos faziam parte de outras atividades culturais, a maioria respondeu grupo de dança com 30,9%. Outras atividades apareceram paralelamente com índices consideráveis, tais como grupos de teatro, banda musical, blocos afros, valsas, bandas marciais e fanfarras.

Diagrama 16 - Quanto a participação dos quadrilheiros inscritos no 1º Fórum, em outras atividades culturais

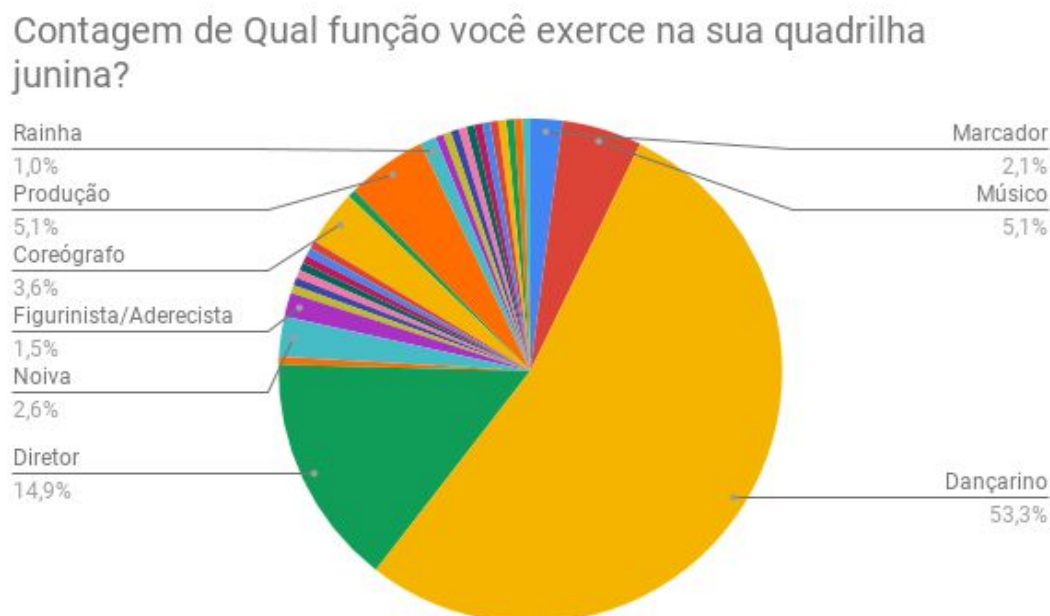
Contagem de Além de quadrilhas, participa de outras atividades culturais? Quais?



Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Para finalizar a apresentação dos dados, quando perguntados sobre qual função você exerce na sua quadrilha junina, a maior parte das pessoas, o total de 53,3%, respondeu que exercem a função de dançarinas(os), o que reforça o local desta pesquisa, no segmento da dança.

Diagrama 17 - Quanto a função que os quadrilheiros inscritos no 1º Fórum exerce na sua quadrilha junina



Fonte: autoria de Soiane Gomes.

Esses dados apontam, em relação ao perfil de quem é essa comunidade artística de quadrilheiros, suas tendências e conformações profissionais, de gênero, idade, origem, a saber: recebemos 218 inscrições, dentre os quais 183 pessoas (83%) se identificaram como quadrilheiros; alguns responderam a universidade que estavam, ou foram, vinculados porém a maioria com 59,1% respondeu o nome do grupo junino em que atua, o que para mim demonstra a afirmação e a valorização do espaço cultural do qual fazem parte.

Quanto ao gênero, 57,1% dos inscritos responderam se identificarem como homens, o que denota a predominância deste gênero, também, em várias das funções exercidas nos grupos juninos. De forma mais ou menos equilibrada, as respostas sobre orientação sexual apontaram maioria para heterossexual com

40,7%, em seguida homossexual com 33,5% e, curiosamente, 20,3% das pessoas preferiram não responder, o que pode abrir para várias interpretações.

Quanto à faixa etária, a maior predominância se deu na opção 36 a 40 anos com 20,9% dos inscritos; a esmagadora maioria de 72% se disseram solteiras e 31,9% indicaram possuir escolaridade de curso superior incompleto. Dentre várias funções exercidas no trabalho se sobressaíram 12,4% de estudantes e 10,7% de professores, a maioria de 48,3% se disseram empregados e 22,5% autônomos, sendo 42,1% com renda mensal de 1 a 2 salários mínimos, apenas 4,5% possuía renda de 5 a 10 salários mínimos.

Sem filhos foram 64,6%, católicos na maioria de 42,1% e 26,4% de pessoas do candomblé e que participam de outros grupos de dança 30,9%, sendo assim 53,3% se afirmaram como dançarinos.

3.2 SAUDADE TRANSBORDA E EU ME LEMBRO DO ARROMBA CHÃO: DA NOSTALGIA À BUSCA DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Tempo bom

*Veja só, olha só, um dia pra nós!
Veja só, olha só, dois dias pra nós!
Fogueira acesa, dentro do meu coração
Saudade transborda
e eu me lembro, dos tempos de são joão
eu me lembro, do arromba chão
Hoje é dia de nos encontrar,
Cantar, vamos juntos lembrar,
reviver um tempo bom!
Hoje é dia de fortalecer
Sonhar mais um pouco e fazer
Nossa cultura pra sempre viver*

(Lázaro Oliveira, Lúcio Gregório, Roberto Brito, 2019)³³

O 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador se iniciou com uma exposição de figurinos de quadrilhas, intitulada *Memórias de Quadrilhas*, instalada nos teatros do Movimento e Experimental, e *hall* de entrada da Escola de Dança da

³³ Composição musical feita em homenagem à realização do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador.

Universidade Federal da Bahia, cuja curadoria foi de Aline Assis, Jhon Pereira e Soiane Gomes.

Figurinos de quadrilha junina na Bahia sempre foi o chamariz do espetáculo. Quando uma quadrilha junina se apresenta, o registro principal dela é o figurino. Suponhamos que eu queira lembrar de uma quadrilha que dançou há cinco anos atrás, então as pessoas vão perguntar a seguinte questão: aquela quadrilha, no ano que estava com uma roupa vermelha com um laçarote nas mangas? Caso a pessoa não lembre o nome da quadrilha, ela sempre lembrará a roupa que este grupo estava vestindo (PEREIRA, 2020)

A importância desta exposição se dá pelo fato de não termos um acervo ou memorial público de nossas produções artísticas, sejam elas os figurinos, os cenários, as composições musicais ou textos/roteiros de espetáculos. Muito do que produzimos está se deteriorando nas garagens de alguns diretores de grupos juninos, em cima da laje, num quartinho abafado, ou foram vendidos, desmontados, doados ou jogados fora.

Os grupos juninos não possuem sede própria, portanto não dispõe de espaço para produzir ou armazenar/expor suas produções de cenários e figurinos, bem como o Estado, que também não disponibilizou, até o momento, um local de livre visitação do público para apreciação de tais produções.

Figura 49 - Exposição Memórias de Quadrilhas. 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019. Escola de Dança da UFBA



Fonte: acervo pessoal.

Figura 50 - Exposição Memórias de Quadrilhas. 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019. Teatro do Movimento, Escola de Dança da UFBA

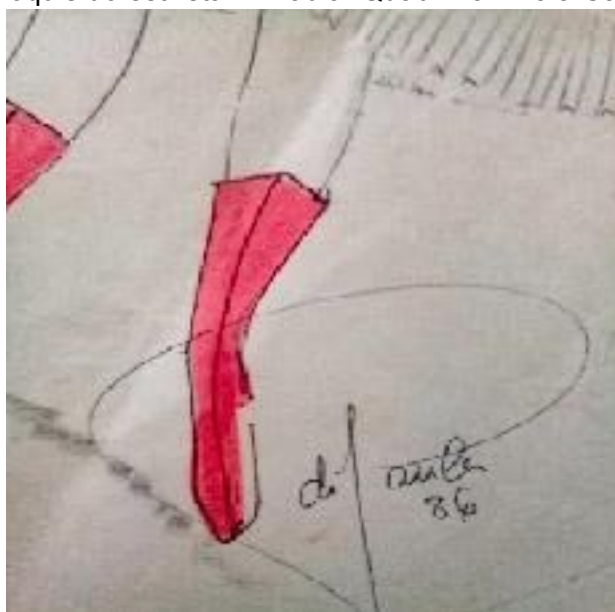


Fonte: acervo Valdecy Luzia.

Quem chegava no ambiente já se deparava com a Exposição, cujos figurinos foram fixados nas varas de luz do teatro, de modo suspenso. Os quadrilheiros prontamente já começavam a identificar quais grupos estavam representados ali, à qual espetáculo pertencia cada figurino, bem como o ano em que estes ocorreram. Os quadrilheiros então, entre eles, já iniciavam diálogos e reflexões sobre o acervo que o segmento de quadrilha produz, a importância desta produção e a perda irreparável do estimado acervo.

Nos anos 1980 e 1990, Salvador teve um processo significativo na construção de figurinos temáticos para quadrilhas juninas, tendo em vista as duas modalidades expressivas denominadas *estilo arromba chão* e *estilo elite* ou *luxo*. Esse último possibilitava a utilização de tecidos “finos”, além de adereços “da elite” como leques, luvas, cartolas, bengalas, chapéus. O desenvolvimento dos figurinos luxuosos se deu principalmente na Quadrilha Arraiá Campestre, do bairro Uruguai, pela atuação do estilista Di Paula, que não era originalmente um quadrilheiro, mas riscava os figurinos deste grupo.

Figura 51 - Croquis do estilista Di Paula. Quadrilha Arraiá Campestre, 1986



Fonte: acervo de Spesia Peixoto.

Figura 52 - Spesia Peixoto e outros dançarinos da Quadrilha Arraiá Campestre, 1986



Fonte: acervo de Spesia Peixoto.

O estilista Di Paula, que trabalhava vinculado à grandes lojas de tecidos, se tornou uma grande referência para os grupos juninos e figurinistas que foram surgindo a partir daquele época. O figurinista Jhon Pereira comenta sobre a importância de Di Paula:

A história de figurinos de quadrilhas juninas na Bahia é muito interessante. Porque Salvador, em particular, sempre foi uma cidade que inovou nos figurinos e é histórico a questão do figurino por conta de alguns nomes importantes da moda na Bahia, que migraram para o universo de quadrilhas juninas, como por exemplo o saudoso Di Paula. Ele foi o primeiro nome da mídia, que eu me recorde, a participar desse ambiente de quadrilhas juninas aqui de Salvador. Então ele fez grandes trabalhos para a Campestre, que era do Uruguai, da Dona Spesia, e as coisas que ele fazia eram muito

interessantes e muito incríveis. Pra época era um arrojo, uma ousadia absurda! (PEREIRA, 2020)

O efeito nostálgico proporcionado pelos figurinos expostos se repetiu durante os três dias do evento, na realização das seis mesas temáticas e do Festival de Quadrilhas. Os quadrilheiros presentes trouxeram suas memórias afetivas e suas reflexões políticas, apontando ideias e propostas para assegurar a manutenção deste fazer cultural.

Tabela 9 - Mesas temáticas e convidados

MESAS TEMÁTICAS	CONVIDADOS
Mesa de Abertura MESTRES	Mediadora: Prof. Dra. Amélia Conrado UFBA Deraldo Lima, Mariete Lima, Jorge Cavalcanti, Ubaldina Estrela, Graça Brandão, Ana Maria Franco, Ely Razek, Vavá da Vilah, Antonio Soares, Geo Santa Fé
Mesa POLÍTICAS CULTURAIS	Mediador: Prof Dr. Jânio Roque UNEB. Edwin Neves – Gerente Patrimônio da Fundação Gregório de Matos; André Reis – diretor Centro de culturas Populares e Identitárias SECULT/BA; Sue Ribeiro – Artista popular e Consultora Secult Carlos Brito - Presidente Federação Baiana de Quadrilhas FEBAQ; Pan Batista – Presidenta Conselho Estadual de Cultura CEC/BA; Roberto Pelegrini – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural IPAC/BA Vereador Silvio Humberto – presidente da Comissão de Cultura Camara
Mesa COREÓGRAFOS	Mediador: Jairson Bispo Isis Carla, Ednalva Marques, Adeilson Sousa, Armando Filho, Danilo Carvalho, Jorge Cavalcanti, Alexandre Marcus, Leandro Oliveira, Anderson Cupim
Mesa MÚSICOS	Mediador: Marcos Santos (UFBA) Roberto Brito, Geo Santa Fé, Adelmo Magalhães, Michael Braz, Lázaro Oliveira, Julio Cavalcanti, Jean Batista, Roberto Candido.
Mesa MARCADORES	Mediador: Solange Simões

	Antônio Soares, Paulo Ornelas, Adilson Damasceno, Clóvis Oliveiras, Jotta Armany, Leandro Santolli, Leonardo Teles, Devid Gonçalves, Valter Mangabeira
Mesa FIGURINISTAS	Mediador: Denny Neves Aline Assis, Jhon Pereira, Luciano Santana, Taís Brandão, Cid Brito, Flávio Cerqueira
FESTIVAL DE QUADRILHAS	Forró Asa Branca, Forró do ABC, Mirim Germe da Era, Mirim Forró do Luar, Imperatriz do Forró. Solo: Maria Coisa de Isis Carla (participação especial)

Fonte: autoria de Soiane Gomes.

A mesa temática dos marcadores contou com a presença de grandes veteranos da década de 1980 e a nova geração, contando sobre suas experiências e métodos de trabalho, enfatizando que este elemento, o marcador, foi trazido pela quadrilha francesa e mantido até os dias atuais, se tornando o narrador e contador dos enredos temáticos dos espetáculos de quadrilhas juninas.

As quadrilhas, adultas e mirins, que apresentaram no Festival de Quadrilhas do Fórum, efetivaram um momento histórico pela importância de apresentar seus espetáculos juninos no Teatro Experimental da Escola de Dança da UFBA, um espaço formal que pode suscitar um certo status aos referidos grupos, mas principalmente contribuiu para que a Escola também tivesse em seu histórico a honra de ter recebido artistas de várias linguagens da cena junina soteropolitana.

Quero dar destaque à mesa intitulada *Como construir Políticas Culturais de Manutenção e Salvaguarda para as Quadrilhas Juninas de Salvador?* ocorrida no dia 09 de agosto de 2019, no Teatro do Movimento da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

Teve como mediador o Professor Doutor Jânio Roque de Castro da Universidade Estadual da Bahia, os debatedores foram: Edwin Neves - Gerente de Patrimônio Cultural, da Fundação Gregório de Mattos (FGM), Carlos Brito – Presidente da Federação Baiana de Quadrilhas (FEBAQ), o vereador Silvio Humberto - presidente da Comissão de Educação e Cultura da Câmara Municipal de Salvador, Pan Batista - Presidenta do Conselho Estadual de Cultura da Bahia

(CEC-BA), Roberto Pellegrino – Diretor do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) e André Reis – Diretor do Centro de Culturas Populares e Identitárias (CCPI), Sue Ribeiro – Mobilizadora Cultural de Salvador.

Esta mesa foi um momento importante do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas tendo em vista reunir pela primeira vez os principais órgãos de cultura municipal e estadual, além da própria federação, para discutir as possibilidades legais de alavancar as quadrilhas juninas. O público quadrilheiro, participante na audição da mesa, estava ávido por escutar quais meios poderiam acessar para obterem a tão esperada valorização para as quadrilhas juninas da Bahia.

Figura 53 - Mesa Temática: Políticas Culturais para Quadrilhas Juninas. 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, 2019



Fonte: acervo pessoal.

Na presença de quadrilheiros das diversas gerações, artistas em geral, estudantes e professores, cada integrante da mesa colocou suas orientações de como o segmento de quadrilhas poderiam buscar desenvolver melhorias e na manutenção desta atividade artística. Tais direcionamentos foram somados às discussões das demais mesas do Fórum resultando na Carta de Proposições³⁴ para

³⁴ Ver Anexos.

ser entregue aos órgãos gestores de Cultura do município de Salvador e do estado da Bahia.

A importância desta mesa temática, bem como da elaboração da Carta de Proposições, se dá pelo fato do estado da Bahia e sua capital Salvador, não disporem de políticas culturais específicas para o segmento de quadrilhas juninas, seja em formato de editais, ou credenciamentos, seja através de subsídios ou qualquer outra medida que garanta a manutenção e permanência dos grupos em atividade.

É sabido que outros estados brasileiros já avançaram neste sentido e destinam verbas públicas para a realização de festivais e eventos relacionados às festas juninas, a exemplo do estado do Ceará, como explica Maryvone Gomes (2011):

Em todo o Estado do Ceará se multiplicam os lugares festivos em homenagem aos santos no mês de junho, como as cidades do Crato, de Juazeiro e Barbalha, na região sul do Estado, além de Sobral, Reriutaba, Quixeramobim, Quixadá e Limoeiro, entre outras. São no Ceará cerca de 240 festivais profissionais de São João, de acordo com a Federação das Quadrilhas Juninas do Estado. Na Região Metropolitana de Fortaleza destacamos os festejos em Horizonte, São Gonçalo do Amarante, Pacatuba, Maracanaú, entre outras cidades. (GOMES, 2011, p. 102)

Diante da situação das políticas culturais em nosso Estado e tendo a necessidade de ventilar as propostas discutidas na Carta, as quadrilheiras e quadrilheiros, já sensibilizados por tais questões, decidiram criar o Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas, com o objetivo de propor, criar e negociar a construção de políticas públicas para a revitalização do movimento junino, bem como colaborar na construção da autonomia dos grupos culturais de Quadrilha Junina e dar suporte ao Estado no processo de salvaguarda e memória desta manifestação cultural.

Figura 54 - Logomarca do Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas



Arte: Natália Almeida, 2019.

O Fórum Permanente se tornou um ponto de confluência de interesses comuns dos grupos juninos e sendo assim alguns quadrilheiros passaram a me acompanhar na entrega da Carta aos órgãos públicos de cultura, contribuindo para o aprofundamento das questões e na elaboração de novas ações em prol deste segmento cultural.

Figura 55 - Entrega da carta ao Conselho Estadual de Cultura - CEC Bahia. Presidenta: Pan Batista. Coordenadores do Fórum: Roberto Cândido, Soiane Gomes e Pitágoras Varjão



Fonte: acervo pessoal.

Realizamos a entrega da Carta de Proposições à Comissão de Cultura da Câmara Municipal de Salvador, através do mandato (2017-2020) do vereador Silvio Humberto (PSB), à Fundação Gregório de Mattos, ao Conselho Municipal de Políticas Culturais - CMPC de Salvador, à Secretaria Municipal de Educação - SMEC, ao Centro de Culturas Populares e Identitárias - CCPI da SECULT/BA, ao Conselho Estadual de Cultura - CEC/BA, ainda no ano de 2019, na tentativa de construir políticas públicas para as Festas Juninas de 2020.

Foi encaminhada uma Audiência Pública promovida pela Comissão de Cultura da Câmara Municipal de Salvador, através do mandato (2017-2020) do vereador Silvio Humberto (PSB), que contaria com a presença de deputados federais e estaduais, vereadores, professores doutores e representante do segmento de quadrilhas. No entanto a audiência pública não foi efetivada, por motivo de viagem do referido vereador, e não foi reagendada.

Figura 56 - Card para divulgação da audiência pública, 2019



Fonte: Gabinete do vereador Sílvio Humberto.

A possibilidade de realização desta audiência pública, para tratar da salvaguarda das quadrilhas juninas de Salvador, mobilizou a comunidade de quadrilheiros, bem como professores e pesquisadores interessados em contribuir com o entendimento deste fazer cultural e com a realização deste reconhecimento. Com o seu cancelamento toda a comunidade ficou aguardando o momento oportuno de retomar a construção desta audiência.

Devido a aproximação dos festejos de fim de ano, que se estendem até a finalização do carnaval, o Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas ficou sujeito às agendas parlamentares e manteve apenas os procedimentos internos de articulação entre agentes e grupos juninos. A esperança de articular, nos níveis municipal e estadual, uma política específica para as quadrilhas juninas, com efeito já nas festas juninas de 2020 foi cultivada, porém a inesperada pandemia mundial do novo Coronavírus, forçou a suspensão e o cancelamento de toda cadeia produtiva da cultura.

A pandemia foi decretada em 16 de março de 2020 no Brasil, retirando toda a possibilidade do curso normal em escolas, empresas, teatros, comércios e nas ruas, devido ao alto índice de contágio e a crescente onda de infectados e mortos no mundo. Os ensaios e preparativos para os espetáculos juninos foram suspensos. As quadrilhas interromperam a produção de figurinos, adereços, cenários, coreografias e repertórios musicais, cancelando contratos e deixando de auferir renda para toda a sua rede de economia criativa. A onda de cancelamentos atingiu diversos setores da economia, mas principalmente a cultura, que historicamente sempre está no fim da fila dos recursos públicos.

Diante dessa situação, a classe artística de todo o Brasil se articulou na exigência de auxílio emergencial para o setor cultural, conquistando a aderência da maioria dos deputados federais e senadores da república promulgando o projeto de lei n. 1.075/2020. A chamada Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural, retirou 3 bilhões do Fundo Nacional de Cultura, um recurso nunca antes distribuído ao setor cultural.

Este recurso foi repassado pelo Governo Federal aos Estados e Municípios, que desenvolveram uma série de editais de fomento e premiação, para várias categorias e segmentos culturais. Sendo assim, pela primeira vez na Bahia, mesmo

que por motivos de pandemia e lei emergencial, foi lançado edital de premiação na categoria Quadrilhas Juninas, resultado de uma articulação realizada pelo Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas junto ao Centro de Culturas Populares e Identitárias - CCPI, órgão vinculado à Secretaria de Cultura da Bahia.

Figura 57 - Card para divulgação dos Prêmios de Culturas Populares, 2020



Fonte: CCPI - SECULT/BA.

O referido edital, intitulado Prêmios de Preservação dos Bens Culturais Populares e Identitários da Bahia Emília Biancardi³⁵ - Categoria Quadrilhas Juninas da Bahia, estima selecionar 40 propostas no valor de total de R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais), conforme descrito em publicação:

6.9 QUADRILHAS JUNINAS

6.9.1 A proposta é apoiar recebimento de subsídio, em parcela única, para manutenção das Quadrilhas Juninas constituídas no Estado da Bahia que tiveram suas atividades interrompidas por força das medidas de isolamento social, destinadas ao cumprimento do quanto

³⁵ Disponível em:
<http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/PABB/EDITAL_Premios_Emilia_Biancardi.pdf>.

disposto na Lei Federal nº 10.017/2020 (Lei Aldir Blanc), em seu Art. 2º, inciso II, nas ações a serem promovidas pelo Governo do Estado da Bahia. Serão disponibilizados para esta categoria os respectivos valores globais abaixo:

15 PROPOSTAS DE R\$ 8.000,00 (oito mil reais)

15 PROPOSTAS DE R\$ 12.000,00 (doze mil reais)

10 PROPOSTAS DE R\$ 20.000,00 (vinte mil reais)³⁶

Acredito que esta premiação é decorrente da ação desta pesquisa, do acúmulo de esforços de muitos quadrilheiros que se manifestaram através dos espaços de fala promovidos pelo Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas e se configura como o início de uma conquista que ainda urge em se consolidar. Até o fechamento desta pesquisa os recursos decorrentes desta premiação ainda não haviam sido repassados para os agentes e grupos culturais.

³⁶ *Idem* nota 35.

ASAS ABERTAS PARA O PENSAR, VAI-SE MUITO ALÉM DE UM PONTO FINAL: CONSIDERAÇÕES FINAIS

ASAS ABERTAS

*Asas abertas para o pensar,
Vai-se muito além de um ponto final.
Do alto sertão se começa a pensar,
Marino pensando, se cansa de graça.
Cansado adormece ao lado da enxada,
Dormindo Marino, sonha complicado
O sonho sonhado é um sonho danado,
Um sonho possível, que vou lhes falar*

*Sonhou Marino que a morte lhe espreitava.
Já não chovia há dias, e a fome lhe gastava.
Seus pés doíam e a boca ressecava.
Seus olhos já nem mais viam,
Os ossos da boiada.*

*E lá de cima, a lhe gorar, a sorrir, a esperar,
Ave de rapina pra lhe aviar.
“Ó Deus, me livre! Ó Deus, me ampare!
Vou seguir, não vou quedar!”
Disse Marino no seu sonhar.*

*Asas abertas para o pensar,
Vai-se muito além de um ponto final.
Do alto sertão se começa a pensar,
Marino pensando, se cansa de graça.
Casando adormece ao lado da enxada,
Dormindo Marino, sonha complicado.
O sonho sonhado é um sonho danado.
Um sonho possível, que vou lhes falar.*

*Depois de Léguas no sol, sua tez queimada,
Se viu sozinho, perdido, no pó daquela estrada.
Num transe onírico Marino viu a imagem.
Não sabia se era mentira ou se pura verdade.
Viu tanto verde, viu tanta água,
Tantos rios, tanta terra pra plantar.
Do céu caía um grande mar.
“Adeus caatinga, adeus serrado,
fico aqui, não peno mais.”
Eu quero é festa! Eu quero Paz!
(Roberto Brito, 1996³⁷)*

³⁷ Composição musical para espetáculo: Ituberá, a cidade da Cachoeira Luzente, 1996, Quadrilha Forró do ABC, bairro Pau Miúdo, Salvador-BA.

Arromba Chão que anima o salão, quadrilha de São João! Memórias, Danças e transformações das Quadrilhas Juninas em Salvador possui destaque pela importância deste estudo para um Programa de Pós-Graduação em Dança no contexto em que se situa, se dá no fato de que as quadrilhas juninas da Bahia até o momento não tinham sido temática de pesquisa neste programa, sendo esta a primeira à nível de Mestrado e também, na área específica de Dança, referida Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

A contribuição social também deve ser levada em consideração pois os referidos grupos de quadrilha atuam em bairros periféricos, tem caráter coletivo e desenvolvem habilidades profissionais em Dança, Teatro, Música, Costura, Cenografia, Produção, os quais, geram economia e renda, produzem conhecimento e incluem crianças e jovens em torno do fazer artístico.

Deste modo o capítulo 1 buscou abordar a questão histórica sobre os caminhos pelos quais hoje as quadrilhas juninas possuem tal forma de existir. Busquei mostrar que le quadrille, “contradança francesa, dança de pares dos salões aristocráticos, trazida ao Brasil pela cômte imperial portuguesa” (CHIANCA, 2007, p. 50), advém de danças camponesas como “práticas de culto ao fogo, as superstições, crenças e tantas outras manifestações ligadas ao calendário agrário e, também, aos solstícios e equinócios” (TRIGUEIRO, 1995, p. 155).

Discuti brevemente sobre como a igreja se infiltrou nessas datas sagradas e profanas dos povos camponeses, ainda na Europa, introduzindo então os seus santos católicos, forjando similitudes entre as fogueiras indígenas e a fogueira bíblica de João Batista. A dominação colonial portuguesa e seu projeto etnocida, apoiada pela Santa Igreja Católica, forçou que os povos africanos, escravizados no Brasil, se utilizasse de “uma profunda sabedoria e oportunismo na comunhão forçada com os valores da classe dos senhores” (TINHORÃO, 1972, p. 44) para que pudessem cultivar seus orixás.

Quanto à quadrilha como gênero musical, não se trata do objeto desta pesquisa, porém busquei me debruçar ao entendimento de algumas de suas características, desde as composições de partituras de quadrilhas no século XIX e a introdução de outros gêneros musicais do exterior. Com o passar dos anos as transformações musicais no Brasil foram inevitáveis com o advento do rádio.

Foi dito que a Proclamação da República, a rejeição de hábitos da corte e a expansão da quadrilha para as zonas rurais favoreceu o desenvolvimento de novas características, a exemplo do caipira, que se tornou expressão marcante das quadrilhas do período pós monarquia. A estética rural como sinônimo de festa junina no Brasil se personificou em figuras como Jeca Tatu e o Chico Bento até o fim do século XX.

Do caipira sudestino para o sertanejo nordestino a musicalidade de Luiz Gonzaga se fez presente e apontou caminhos rítmicos, melódicos, coreográficos e narrativos de uma massa populacional que passou a se expressar através dos espetáculos juninos. Grande difusor das composições de marchinhas juninas, suas canções, sempre nas paradas de sucesso nos programas de rádio, se tornaram sinônimo da “verdadeira” musicalidade das quadrilhas, fixando a marcha, o baião, o xote e o xaxado como ritmos básicos para os grupos juninos.

Trago uma reflexão de como o modo de dançar do indígena nordestino, a exemplo da etnia Kariri-Xocó, que se expressa através da dança do Toré, pode ter servido de princípio de movimento corporal, a partir dos bate-pés, para danças juninas cujo padrão de movimentos são pisadas fortes em consonância com os ritmos percussivos. Do toré para a dança do côco, samba de pareia, pisa pólvora, marcha, baião e xaxado, podemos chegar no arramba chão das quadrilhas de Salvador.

Por fim, neste primeiro capítulo, apresento diagrama que tenta apresentar algumas contribuições das diversas matrizes culturais para as quadrilhas juninas no Brasil. a quadrilha junina (Q. J.) traz em si os movimentos de bate-pés e o tempo (pulsção rítmica musical) binário do ameríndio; a configuração dos dançarinos em pares e a espacialidade em filas, fileiras, blocos e círculos mantida da base europeia; a contribuição africana se personifica no zabumba, o principal, e um dos instrumentos musicais percussivo utilizados para marcar os ritmos nordestinos, e a movimentação tridimensional, com giros, flexões de tronco, braços e pernas com grande variedade de direções e os deslocamentos espaciais de todo o grupo.

Em seguida, passei a discutir os concursos de quadrilhas, como iniciativa dos setores privados, ligado às mídias, como jornais e emissoras de TV, onde as quadrilhas juninas faziam questão de participar. As regras dos concursos foram

moldando o modo de fazer e apresentar as coreografias a partir dos critérios de avaliação, que “inocentemente” impuseram uma certa organização, seja temporal, seja quantitativa, seja na indumentária, diferente dos concursos de bairro, mais orgânicos. Para serem premiadas, as quadrilhas foram investindo cada vez mais no “espetáculo” com recursos caros como cenários, contratações de profissionais, aprimoração dos figurinos e adereços, sem planejamento e sem o devido retorno financeiro.

Demonstrei, através de documentos, de materiais de divulgação do concurso Arraial do Galo, promovido pela TV Aratu, que participavam deste evento mais de 150 quadrilhas, e que após 30 anos (1989-2019) apenas 42 grupos se fizeram presentes. A redução preocupante das quadrilhas como espaços socioculturais, e de manutenção de símbolos identitários, é o que move essa pesquisa, sendo ilustrada pelo sentimento de indignação dos mestres quadrilheiros.

O capítulo 2 dedicado às memórias, se inspira na oralitura, a escrita daquilo que se fala, passa por um trecho da minhas experiências pessoais mostrando o meu encontro com os interlocutores, com o universo das quadrilhas em Salvador, e traz as falas dos quadrilheiros de gerações anteriores à minha.

Ouvi 14 pessoas participantes de quadrilha, que exercem as mais diversas funções e tais memórias desses quadrilheiros trouxeram pontos relevantes, tais como, que as quadrilhas se originam em bairros da periferia.

Foi imprescindível buscar quadrilheiros que abriram caminhos desde a década de 1960, como Altamira Lobo, conhecida como dona Nenca, e o Professor Agnaldo Silva, numa época em que as quadrilhas nasciam das escolas. Ambos revelaram que as escolas deram lastro para o desenvolvimento e a comunidade possibilitou a permanência das quadrilhas até se tornarem "estilizadas".

Nestes depoimentos se revelou o “estilo” Arromba Chão, que dá nome à esta dissertação, cujo modo de dançar consiste em bater os pés no chão no tempo forte da música, geralmente o ritmo da marcha, chamados também de Passo Marcado, expressão forte nas décadas de 1980 e 1990.

Houve também o estilo Elite, também chamado de Luxo, dançavam de maneira mais cadenciada, sem muitos sobressaltos, e traziam figurinos

elaboradíssimos por grandes estilistas com tecidos finos e alta costura, além de adereços da côrte como sombrinhas, bengalas, luvas e leques, no mesmo período histórico.

No segundo capítulo, busquei também mapear os grupos extintos e em atividade das 13 cidades da região metropolitana de Salvador, bem como de outras cidades da Bahia, tendo em vista que na nossa capital restam apenas 04 grupos adultos e 02 grupos infantis, totalizando 06 quadrilhas juninas, número preocupante. Na tentativa de mapeamento decidi incluir grupos que outrora estiveram em atividade e agora não mais, pois entendo que devem ser sempre mencionadas, por constituírem lastro para novos grupos ou espetáculos que surgiram nos anos seguintes.

Essa tentativa de mapeamento de grupos em atividade, e outros que encontram-se sem atividade, nesta forma de expressão tão significativa em nossa dinâmica artística e cultural, servem como um registro da história oral que ainda permanece na memória dos quadrilheiros e que merecem estudos como este que reanimam as oralituras, as relações, ao ponto de gerar motivações para retomarem ações coletivas.

O trabalho de mapeamento de grupos e quadrilhas juninas de Salvador e região metropolitana, bem como da Bahia como um todo, carece de maiores aprofundamentos e pesquisas posteriores, tendo em vista que os grupos se extinguem, os componentes se separam e criam novos grupos com outras denominações, além do que quadrilhas mirins mudam para a categoria adulto então ocorre uma significativa variação quantitativa.

Ainda no capítulo 2 foi importante discutir os concursos de quadrilhas que surgiram nos bairros, escolas e paróquias e foram absorvidos pelas emissoras de TV gerando visibilidade mas também alterando suas características tradicionais.

No terceiro e último capítulo discorro sobre as ações do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador que foi uma atividade de extensão apoiada pela Pró Reitoria de Extensão – PROEXT (UFBA). O evento teve caráter inédito para o movimento de quadrilhas juninas e para o espaço acadêmico. O Fórum teve a intenção de amadurecer os estudos acadêmicos em cultura popular na Bahia, mais

precisamente da produção de dança popular em comunidades externas à academia, estreitando diálogos com as Quadrilhas Juninas de Salvador.

Impulsionado pela necessidade de colher depoimentos dos mais diversos sobre as quadrilhas juninas de Salvador, o Fórum reuniu estudantes, artistas da dança, teatro e música, coreógrafos, figurinistas, grupos e famílias de Quadrilhas, assim como toda a comunidade interessada, para o intercâmbio de múltiplas opiniões e fruição de saberes. É importante frisar que os dados coletados no formulário de inscrição, longe de ser um censo com o rigor que se exige, ainda assim pôde nos ajudar a compreender em que lugar da sociedade se encontram os participantes de quadrilhas juninas e quem são os sujeitos que movimentam esta expressão cultural em Salvador.

O estudo sobre as quadrilhas Juninas em Salvador e região metropolitana, desenvolvida através de um Programa de Pesquisa em Dança na Universidade pública mostra a urgência em se levantar os conhecimentos das culturas populares que partem de sabedorias, formas de organização artística, sociocultural e educativas, capazes de mobilizar diferentes pessoas a se reunirem para construir modos de produzir esteticamente a partir de seus repertórios, inspirações, acervos, histórias que transcendem as formas de ensinar, as metodologias que convencionalmente, são transmitidas nas universidades. O que me leva a afirmar a importância de tratar dessas outras epistemologias no âmbito da academia, possibilitando assim, um diálogo diverso, plural e implicado com as produções culturais que constituem o arcabouço afroindígena que necessitam de que mais pesquisas se façam sobre eles.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, N. **Pequenos Mundos**: um panorama da cultura popular da Bahia. Tomo I – Recôncavo. UFBA - EMAC / Fundação Casa de Jorge Amado, 1986.

BARROSO, H. C. “**O São João é gay!!**”: horizontes interpretativos sobre as performances trans na festa junina no Ceará. *Periódicus*, Salvador, n. 6, v. 1, nov.2016-abr. 2017 – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades. Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA ISSN: 2358-0844. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>>. Acesso em: 6 nov. 2020.

BASTIDE, R. **Le spiritisme de Umbanda**. Miscelâneas de estudios dedicados al Dr. Fernando Ortiz. La Habana, 1955.

BRITO, C. O. **O Alfabeto das Quadrilhas Juninas da Bahia**. (Produção independente). Salvador, 1998.

CARMO, R. A. M. L. A. **Política Federal de salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Disponível em: <<http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2010/09/35-RAIANA-ALVES-MACIEL-LEAL-DO-CARMO.1.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

CARNEIRO, É. **Negros bantos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1981.

CARVALHO, J. J. ‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares na América Latina. **Revista AntHropológicas**, [S.l.], v. 21, n. 1, jan. 2012. ISSN 2525-5223. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23675>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

CASTILLO, L. E. **Entre a Oralidade e a Escrita**. Salvador: Edufba, 2018.

CASTRO, J. R. B. **Da casa à praça pública**: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano. Salvador: EDUFBA, 2012.

CHIANCA, L. **São João na cidade**: ensaios e improvisos sobre a festa junina. João Pessoa: Editora UFPB, 2013a.

_____. O auxílio luxuoso da sanfona: tradição, espetáculo e mídia nos concursos de quadrilhas juninas. **Revista Observatório Itaú Cultural**: OIC, 14, 89-100. Disponível em:

<<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/09/Revista-Observat%C3%B3rio-14.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2017. 2013b.

_____. **As filigranas da sociabilidade urbana**: reciprocidade, hierarquia e redes sociais. 2009. Anais do 33º Encontro Anual da ANPOCS. Brasil. Disponível em: <<http://anpocs.org/index.php/papers-33-encontro/gt-28/gt02-23/1776-lucianachiancas-filigranas/file>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

_____. **Famosos, mas pobres:** redes e projeto num grupo “urbano” de dança “rural”. 2008. Anais do 32º Encontro Anual da ANPOCS. Brasil. Disponível em: <<http://anpocs.org/index.php/papers-32-encontro/gt-27/gt01-19/2259-lucianachianca-famosos/file>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

_____. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura**, 10 (1). 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/sec.v10i1.1722>
<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/1722>>.

_____. **A festa do interior:** São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. 2006. Natal: Editora UFRN.

_____. **Autres feux, autres lieux:** quadrilhas de la Saint-Jean, migration et identité à Natal (Rio Grande do Norte), Brésil. Bordeaux, 2004. Thèse (Doctoraten ethnologie) – Université Bordeaux 2.

_____. Quadrilhas juninas. **Galante**, n. 1, ano 3, vol.II, junho 2001. Fundação Hélio Galvão, Natal.

_____. Para onde vai a cidade? Festa junina em Natal-RN. **Vivência**, vol. 13, n. 1, EDUFRN, UFRN, Natal, 1999. p. 55-69.

CONRADO, A. V. S.; SUAREZ, L. M.; DANIEL, Y.; ZAMBRANO, P. E.; OLIVEIRA, N. N.; VIDEIRA, P. L.; ROBINSON, D.; PACKMAN, J.; THOMAS, D. A. **Dancing Bahia:** Essays on Afro-brazilian Dance, Education, Memory, and Race. 1. ed. Chicago: University of Chicago Press: 2018.

DANTAS, G. M. **Zabumba e zabumbeiro:** uma etnografia da performance musical. João Pessoa: Ideia, 2014. 182 p. : il.

DEBORD, G. **A sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FISCHER, T. M.; PINHO L. R. S.; SANTOS, J. A. G. E. (Orgs). **O Caminho das Águas em Salvador:** Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes. (Coleção Gestão Social). Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010. 486 p. : il.

FONSECA, M. N. S. Literatura e Oralidade Africanas: Mediações. **Revista Mulemba.** Rio de Janeiro: UFRJ, v. 14, n. 2, p. 12-23, jul./dez., 2016.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala.** 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

GERLIC, S.; SOUSA, R. (Org). **Cantando as Culturas Indígenas.** ONG THYDÊWÁ. Nordeste. Ed. Gráfica Legal, 2005.

GOMES, M. M. Um olhar sobre as festas juninas e seus novos cenários: O caso do São João de Maracanaú - Região Metropolitana de Fortaleza (RMF, Ceará). **Revista GeoTextos**, vol. 7, n. 2, dez. 2011. p. 99-120.

GONZAGA, L. **Quadrilhas e Marchinhas Juninas.** Rio de Janeiro: Gravadora RCA Victor. 1965.

_____. **Quadrilhas e Marchinhas Juninas Volume 2: Vire Que Tem Forró.** Rio de Janeiro: Gravadora RCA CAMDEM, 1979.

GRAÇA I. Bairros: contexto e intersecção. *In*: VELHO, G. (Org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

GUILCHER, J.-M. **La Contredanse: Un tournant dans l'histoire française de la danse.** Éditions Complexe et Centre national de la danse, 2003; Titre original: *La Contredanse et les renouvellements de la danse française*, Édition originale parue à l'École pratique des hautes études et Mouton & Co, 1969.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... et al. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HAMPÂTÉ BÁ. **História Geral da África, metodologia e pré-história.** Metodologia e pré-história da África - A tradição Viva (cap. 8) – sobre a oralidade. UNESCO: Brasília, 2010.

INGOLD, T. **Conociendo desde dentro: reconfigurando las relaciones entre la antropología y la etnografía,** *Etnografías Contemporáneas* 2 (2), pp. 218-230. 2015.

LEAL, E. F. **Contando o tempo: transformação, coreografia e modernidade no espetáculo da quadrilha junina em Belém do Pará.** Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), UFPA, Belém, 2004.

LIGIÉRO, Z. Batucar-cantar-dançar: desenho das performances africanas no Brasil. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 133-146, abr. 2011. ISSN 2317-2096. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1573>>. Acesso em: 11 nov. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.21.1.133-146>.

_____. **Teatro das origens: estudo das performances afro-ameríndias.** Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

LUZ, M. A. **Cultura negra e ideologia do recalque.** 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011.

MARTINS, L. M. **Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá.** São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza, 1997.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade *em* política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, Rio de Janeiro, n. 34, p. 287-324, 2008.

MONTEIRO, M. F. M. **Dança popular**: espetáculo e devoção. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

MOURA, C. A. S.; SANTOS, M. R. (Orgs.). **Nos Arraiais da Memória 2**: as quadrilhas juninas escrevem diferentes histórias. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2013. 88 p. : il.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: identidade nacional *versus* identidade negra. Editora Vozes: Petrópolis, 1999.

NASCIMENTO, L. P. **Crianças brincantes**: sentido de continuidade das quadrilhas juninas (Região Metropolitana do Recife). Recife: 2013. 140 f. : il.

POLLACK, MI. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.

QUEIROZ, L. A. **Turismo na Bahia**: estratégias para o desenvolvimento. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2002.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1934.

RODRIGUES, R. N. **O animismo fetichista dos negros bahianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

ROSA, A. **Pedagogia, autonomia e mocambagem**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013. 292 p. : il.

RUBIM, A. A. C. **Políticas culturais na Bahia contemporânea**. Edição e preparação de texto: Iuri Oliveira Rubim. Salvador: EDUFBA, 2014.

SANTOS, L. **Èmí, Ofò, Asé: a Elinga e a dança das Mulheres do Àse**. *Rev. Bras. Estud. Presença*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, e92149, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2237-266092149>>

SUÁREZ, L. M. **Inclusion in Motion**: Cultural Agency Through Dance in Bahia, Brazil. *Transforming Anthropology*. Vol. 21, N. 2, pp.153-168. 2013. American Anthropological Association.

TINHORÃO, J. R. **Música popular de índios, negros e mestiços**. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **Os Sons dos negros no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. (Coleção Temas Básicos). São Paulo: Editora Cortez, 1986.

TRIGUEIRO, O. M. Festejos juninos e os ritos de origem agrária. **InterCom: Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, Vol. XVIII, n. 2, p. 153-156, jul./dez., 1995.

Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1263/1216>>.

TRIPP, D. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez., 2005. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

VASCONCELOS, C. P. Deslocamentos de fronteiras: percurso e produção musical de Gonzagão e Gonzaguinha. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S.l.], v. 5, maio 2019. ISSN 2525-7870. Disponível em:

<<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1525/1045>>. Acesso em: 27 mar. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v5i5.1525>

ZAMITH, R. M. **A dança da quadrilha na Cidade do Rio de Janeiro: sua importância na sociedade oitocentista**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 113-132, 2007.

ENTREVISTADOS

BRAGA, Rubem. Entrevista concedida em 06 de janeiro de 2020.

COSTA, Elivania. Entrevista concedida em 19 de maio de 2019.

COSTA, Valquímário. Entrevista concedida em 31 de maio de 2019.

ESPIRIDIÃO, Agnaldo. Entrevista concedida em 07 de novembro de 2019.

LIMA, Mariete. Entrevista concedida em 22 de maio de 2019.

LOBO, Altamira. Entrevista concedida em 25 de maio de 2019.

OLIVEIRA FILHO, Geoval Alves de. Entrevista concedida em 26 de maio de 2019.

ORNELLAS, Paulo. Entrevista concedida em 24 de maio de 2019.

PEIXOTO, Spesia. Entrevista concedida em 07 de novembro de 2019.

PEREIRA, Jhon. Entrevista concedida em 25 de maio de 2019.

SACRAMENTO, Maria José. Entrevista concedida em 10 de setembro de 2019.

SANTANA, Marluce. Entrevista concedida em 23 de setembro de 2019.

SILVA, Agnaldo. Entrevista concedida em 10 de setembro de 2019.

ANEXOS

ANEXO 1

ESTATUTO DA FEDERAÇÃO BAIANA DAS QUADRILHAS JUNINAS – FEBAQ

CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, CARÁTER, DURAÇÃO, SEDE E FORO

Art. 1º - A FEBAQ - Federação Baiana das Quadrilhas Juninas, fundada aos dezessete dias do mês de julho de dois mil e sete, na cidade do Salvador, Bahia e está registrada no Cartório do segundo ofício, sob o número 30347, com atuação na capital e em todas as cidades do estado da Bahia, regendo-se pelo presente Estatuto.

Art. 2º - A FEBAQ é uma sociedade civil, de personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, de caráter cultural, folclórica, social e educativa, com atuação em todo o território nacional, regendo-se por este Estatuto, pelo Regimento Interno, por seus Regulamentos e pelas demais legislações aplicáveis à espécie, com duração por tempo indeterminado.

Art. 3º - A FEBAQ tem por objetivo o incentivo da cultura e do movimento junino da Bahia, através da construção de ações e eventos de desenvolvimento cultural, social e educacional, sendo isenta de quaisquer preconceitos ou discriminações.

Art. 4º - Compete à FEBAQ:

- I) Promover a integração através de programas socioculturais, folclóricos e econômicos, em conjunto com os órgãos governamentais, não governamentais e com a iniciativa privada;
- II) Zelar pela imagem institucional da entidade e de suas filiadas, representando-as socialmente, juridicamente e politicamente, sempre que for para preservar os interesses do movimento junino baiano;
- III) Organizar e promover congressos, simpósios, encontros, jornadas, seminários, cursos, fóruns, oficinas e/ou quaisquer eventos relacionados às atividades artísticas e juninas;
- IV) Produzir e distribuir materiais informativos destinados à divulgação dos trabalhos da entidade;
- V) Distribuir e/ou divulgar materiais informativos destinados à divulgação dos trabalhos e atividades das entidades filiadas;
- VI) A FEBAQ poderá firmar convênios, contratos, parcerias e intercâmbios, promover iniciativas conjuntas com organizações e instituições públicas e/ou privadas estaduais, nacionais e/ou estrangeiras, desde que submetidos e aprovados por sua Diretoria;
- VII) Estimular a geração de ideias que possibilitem constante revisão da estratégia presente e futura da atuação da FEBAQ;
- VIII) Tornar a FEBAQ uma entidade de utilidade pública.

CAPÍTULO II

DAS ENTIDADES FILIADAS, DOS DIREITOS, DOS DEVERES E DAS PENALIDADES

Art. 5º - A FEBAQ é constituída por:

I) Filiadas fundadoras - São as Quadrilhas Juninas organizadas que participaram da Assembleia de Constituição da FEBAQ;

II) Filiadas efetivas - São as Quadrilhas Juninas organizadas, filiadas e admitidas ao quadro social da CONFEBRAQ, mediante proposta aprovada pela Diretoria Executiva, referendada pela maioria simples dos votos da Assembleia Geral.

Art. 6º - Somente poderá compor o quadro de filiados efetivos da FEBAQ, Quadrilhas Juninas em atividades.

Art. 7º - As Quadrilhas Juninas filiadas se farão representar por seu presidente, ou membro da diretoria, mediante ata devidamente registrada, bem como apresentar procuração para este fim, com firma reconhecida em Cartório, estando sujeitos aos direitos, deveres e penalidades previstos neste Estatuto, no Regimento Interno e demais dispositivos legais.

Art. 8º - As Quadrilhas Juninas contribuirão com uma taxa de anuidade, ficando impedida de usufruir dos seus direitos a Quadrilha Junina que estiver inadimplente financeiramente.

Parágrafo único - Serão automaticamente desfiladas as Quadrilhas Juninas que estejam inadimplentes por 2 (dois) anos, sem prejuízo de cobrança extrajudicial e/ou judicial, onde constarão os valores referentes à anuidade em atraso corrigidos, às custas processuais e honorários advocatícios.

Art. 9º - Nenhuma das Quadrilhas Juninas filiadas, bem como nenhum dos seus representantes, recebe qualquer remuneração direta ou indireta pelo exercício de cargo na diretoria da entidade.

Parágrafo Único – Fica desde já criado a remuneração para os dirigentes da FEBAQ, ou outros, que atuarem efetivamente na gestão executiva e para aqueles que a ela prestem serviços específicos, respeitando, em ambos os casos, os valores praticados pelo mercado.

Art. 10 - As Quadrilhas Juninas filiadas à FEBAQ não respondem solidária ou subsidiariamente pelas obrigações contraídas pela entidade, desde que não sejam responsáveis pelas omissões ou violação da lei, do presente estatuto e regimento interno, inclusive no que se refere às despesas realizadas que desvirtuem dos objetivos da entidade.

Art. 11º - A FEBAQ não responde solidária ou subsidiariamente pelas obrigações contraídas por suas Quadrilhas Juninas filiadas, desde que não seja responsável pelas despesas realizadas.

Art. 12º - São direitos das Quadrilhas Juninas, desde que em dias com suas obrigações estatutárias, regimentais e regulamentares:

- I) Participar das Assembleias, propondo, discutindo e votando, através de seus presidentes ou seus representantes legais que portarem, obrigatoriamente, ata de reunião ou eleição devidamente registrada ou procuração para este fim, com firma reconhecida em Cartório;
- II) Participar de congressos, simpósios, encontros, jornadas, seminários, cursos, fóruns, oficinas e/ou quaisquer eventos relacionados às atividades juninas, promovidos pela FEBAQ;
- III) Utilizar-se de todos os serviços oferecidos pela entidade;
- IV) Exigir o cumprimento dos convênios, contratos, parcerias e intercâmbios firmados pela entidade;
- V) Requerer a apuração de irregularidades cometidas pela Diretoria, Quadrilhas filiadas e/ou seus representantes, sendo-lhe assegurado o direito ao contraditório e a ampla defesa;
- VI) Requerer a sua desfiliação;
- VII) Indicar representantes para cargos de direção e/ou coordenação da FEBAQ, observadas as disposições contidas neste estatuto, no regimento interno e demais dispositivos legais
- VIII) Requerer a convocação de Assembleias.

Art. 13º - São deveres das Quadrilhas Juninas filiadas:

- I) Conhecer e cumprir o Estatuto, o Regimento Interno e Regulamentos da Entidade;
- II) Cumprir as deliberações da Diretoria Executiva e da Assembleia Geral, desde que não contrariem o Estatuto e o Regimento Interno da entidade, sob pena de sofrer as penalidades impostas por este Estatuto e/ou Regimento;
- III) Zelar pela imagem institucional da FEBAQ e de suas Quadrilhas filiadas;
- IV) Pagar pontualmente as suas contribuições, sob pena de não poder usufruir dos seus direitos;
- V) Manter atualizados os dados da quadrilha Junina e de seus membros;
- VI) Indicar membros para, com zelo e dedicação, desempenhar cargos e incumbências na entidade.
- VII) Colaborar ativamente para que a entidade cumpra seus objetivos, participando e divulgando seus eventos, suas atividades e seus serviços;
- VIII) Enviar para as Assembleias seu Presidente e/ou seu representante legal portando, obrigatoriamente, ata de reunião ou eleição devidamente registrada ou procuração para este fim, com firma reconhecida em Cartório, se em dias com suas obrigações estatutárias e regimentais;
- IX) Aplicar a logomarca da FEBAQ ao material de divulgação e produção gráfica dos eventos promovidos pelas Quadrilhas Juninas filiadas, acrescida do seguinte texto: "filiada à FEBAQ" .

Art. 14 – Às Quadrilhas Juninas fundadoras e filiadas da FEBAQ e/ou aos seus membros é vedado utilizar-se ou agir em nome da FEBAQ sem autorização da Diretoria e comunicação prévia às demais filiadas, bem como participar de eventos realizados e/ou apoiados por outras entidades similares estaduais.

Art. 15 - As entidades filiadas que infringirem as disposições estatutárias, o regimento interno e demais dispositivos legais ficarão sujeitas às seguintes penalidades:

- I) advertência;
- II) suspensão e/ou multa;
- III) exclusão.

§1º - A advertência se dará, por escrito, quando a Quadrilha Junina filiada e/ou seus representantes conduzirem-se de forma contrária e/ou incompatível aos objetivos da entidade;

§2º - A suspensão se dará quando a Quadrilha Junina filiada e/ou seus representantes reincidirem na falta prevista no §1º, podendo, ainda, ser aplicada uma multa até 10 vezes o valor da anuidade;

§3º - A exclusão se dará quando a Quadrilha Filiada e/ou seus representantes descumprirem o estatuto e/ou o regimento interno, e ou regulamentos, ou por reiteradas vezes, conduzirem-se de forma contrária e/ou incompatível aos objetivos da entidade.

Art. 16 - Será de responsabilidade da Diretoria Executiva e exclusivamente do Conselho de Ética (quando essa for criada) a apuração das infrações cometidas, sem prejuízo do contraditório e da ampla defesa, cabendo à Assembleia Geral a deliberação das penalidades previstas; exceto quando se tratar da penalidade prevista no inciso I, do art. 15, que deverá ser aplicada pela Diretoria, imediatamente após a ocorrência/apuração da infração.

CAPÍTULO III DA ESTRUTURA ADMINISTRATIVA

Art. 17 - São órgãos da FEBAQ:

- I) Assembleia Geral;
- II) Diretoria Executiva;
- III) Conselho Fiscal.

DA ASSEMBLEIA GERAL

Art. 18 - A Assembleia geral é o órgão máximo da entidade, composta por suas Quadrilhas Juninas filiadas em pleno gozo de seus direitos estatutários, sendo soberana em suas deliberações, desde que não contrariem o Estatuto, o regimento interno e as disposições legais aplicáveis à espécie, sendo de sua competência:

- I) Eleger os membros que farão parte da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal;
- II) Dar posse aos membros eleitos para os cargos da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal;
- III) Deliberar e decidir sobre alterações do estatuto, do regimento interno e dos regulamentos da entidade;

- IV) Decidir sobre as penalidades aplicáveis às Quadrilhas Juninas filiadas e/ou seus representantes que estejam, ou não, ocupando cargos da Diretoria, do Conselho Fiscal e do Conselho Deliberativo; exceto quando se tratar da penalidade prevista no inciso I, do art. 15;
- V) examinar e aprovar o orçamento anual referente ao exercício vigente;
- VI) examinar e aprovar o relatório, o balanço e as contas da Diretoria referentes a cada exercício financeiro e ao término de cada gestão;
- VII) deliberar e decidir sobre matérias de interesse da entidade;
- VIII) decidir, em instância única, sobre a destituição de ocupante de qualquer cargo;
- IX) deliberar e decidir sobre a extinção da FEBAQ;

Art. 19 - A Assembleia poderá reunir-se, ordinária e extraordinariamente:

- I - por convocação do Presidente;
- II – por convocação da maioria dos membros da Diretoria;
- III – pela Comissão Eleitoral;
- IV – por 1/3 das Quadrilhas Juninas filiadas, quando não atendido, no prazo de 08 (oito) dias, requerimento de convocação fundamentado, com indicação das matérias a serem tratadas.

Art. 20 - A convocação da Assembleia deverá ser realizada através de Edital de Convocação, enviado por e-mail ou qualquer outro meio regularmente utilizado pelas Quadrilhas Juninas filiadas em pleno gozo de seus direitos estatutários, regimentais e regulamentares, com prazo mínimo de 30 (trinta) dias para assembleias ordinárias, 10 (dez) dias para assembleias extraordinárias, e 60 (sessenta) dias para assembleias eleitorais, contendo: pauta, data, horário e indicação do local da realização, sendo soberana em suas deliberações, desde que não contrariem o estatuto, o regimento interno e demais dispositivos legais.

Parágrafo único – Dispensam-se as formalidades de convocação quando a maioria simples das entidades filiadas enviarem seus representantes ou se declararem, por escrito, cientes do local, data, hora, e ordem do dia.

Art. 21 - A Assembleia Geral Ordinária será realizada:

- I) anualmente entre os meses de janeiro a Março para dar ciência da prestação de contas anual, examinar e aprovar o orçamento anual;
- II) anualmente entre os meses de setembro a novembro para avaliação das atividades realizadas;

Art. 22 - A Assembleia Geral Extraordinária será realizada tantas vezes forem necessárias para deliberar sobre assuntos justificadamente convocados.

Art. 23 - A Assembleia Geral Eleitoral será realizada a cada 03 (Três) anos para exercer a competência eleitoral estabelecida neste estatuto, regimento interno e demais dispositivos legais;

Art. 24 - A Assembleia geral somente se realizará em primeira convocação com a presença da maioria das Quadrilhas Juninas filiadas com direito a voto, ou em segunda convocação, 01 (uma) hora depois, com o mínimo de 1/3 de representantes em dias com suas obrigações estatutárias e regimentais.

Art. 25 – As deliberações das Assembleias serão por maioria simples, através de votação aberta, cabendo apenas 01 (um) voto a cada Quadrilha Junina e o desempate ao Presidente da Assembleia, preservado as exceções previstas neste Estatuto, e/ou no Regimento Interno.

§ 1º - Nenhuma Quadrilha Junina poderá votar em matéria que lhe diga respeito diretamente ou aos seus representantes.

§ 2º - Pra reforma do estatuto e do regimento interno, bem como destituição de membros da Diretoria ou do Conselho Fiscal, é exigido voto concorde de 2/3 (dois terços) dos presentes à Assembleia especialmente convocada para este fim, não podendo ela deliberar, em primeira convocação, sem a maioria absoluta dos filiados, ou com menos de 1/3 (um terço) na convocação seguinte.

Art. 26 – Todas as atas das Assembleias, aprovadas e assinadas pela Diretoria e demais presentes, após as formalidades legais, deverão ser catalogadas e armazenadas adequadamente de forma a preservar o histórico e as atividades da entidade.

§1º - Eventuais divergências quanto ao conteúdo da ata deverão ser objeto de reclamação no ato de sua leitura.

§2º - A cópia da ata deverá ser entregue imediatamente a Quadrilha Junina, por e-mail no cadastro do filiado.

Art. 27 – As Assembleias Gerais serão instaladas e presididas pelo Presidente da Diretoria, ou por quem a houver convocado, podendo, ainda, ser designado membro da Diretoria ou dos Conselhos para tal fim.

Art. 28 – Compete ao Presidente da Assembleia Geral:

- I) Presidir a Assembleia;
- II) Conduzir os trabalhos com ordem;
- III) Suspender a Assembleia quando verificada a impossibilidade de sua continuidade;
- IV) Excluir da reunião membro que persistir em infringir preceitos legais, estatutários regimentais e/ou regulamentares, mediante aprovação da plenária;
- V) Assinar, juntamente com o secretário e os presentes a ata da assembleia.

Art. 29 – Compete ao Secretário da Assembleia Geral:

- I) Verificar a presença e a regularidade dos presentes;
- II) Redigir as atas e assiná-las, juntamente com o presidente e filiados;
- III) Entregar cópia da ata aos filiados que a solicitarem.

DA DIRETORIA EXECUTIVA

Art. 30 - A Diretoria Executiva é o órgão executivo e administrativo da FEBAQ, constituída de 04 (quatro) membros assim nominados:

- I) Presidente;
- II) Vice-Presidente;
- III) Secretário Geral;
- IV) Diretor Financeiro.

§1º – É vedado o acúmulo de cargo da Diretoria com o assento de qualquer Conselho.

Art. 31 – Compete à Diretoria Executiva:

- I) Cumprir e fazer cumprir o estatuto, o regimento interno, os regulamento e demais regras da entidade;
- II) Administrar a FEBAQ nos termos deste estatuto, regimento interno e demais regulamentos;
- III) Executar as penalidades;
- IV) Analisar os pedidos de filiação, observando as disposições contidas neste estatuto e/ou regimento interno.
- V) Definir a programação e o orçamento anual da instituição;
- VI) Preparar a prestação de contas, balancetes mensais e relatórios para apresentá-los, quando necessário, à Assembleia Geral.

Art. 32 – Compete ao Presidente:

- I) Presidir a FEBAQ cumprindo o estatuto, o regimento interno e demais regulamentos;
E representar a instituição em juízo ou fora dele;
- II) Representar a entidade junto ao poder público, em benefício da cultura e do movimento junino;
- III) Preparar conjuntamente com o Diretor Financeiro a prestação de contas referente ao exercício vigente e apresentá-la à Assembleia;
- IV) Abrir e encerrar contas bancárias, assinar cheques, firmar títulos e quaisquer operações financeiras, tudo conjuntamente com o Diretor Financeiro;
- V) Assinar todos os comunicados internos e externos da FEBAQ;
- VI) Assinar conjuntamente com o Secretário Geral as atas das Assembleias Gerais e das reuniões da Diretoria;
- VII) Submeter à apreciação do Conselho Fiscal o plano anual de atividades, bem como o balanço e a prestação de contas;
- VIII) Nomear e exonerar membros para cargos e/ou funções de confiança.

Art. 33 – Compete ao Vice-Presidente, substituir o Presidente, com todas as prerrogativas, sempre que necessário.

Art. 34 – Compete ao Secretário Geral:

- I) Substituir o Presidente e o Vice-Presidente em caso de ausência temporária.
- II) Secretariar as reuniões da Diretoria e as sessões das Assembleias Gerais, com exceção da Assembleia Geral Eleitoral, preparando as respectivas atas para os devidos fins;
- III) Executar o serviço de secretaria mantendo em ordem a documentação pertencente à FEBAQ;

Art. 35 – Compete ao Diretor Financeiro:

- I) Executar os serviços financeiros mantendo em ordem a documentação da área financeira;
- II) Assinar cheques, ordem de pagamento nacional e internacional, abrir e encerrar contas bancárias, firmar títulos de crédito juntamente com o Presidente;
- III) Elaborar e administrar o orçamento anual juntamente com o Presidente;
- IV) Manter atualizada a documentação contábil, fiscal e de pessoal, fornecendo-a mensalmente e quando solicitado;
- V) Pagar as despesas previstas no orçamento anual;
- VI) Pagar as despesas extraordinárias conforme autorização do Presidente;
- VII) Receber as anuidades e arrecadar doações fornecendo o respectivo recibo de quitação;
- VIII) Elaborar e desenvolver ações com o objetivo de gerar recursos financeiros para a entidade;
- IX) Elaborar e apresentar a prestação de contas anual para conhecimento da Diretoria e apreciação do Conselho Fiscal;

DO CONSELHO FISCAL

Art. 37 – O Conselho Fiscal é o órgão fiscalizador da FEBAQ, composto por 06 (seis) membros, sendo 03 (três) efetivos e 03 (três) suplentes.

Art. 38 – Compete ao Conselho Fiscal:

- I) Examinar a documentação contábil, fiscal e de pessoal;
- II) Apreciar a prestação de contas anual aprovando ou reprovando-a;
- III) Convocar, em caso de omissão, o Diretor Financeiro para apresentar a prestação de contas anual;
- IV) Propor a Diretoria a contratação de consultoria especializada para verificar a prestação de contas, quando houver necessidade;

CAPÍTULO IV DO PROCESSO ELEITORAL

Art. 45 – A eleição para a Diretoria Executiva e Conselho Fiscal ocorrerá a cada 03 (três) anos, através de voto aberto, com a participação de todos os filiados em pleno gozo de seus direitos estatutários, regimentais e regulamentares, com direito a reeleição.

Art. 46 - A Assembleia Geral Eleitoral será convocada pela Comissão Eleitoral em até 30 (trinta) dias após sua eleição, através de Edital de Convocação enviado para o email dos filiados, bem como através de meios amplamente utilizados pelos filiados, contendo a indicação de pauta, data, horário e local de realização.

Art. 47 – A Comissão Eleitoral será formada por 03 (três) membros, sendo 01 (um) presidente, 01 (hum) membro e 01 (um) suplente, que não sejam candidatos, escolhidos em Assembleia Geral Extraordinária, convocada através de Edital, contendo a indicação da pauta, data, horário e local de realização, com antecedência de 60 (sessenta) dias do término do mandato da atual gestão.

Art. 48 – Compete a Comissão Eleitoral conduzir o processo eleitoral, de acordo com o estabelecido no estatuto e no regimento interno, garantindo as mesmas condições e oportunidades para todos os filiados que desejarem inscrever-se, dirimindo as dúvidas e resolvendo os casos omissos não previstos no estatuto, no regimento interno e regulamentos durante o processo eleitoral.

Art. 49 – São considerados aptos para votar e serem votados os fundadores e filiados na ativa que:

- I) Estiverem em dia com suas obrigações estatutárias, regimentais e regulamentares;
- II) Estiverem filiados há mais de 01 (um ano) da data estabelecida para as eleições.
- III) Estiverem nos cargos da atual diretoria;
- IV) Estiverem exercendo cargo de Presidentes nas Quadrilhas Juninas filiadas;

Art. 50 - Constitui condições para o provimento de cargos não estar incurso em nenhuma das penalidades previstas neste estatuto, no regimento interno e regulamentos, nem tampouco ter sido condenado ou estar respondendo a processo que o inabilite ao desempenho das atribuições inerentes à gestão de recursos.

Parágrafo único – Não poderão ser eleitos ou nomeados para cargos, incumbências ou funções, os condenados por crime dolosos em sentença definitiva, os inadimplentes na prestação de contas de recursos públicos, os inadimplentes nas anuidades, os inadimplentes na prestação de contas da FEBAQ, os afastados de cargos eletivos e os falidos.

Art. 51 – As candidaturas aos cargos da Diretoria e Conselho deverão ser dirigidas à Comissão Eleitoral.

Parágrafo único – Somente serão deferidas pela Comissão Eleitoral as candidaturas que preencherem as condições de elegibilidade.

CAPÍTULO V

DO REGIME ECONÔMICO-FINANCEIRO

Art. 52 - A movimentação financeira da FEBAQ obedecerá ao orçamento elaborado e aprovado anualmente na forma deste Estatuto.

Parágrafo Único – O orçamento e o exercício econômico financeiro da FEBAQ coincidirão com o ano civil.

Art. 53 - São receitas da FEBAQ:

- I) Anuidades pagas pelos Filiados;
- II) Rendas eventuais, doações, subvenções e rendimentos de bens de capital;
- III) Contribuições provenientes de eventos;
- IV) Repasses provenientes de acordos, projetos, convênios, contratos e/ou intercâmbios com órgãos governamentais, com a iniciativa privada ou outras instituições nacionais ou internacionais.

Art. 54 - São despesas da FEBAQ:

- I) Os salários e gratificações dos empregados e trabalhadores autônomos, bem como encargos sociais correspondentes;
- II) Os impostos e taxas necessários à manutenção da FEBAQ;
- III) A aquisição de material de expediente, de equipamentos e serviços necessários às atividades de ordem administrativa e operacional da FEBAQ e, ainda, despesas de aluguel, serviços de correios, energia, água e comunicação;
- IV) Os gastos necessários à conservação dos bens móveis e imóveis da FEBAQ;
- V) Os gastos com o deslocamento, estadia e alimentação dos membros da Diretoria e dos Conselhos da FEBAQ, funcionários e representantes legais, quando a serviço da entidade;
- VI) Os gastos com a realização de reuniões, encontros, cursos, seminários, divulgação e eventos de interesse da FEBAQ;
- VII) Reembolso aos que contraírem gastos a serviço da entidade.

Art. 55 - O patrimônio da FEBAQ é constituído de bens móveis e imóveis adquiridos ou recebidos em doações, legados, semoventes, contribuições de pessoas físicas e jurídicas, de direito público ou privado, nacionais ou internacionais, títulos ou doações que a mesma venha a possuir e que será registrado no nome da Entidade, e só poderá ser aplicado na execução de seus fins, nos termos do Estatuto Social e do Regimento Interno, não podendo os seus membros participar dele em hipótese alguma.

Art. 56 - As rendas, recursos e eventual resultado operacional, serão aplicados na manutenção e desenvolvimento dos objetivos institucionais da FEBAQ.

CAPÍTULO VI DA DISSOLUÇÃO

Art. 57 – A entidade se extinguirá pela impossibilidade de manter-se, pela inexecutabilidade de seus fins, por lei ou por deliberação da Assembleia Geral Extraordinária, convocada especialmente para este fim, mediante voto favorável da maioria absoluta das entidades filiadas, com direito a voz e voto.

Parágrafo único – A mesma Assembleia poderá determinar a destinação dos bens e do patrimônio remanescente para outra entidade, sem fins lucrativos, declarada de utilidade pública e registrada nos órgãos oficiais competentes, sem prejuízo da liquidação que não se aterá, no atendimento do passivo, a qualquer prévia destinação;

CAPÍTULO VII

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 58 - O Presente Estatuto Social poder sofrer alteração parcial ou geral por deliberação de Assembleia Geral Extraordinária, especialmente convocada para este fim, mediante votos de dois terços (2/3) dos Sócios Fundadores e Efetivos;

Art. 59 – Os casos omissos neste Estatuto, no Regimento Interno da Entidade e nos Regulamentos, se de caráter urgente e inadiável, deverão ser resolvidos pela Diretoria Executiva, com base nos Princípios Gerais do Direito.

Art. 60 – Fica eleito o foro da Comarca do domicílio sede da FEBAQ, para dirimir qualquer dúvida oriunda da aplicação do presente estatuto, o qual foi aprovado por unanimidade e entrará em vigor após o registro dos atos constitutivos no Cartório competente, revogando-se as disposições em contrário.

Divulgação no Diário Oficial Municipal do Resultado da eleição para o Conselho Municipal de Políticas Culturais de Salvador



SALVADOR - BAHIA
TERÇA-FEIRA
14 DE JUNHO DE 2015
ANO XXVIII | N.º 6.360

23

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO - SECULT

Fundação Gregório de Mattos - FGM

RESULTADO DA APURAÇÃO DO PROCESSO ELEITORAL DO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DO SALVADOR

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, ÓRGÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR, e a Comissão Eleitoral Paritária do Conselho Municipal de Política Cultural (CMPC), nomeada pela Portaria N.º 026 de 11 de abril de 2014, no uso das atribuições que lhes são conferidas pelo DECRETO N.º 25.810 de 30 de janeiro de 2015, que aprova o Regulamento do Processo Eleitoral para membros representantes da Sociedade Civil no CMPC, Biênio 2015/2016, resolve:

I. Tornar público o resultado da apuração do processo eleitoral do CMPC, relacionando abaixo os candidatos/as eleitos/as e respectivos suplentes, em conformidade com as disposições do Regulamento do Processo Eleitoral, informando também a votação obtida por cada candidato/a, bem como quantitativo de votos válidos, nulos e abstenções.

II - Convocar os/as candidatos/as ADRIANA SANTOS SILVA (ADRILADY), SANDRA DE CASSIA SILVA DOS ANJOS (SANDRA DE CASSIA), EMANUEL OLIVEIRA COSTA (EMANUEL COSTA), THIAGO DE JESUS OLIVEIRA (THIAGO DIAMANTE), EVANDRO JORGE DO ESPIRITO SANTO (ESPIRITO SANTO), TIAGO OLIVEIRA NASCIMENTO (TIAGO GATO PRETO), CICERO JORGE ARAUJO MELO (CICERO MELO), GLEIDSON ALMEIDA VIEIRA (GLEIDSON VIEIRA), em situação de empate, para no prazo de 5 (cinco) dias a partir desta data enviarem por meio do endereço eletrônico eleicoescmpc@salvador.ba.gov.br cópias digitalizadas dos documentos referidos no Art. 22 Parágrafo Único, Alínea b do Regulamento do Processo Eleitoral, como segue:

"Comprovar maior quantitativo de participações em Conferências Municipais de Cultura, através de certificados de participação e/ou listas oficiais de presença"

APURAÇÃO

SEGMENTOS E TERRITÓRIOS	CANDIDATOS/AS	VOTOS OBTIDOS	CLASSIFICAÇÃO
ARTES VISUAIS	JOSÉ HERNANI SANTOS (ZEZÉ OLUKEMI)	4	CONSELHEIRO ELEITO
AUDIOVISUAL	CANDIDALUZ LIBERATO DA TRINDADE (CANDIDALUZ LIBERATO)	7	CONSELHEIRA ELEITA
AUDIOVISUAL	JULIO CESAR ALVES MACIEL (JULIO RAVECK)	1	SUPLENTE
CULTURAS IDENTITÁRIAS E INCLUSIVAS	ADRIANA SANTOS SILVA (ADRILADY)	1	DEFINIÇÃO DA SUPLENÇA SUJEITA AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
CULTURAS IDENTITÁRIAS E INCLUSIVAS	SANDRA DE CASSIA SILVA DOS ANJOS (SANDRA DE CASSIA)	1	DEFINIÇÃO DA SUPLENÇA SUJEITA AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
CULTURAS IDENTITÁRIAS E INCLUSIVAS	WALDENILTON FERREIRA MOTA (DANILO MOURA)	143	CONSELHEIRO ELEITO
CIRCO	DEMIAN MOREIRA REIS (DEMIAN REIS)	0	NÃO OBTVE VOTO
CIRCO	VIVIANE ABREU PEDREIRA DE OLIVEIRA (VIVIANE ABREU)	2	CONSELHEIRA ELEITA
CULTURA POPULAR	EDIVALDO SANTOS COSTA (EDIVALDO COSTA)	1	3º COLOCADO
CULTURA POPULAR	LINDINALVA NILA REBOUCAS FREITAS (LINDINALVA)	132	CONSELHEIRA ELEITA
CULTURA POPULAR	SALVIANO JOSE DE ALMEIDA FILHO (SALVIANO FILHO)	7	SUPLENTE
DANÇA	EMANUEL OLIVEIRA COSTA (EMANUEL COSTA)	1	DEFINIÇÃO DA SUPLENÇA SUJEITA AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
DANÇA	SOIANE GOMES PAULA (SOIANE GOME)	8	CONSELHEIRA ELEITA
DANÇA	THIAGO DE JESUS OLIVEIRA (THIAGO DIAMANTE)	1	DEFINIÇÃO DA SUPLENÇA SUJEITA AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
LITERATURA	EVANDRO JORGE DO ESPIRITO SANTO (ESPIRITO SANTO)	1	DEFINIÇÃO DA VAGA DE CONSELHEIRO E SUPLENÇA SUJEITAS AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
LITERATURA	LUCIA TAVARES LEIRO (LUCIA LEIRO)	0	NÃO OBTVE VOTO
LITERATURA	TIAGO OLIVEIRA NASCIMENTO (TIAGO GATO PRETO)	1	DEFINIÇÃO DA VAGA DE CONSELHEIRO E SUPLENÇA SUJEITAS AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
MÚSICA	ANDERSON BATISTA DE SOUZA (JOTA ANDERSON)	4	4º COLOCADO

SEGMENTOS E TERRITÓRIOS	CANDIDATOS/AS	VOTOS OBTIDOS	CLASSIFICAÇÃO
MÚSICA	BRUNO SANTOS MEIRELES (BRUNO SUSPEITO)	3	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
MÚSICA	CARLOS JOSÉ DERALDO NASCIMENTO (CARLINHOS NASCIMENTO)	1	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
MÚSICA	DIEGO AIRES DE SOUZA (DIEGO AIRES)	0	NÃO OBTVE VOTO
MÚSICA	HUMBERTO CESAR MAIA COSTA (HUMBERTO TEDÃO)	1	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
MÚSICA	IVAM DA SILVA ALMEIDA (BUSTA MAVI)	14	SUPLENTE
MÚSICA	JOSE HAMILTON VICENTE DE OLIVEIRA (HAMILTON OLIVEIRA)	1	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
MÚSICA	KILSON SANTANA DE MELO (KILSON)	23	CONSELHEIRO ELEITO
MÚSICA	LAILTON SANTOS COSTA (BOGHAN GABOTT)	12	3º COLOCADO
MÚSICA	NINO REZENDE DE OLIVEIRA (NINOVISK OLIVER)	3	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
MÚSICA	OSVALDO GUIMARÃES DA SILVA (LOBO MALL)	1	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL	JOSE CLAUDIO DE CARVALHO RODRIGUES (CLAUDIO RODRIGUES)	1	3º COLOCADO
PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL	MARIA PAULA FERNANDES ADINOLFI (MARIA PAULA)	18	SUPLENTE
PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL	RITA MARIA VENTURA DOS SANTOS (RITA)	117	CONSELHEIRA ELEITA
TEATRO	ALADR LOPES MENEZES FILHO (ALADR LOPES)	1	3º COLOCADO
TEATRO	CELSO DE ARAUJO OLIVEIRA JUNIOR (CELSO JR)	7	CONSELHEIRO ELEITO
TEATRO	FÁBIO MARCELO SANTOS SILVA (FABIO MARCELO)	2	SUPLENTE
TERRITÓRIO BARRA/PITUBA E ITAPOAN/IPITANGA	ANGELICE BATISTA DOS SANTOS (ANGELICE)	129	CONSELHEIRA ELEITA
TERRITÓRIO BARRA/PITUBA E ITAPOAN/IPITANGA	MARIA DO SOCORRO NASCIMENTO DE SOUZA PALMA BATISTA (MARIAS DAVID DAVID)	2	3º COLOCADA
TERRITÓRIO BARRA/PITUBA E ITAPOAN/IPITANGA	SERGIO SOBREIRA ARAUJO (SERGIO SOBREIRA)	8	SUPLENTE
TERRITÓRIO CIDADE BAIXA E ILHAS	FABRICIO CUMMING DE ALMEIDA	15	SUPLENTE
TERRITÓRIO CIDADE BAIXA E ILHAS	NOELIA PIRES DA SILVA	129	CONSELHEIRA ELEITA
TERRITÓRIO CIDADE BAIXA E ILHAS	SANDRO ALEX DOS S. SILVA (DJ SANDRO)	3	3º COLOCADO
TERRITÓRIO CABULA/TANCREDO NEVES E PAU DA LIMA	EDVALDO DE JESUS BARRETO (EDD BALLA)	2	CONSELHEIRO ELEITO
TERRITÓRIO LIBERDADE/SÃO CAETANO E CENTRO/BROTAS	CICERO JORGE ARAUJO MELO (CICERO MELO)	10	DEFINIÇÃO DA SUPLENÇA SUJEITA AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
TERRITÓRIO LIBERDADE/SÃO CAETANO E CENTRO/BROTAS	EUCIMAR FREITAS DE OLIVEIRA	134	CONSELHEIRO ELEITO
TERRITÓRIO LIBERDADE/SÃO CAETANO E CENTRO/BROTAS	GLEIDSON ALMEIDA VIEIRA (GLEIDSON VIEIRA)	10	DEFINIÇÃO DA SUPLENÇA SUJEITA AOS CRITÉRIOS DE DESEMPATE
TERRITÓRIO LIBERDADE/SÃO CAETANO E CENTRO/BROTAS	MARCO ANTONIO PINHO SANTOS (MARCO SITAEL)	4	4º COLOCADO
TERRITÓRIO LIBERDADE/SÃO CAETANO E CENTRO/BROTAS	UBIRACI POLICARPO (BIRA NEGRO DE FÉ)	2	NÃO OBTVE CLASSIFICAÇÃO
TERRITÓRIO VALÉRIA E CAJAZEIRAS	JADSON SANTOS DO NASCIMENTO (JAU NASCIMENTO)	7	CONSELHEIRO ELEITO

QUADRO RESUMO

ELEITORES/AS HABILITADOS/AS	827
ABSTENÇÕES	287
ELEITORES/AS VOTANTES	540
VOTOS COMPUTADOS	979
VOTOS VÁLIDOS	975
VOTOS NULOS	4

CALENÁRIO ELEITORAL ATUALIZADO

PRAZO PARA OS/AS CANDIDATOS/AS EM SITUAÇÃO DE EMPATE ENVIAR OS DOCUMENTOS REFERIDOS NO ART. 22, PARÁGRAFO ÚNICO, ALÍNEA B DO REGULAMENTO DO PROCESSO ELEITORAL.	ATÉ 23/06/2015
PRAZO PARA A COMISSÃO ELEITORAL PARITÁRIA AVALIAR A DOCUMENTAÇÃO E DEFINIR OS DESEMPATES.	ATÉ 30/06/2015
DIVULGAÇÃO DO RESULTADO FINAL DA ELEIÇÃO	ATÉ 01/07/2015
NOMEAÇÃO E POSSE DOS CONSELHEIROS/AS ELEITOS/AS	ATÉ 01/08/2015

Salvador, 15 de junho de 2015.

FERNANDO FERREIRA DE CARVALHO
Presidente

SECRETARIA MUNICIPAL DE MOBILIDADE - SEMOB

Superintendência do Trânsito do Salvador - TRANSALVADOR

CHAMAMENTO PÚBLICO Nº213/2015

**CREDECIAIMENTO PARA PATROCINADORES DE
EVENTOS DE EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO**

1. PREÂMBULO

1.1 A Superintendência de Trânsito e Transportes - TRANSALVADOR, inscrita no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica/CNPJ sob o nº 10.603.491/0001-19, com sede na Av. Vale dos Barris nº 501 - Centro, Cep. 40.070.055, torna público para conhecimento dos interessados, que realizará **CREDECIAIMENTO PARA PATROCINADORES DE EVENTO DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO**.

2. DO OBJETO

2.1. O presente Chamamento tem por objeto o credenciamento de empresas para **PATROCÍNIO do Concurso para Premiação de Projetos de Engenharia de Tráfego**, com alunos de Graduação das Faculdades Públicas e Privadas, devidamente matriculados e cursando a partir do 3º semestre nas áreas de Engenharia, Urbanismo e Tecnólogos de Gestão de Trânsito e Transportes.

2.2. O período de credenciamento para participação no processo de Chamamento Público, será de 15 a 22 de junho de 2015.

2.3. O concurso a que se refere o item 2.1, será realizado, nos termos do artigo 22, inciso IV, da Lei 8.666 de 21 de junho de 1993 e nas condições estabelecidas no Edital.

2.4. O edital do concurso será publicado no Diário Oficial do Município e no site da TRANSALVADOR posteriormente, contudo todas as dúvidas poderão ser esclarecidas pelo telefone (71) 3202-9063/9139 e ainda, na Gerência de Educação para o Trânsito da TRANSALVADOR no endereço indicado no Preâmbulo, das 08:00 às 16:00 horas.

3. DO CREDENCIAMENTO

3.1. O **CREDECIAIMENTO PARA PATROCINADORES DE EVENTO DE ENGENHARIA DE TRÁFEGO** será coordenado pela Diretoria de Trânsito, através de sua Gerência de Educação para o Trânsito - **GEDUT** da TRANSALVADOR. Serão credenciadas todas as empresas interessadas que atendam aos

requisitos deste chamamento.

4. DA PARTICIPAÇÃO

4.1. Poderão participar do certame empresas que apresentem regularidade fiscal na forma indicada no item 4.3.

4.2. As empresas interessadas poderão inscrever-se para Credenciamento no prazo máximo de 06 dias consecutivos, a partir do primeiro dia útil subsequente ao da publicação no Diário Oficial do Município - DOM, através da apresentação de carta de intenção, na qual deverão ser indicados os dados da empresa interessada (razão social/nome, endereço, CEP, telefone, email, etc.).

4.3. A carta de intenção do interessado deverá vir acompanhada dos seguintes documentos:

- Prova de inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica - CNPJ.
- Prova de regularidade para com a Fazenda Federal constituída de Certidão Conjunta Negativa de Débitos, relativos a Tributos Federais e à Dívida Ativa da União.
- Prova de regularidade para com as Fazendas Estadual e Municipal do domicílio ou sede da Licitante ou outra equivalente na forma da Lei.
- Prova de regularidade relativa à Seguridade Social (INSS).
- Prova de regularidade com o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), mediante a apresentação de Certificado de Regularidade de Situação/CRF.
- Certidão Negativa de Débitos Trabalhistas/CNDT, expedida pela Justiça do Trabalho.

4.4. Não poderão participar deste chamamento as empresas que tenham sido declaradas inidôneas por órgão da Administração Pública, Direta ou Indireta, Federal, Estadual, Municipal ou do Distrito Federal, por meio de ato publicado no Diário Oficial da União, do Estado ou do Município.

5. DO PATROCÍNIO

5.1. Como forma de patrocínio, as empresas participantes fornecerão prêmios a serem entregues aos alunos vencedores do Concurso e arcará com despesas decorrentes da organização e realização do citado evento.

5.2. Os prêmios a serem fornecidos são:

- 1º lugar:** 01 (Um) notebook Intel Core i5 Mem 8GB, HD 1TB, LED HD 15,6", DVD-RW, USB 3.0 com placa de vídeo 2GB.
- 2º lugar:** 01 (Um) notebook Intel Core i3, Mem 4GB, HD 1 TB, LED 14", DVD-RW, USB 3.0.
- 3º lugar:** 01 (Um) notebook, Intel Core i3, Mem 4GB, HD 1TB, LED 14".

5.3. As empresas poderão participar fornecendo todos os prêmios ou apenas um dos indicados no item 5.2

6. DA CONTRAPARTIDA

6.1. Como contrapartida as empresas patrocinadoras terão o nome divulgado em todas as peças publicitárias do evento.

Cidade do Salvador, 10 de junho de 2015.

FABRIZIO MULLER MARTINEZ
Superintendente Executivo

DIVERSOS - PUBLICAÇÃO FEITA NOS TERMOS DA LEI Nº 3.675/86

EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

O SINDSEPS - Sindicato dos Servidores da Prefeitura do Salvador, no uso de suas atribuições, em Assembleia realizada no dia 15/06/2015, depois da explanação do advogado do SINDSEPS, Doutor Danilo Ribeiro, sob o processo de greve em estágio probatório das ameaças do corte de ponto e do assédio moral que vem sendo praticado pela Gestão Municipal e explanação do coordenador Geral Everaldo Braga como estão as negociações com a prefeitura e diante do fato de não haver avanços, decidiram por manter a greve e aprovaram uma nova Assembleia Geral da categoria para o dia 17/06/2015 (Quarta-feira), às 08h00min, na Praça em frente ao Shopping da Bahia - Antigo Iguatemi, nesta capital, para deliberar sobre os seguintes pontos de pauta:

- Campanha Salarial 2015;
- Manutenção ou suspensão da Greve Geral;
- 0 que ocorrer.

Salvador, 15 de junho de 2015.

EVERALDO ALVES DE OLIVEIRA BRAGA
Coordenador Geral

ANEXO 3

Projeto do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador

O evento em questão, que tem como temática a MEMÓRIA, pois verifica a importância de reunir a comunidade para ouvir narrativas daqueles que dedicaram boa parte de suas vidas na produção de grandes espetáculos de Dança, através das quadrilhas juninas, a partir da década de 1980 em Salvador e Região. Guardar a memória da nossa cultura é, hoje, uma reação necessária para fazer frente à ação dos que, de algum modo, investem com o rolo compressor da 'cultura de supermercado' sobre a cultura nacional (ARAÚJO, 1986, p. 40).

Memória é um sistema organizado de lembranças cujo suporte são os grupos sociais, espacial e temporalmente situados, ou seja, redes de inter-relações estruturadas e imbricadas em circuitos de comunicação. Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão [...] Várias memórias coletivas podem coexistir, relacionando-se de múltiplas formas. (MENEZES, 1992, p. 15).

A ser realizado de 08 a 10 de agosto de 2019, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, Teatro Experimental e Teatro do Movimento. Pretende realizar uma **Exposição** de figurinos, cenários, fotos e vídeos das quadrilhas juninas, uma **Cerimônia De Homenagem** aos Mestres, promover seis **Mesas Temáticas** com artistas dos referidos grupos, produzir uma **Carta** com as principais proposições à construção de políticas culturais para a manutenção deste segmento artístico-cultural e um **Festival** com apresentações artísticas.

Oriundos de comunidades periféricas de Salvador, os grupos de quadrilha junina se configuram como espaço social de aglutinação de saberes, transmitidos de geração em geração, busca promover a manutenção da cultura nordestina, cujos aspectos rítmicos e coreográficos de procedência indígenas e africanos se mesclam aos elementos europeus, de sua origem, resultando numa expressão genuinamente brasileira.

Cada grupo de quadrilha aglutina uma quantidade relativamente grande de participantes. O elenco de dança tem no mínimo 20 pares e podem aumentar em múltiplos de 4 (24-32-36-40 pares, etc), tem à frente o marcador, um ator que narra o enredo do tema do espetáculo, acompanhados de um grupo musical de 5 a 12 músicos, conta com uma equipe de produção em torno de 10 pessoas para montar e

desmontar toda a estrutura de cenário, seus figurinos necessitam serem feitos numa pronta-entrega com grande equipe de costureiras e máquinas industriais, para gerir o grupo um corpo diretor com cerca de 8 a 10 pessoas que dividem funções artísticas, administrativas, financeiras, de comunicação e marketing, enfim, envolve toda a comunidade, que também produz uma torcida organizada.

JUSTIFICATIVA

Idealizado por Sibebe Bulcão, estudante de graduação do Bacharelado e Licenciatura em Dança, bolsista do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), desenvolve a pesquisa *Danças Populares, Ações Artístico-Educacionais e Intervenções em Territórios Culturais*, natural de Acupe de Santo Amaro da Purificação-BA, nascida na tradicional família que realiza a secular manifestação cultural do *Nego Fugido*; em parceria com Soiane Gomes, estudante do Programa de Pós Graduação em Dança, bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) que desenvolve a pesquisa *Quadrilhas Juninas na Região Metropolitana de Salvador: Estudo das Memórias sobre suas Práticas Performativas*; ambas são dançarinas, quadrilheiras, artistas da cultura popular e integrantes do Grupo GIRA/CNPQ - Grupo de Pesquisa em *Culturas Indígenas, Repertórios Afro-Brasileiros e Populares*, da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

Pertencem ao movimento de quadrilhas as idealizadoras do projeto, que participaram dos grupos Raízes do Iguape (Cachoeira-BA), Forró Asa Branca (Cabula/Salvador-BA) e Forró do ABC (Liberdade/Salvador-BA), e ao longo dos anos vêm observando a importância de reunir as comunidades para legitimar os conhecimentos em torno de suas produções em dança, dentro e fora da Universidade, promovendo o encontro de várias gerações de quadrilheiros.

É de grande relevância realizar este Fórum tendo em vista que as quadrilhas juninas se configuram como espaço de produção de conhecimento, enquanto práticas performativas em suas motrizes culturais afro-ameríndias, e até a presente data foram poucos os estudos sistemáticos sobre a produção dos espetáculos de quadrilhas juninas de Salvador, e seus desdobramentos socioculturais, por parte de acadêmicos ou mesmo por parte dos próprios quadrilheiros.

As novas diretrizes da arte e educação exigem através de leis, resoluções e normas, o trato às referências da cultura popular que trazem elementos significativos de

identidades culturais, ações políticas articuladas a formas de organizações, que os grupos comunitários têm se valido para promover melhor educação às suas comunidades, a autoestima de sujeitos que geralmente não tem condições privilegiadas e acesso aos bens como teatros, equipamentos culturais, e por isso, as universidades têm a obrigação de promover estudos que possam oferecer tais conhecimentos às escolas, aos projetos e aos estudantes universitários.

OBJETIVOS

GERAL: Reunir a comunidade acadêmica e grupos juninos para que através de **mesas temáticas** exponham suas memórias, compartilhem informações e debatam sobre as diferentes epistemologias da dança popular no Estado da Bahia.

ESPECÍFICOS:

- Realizar **Cerimônia de Homenagem** aos Mestres de Quadrilha Junina, em agradecimento pelos anos dedicados à produção artística neste segmento;
- Registrar em audiovisual as narrativas das **Mesas Temáticas** e apresentações para posterior transcrição e produção de material impresso, a ser distribuído aos grupos e à Universidade, para colaborar na compreensão de que modo as quadrilhas juninas da RMS se configuram como prática performativa, a partir da memória e corpo dos quadrilheiros;
- Montar uma **Exposição** no Foyer da Escola de Dança com figurinos históricos dos espetáculos de quadrilha junina da RMS;
- Produzir uma **Carta** com as principais proposições à construção de políticas culturais, para a manutenção deste segmento artístico-cultural, a ser entregue aos gestores municipal, estadual e federal, do setor de cultura;
- Realizar **Festival de Quadrilhas** para a mostra dos trabalhos coreográficos produzidos pelos grupos juninos em suas comunidades.

PÚBLICO ALVO

Estudantes de Ensino Médio, Graduação e Pós-Graduação das diversas áreas;

Artistas da Dança, Teatro, Música e Moda;

Brincantes de Quadrilhas Juninas de Salvador e Região Metropolitana;

Gestores públicos do setor de Cultura.

CRONOGRAMA

Pré-Produção:

PERÍODO	ATIVIDADE
Maio/2019	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de material de divulgação; • Reuniões de Alinhamento entre a Equipe Técnica;
Junho/2019	<ul style="list-style-type: none"> • Envio de carta-convite aos Mestres, aos palestrantes e aos grupos juninos; • Curadoria dos materiais que serão expostos no Foyer Átrio Amarelo • Abertura das inscrições via internet. • Confecção dos brindes oferecidos aos Mestres homenageados, aos palestrantes e grupos no Festival; • Reuniões de alinhamento entre a Equipe Técnica.
15/Julho/2019	<ul style="list-style-type: none"> • Montagem da Exposição

PROGRAMAÇÃO

	QUINTA 08/08	SEXTA 09/08	SÁBADO 10/08
09h		Aulão de Xaxado	Trilhas de Quadrilhas
10-12h		Mesa: Coreógrafos de Quadrilhas	Mesa: Repertórios Musicais de Quadrilhas
	ALMOÇO		
14-16h	Abertura da Exposição	Mesa: Quais as Políticas Culturais de Manutenção e Salvaguarda das Quadrilhas?	Mesa: Figurinistas de Quadrilhas
16-18h			Mesa: Marcadores de Quadrilhas
19h às 21h	MESA MESTRES Cerimônia de Homenagem	Festival de Quadrilhas	Leitura da Carta I Fórum QJB Festival de Quadrilhas

MESAS TEMÁTICAS	CONVIDADOS
Mesa de Abertura MESTRES	Mediadora: Prof. Dra. Amélia Conrado UFBA Deraldo Lima, Mariete Lima, Jorge Cavalcanti, Ubaldina Estrela, Graça Brandão, Ana Maria Franco, Ely Razek, Vavá da Vilah, Altamira Lobo (dona Nenca), Antonio Soares, Geo Santa Fé
Mesa POLÍTICAS CULTURAIS	Mediador: Prof Dr. Jânio Roque UNEB. Diretor da Fundação Gregório de Matos - Fernando Guerreiro, Secretária Estadual de Cultura - Arany Santana, Presidente Federação Baiana de Quadrilhas - Carlos Brito
Mesa COREÓGRAFOS	Mediador: Jairson Bispo Isis Carla, Adeilson Sousa, Armando Filho, Danilo Carvalho, Jorge Cavalcanti, Alexandre Marcus, Leandro Oliveira, Anderson Cupim
Mesa MÚSICOS	Mediador: Marcos Santos (UFBA) Roberto Brito, Geo Santa Fé, Adelmo Magalhães, Lázaro Oliveira, Julio Cavalcanti, Jean Batista, Roberto Candido,
Mesa MARCADORES	Mediador: Solange Simões Antônio Soares, Paulo Ornelas, Adilson Damasceno, Clóvis Oliveiras, Jotta Armany, Leandro Santolli, Leonardo Teles, Devid Gonçalves, Valter Mangabeira
Mesa FIGURINISTAS	Mediador: Denny Neves Aline Assis, Jhon Pereira, Luciano Santana, Taís Brandão, Rubem Braga, Cid Brito, Flávio Cerqueira

GRUPOS CONVIDADOS FESTIVAL DE QUADRILHAS

GRUPOS	BAIRROS
Asa Branca	Cabula
Forró do ABC	Liberdade
Quadrilha Mirim Germe da Era	Liberdade
Quadrilha Mirim Forró do Luar	Massaranduba
Imperatriz do Forró	Subúrbio Ferroviário

EQUIPE TÉCNICA

NOME	FUNÇÃO
Sibele Bulcão	Direção geral
Soiane Gomes	Direção executiva

Raíssa Biriba	Apoio à produção
Lindete Souza	Divulgação
João Petronilio	Apoio à produção
Ian Geike	Apoio à produção
Priscila	Apoio à produção
Ariana	Apoio à produção
Rony Timas	Apoio à produção
Danilo Lima	Apoio à produção
Tauana Santos	Apoio à produção
Natália Almeida	Arte visual

PRESTAÇÃO DE CONTAS

DATA	DESCRIÇÃO ITEM	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
23/07/19	Camisetas	50	6,84	342,00
23/07/19	impressão camisetas	01 Serviço		120,00
23/07/19	brindes homenagem	70	3,90	273,00
25/07/19	Copos temáticos	100	1,00	100,00
25/07/19	Arte visual	01 serviço	150,00	150,00
31/07/19	Ajuda custo passagem palestrante		120,00	120,00
31/07/19	Sabão em pó	02	9,90	19,80
02/08/19	Material exposição: alfinete, cordão, bastão cola, etc			47,87
04/08/19	Saco lixo	01	28,90	28,90
07/08/19	Almoço	50 quentinhas	12,70	635,00
09/08/19	Pilhas p/ microfone / papel toalha	02 / 01	17,98 / 5,29	23,27
10/08/19	Pilhas p/ microfone	02	8,99	17,98

			SUBTOTAL	1.877,82
	TRANSPORTE - UBER	14 corridas	SUBTOTAL	134,41
			TOTAL	2,012,23

ANEXO 4

CARTA DE PROPOSIÇÕES 1º FÓRUM

Essa carta nasce da construção coletiva das quadrilheiras e dos quadrilheiros do Estado da Bahia que estiveram presentes no 1º Fórum de Quadrilhas Juninas de Salvador, ocorrido nos dias 08, 09 e 10 de agosto de 2019, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia e, de forma horizontal, puderam falar de suas memórias, suas experiências, seus anseios, suas angústias e suas idéias para a manutenção e salvaguarda dos grupos de Quadrilhas Juninas da Bahia que os mesmos representavam.

As proposições foram colhidas através da realização de seis mesas temáticas com Mestres, coreógrafos, gestores públicos de Cultura, músicos/compositores, figurinistas e marcadores de Quadrilhas, atuantes há cerca de 40 anos neste segmento. Nesse sentido, essa construção reafirmou a importância histórica, cultural, artística, educativa, econômica, social que são as Quadrilhas Juninas no estado da Bahia e uma avaliação sistemática das ações políticas para os determinados grupos culturais.

O processo agravante que as quadrilhas juninas tem sofrido com o desaparecimento de inúmeras, pelas políticas econômicas provenientes do capitalismo que ao criarem uma poderosa “máquina da Indústria dos Mega Shows” a exemplo dos Sertanejos e Axés, como vimos acompanhando, inclusive, transformando um calendário que é instituído culturalmente, sendo o mês de junho e julho em que existem as “Festas Juninas”, os grupos tradicionais como os de forró, quadrilhas, samba-juninos e outros, tiveram seu espaço significativamente reduzidos.

As Quadrilhas têm ficado numa condição de abandono e desvalorização na medida em que, os instrumentos que a referida “Máquina da indústria dos Mega Shows” recebem apoios tanto de estrutura física, de equipamentos, logística, contratos com pagamentos de grandes cachês para artistas, por secretarias de cultura, prefeituras, estado, e o mesmo investimento não se dá para a montagem e realização das apresentações das Quadrilhas Juninas.

Na década de 1980 chegamos a ter cerca de 140 grupos juninos em Salvador e região metropolitana, contabilizados a partir de importantes concursos televisivos para este segmento, onde os grupos eram divididos em séries, com várias

eliminatórias, semifinais e final, devido a grande concorrência. Com o avanço da espetacularização, em consequência do capitalismo exacerbado, e a falta de incentivo e fomento dos órgãos gestores de cultura, municipal e estadual, os grupos foram drasticamente reduzidos. Neste ano de 2019 o município de Salvador contou apenas com 03 grupos de quadrilha adulta, situados nos bairros do Cabula, Liberdade e Subúrbio Ferroviário, e 02 quadrilhas infantis, oriundos da Massaranduba e Liberdade.

A manutenção de suas atividades se dão através do pagamento de carnês dos seus participantes, do cachê de algumas apresentações em festas privadas, através de rifas, bingos, feijoadas e eventos para esta finalidade. Os grupos juninos se vêem hoje asfixiados em suas próprias dívidas, devido à dispendiosas montagens anuais de grandes espetáculos musicais, na tentativa de manter esta tradicional manifestação popular, ao mesmo tempo que colabora com a educação e a integração social de jovens em suas comunidades.

É importante ressaltar a necessidade das pesquisas acadêmicas na universidade pública para garantir o levantamento de dados, das problemáticas, dos registros da memória e história e contribuição sociocultural das mesmas, enquanto valor e patrimônio cultural e portanto, requer para esses estudos financiamento para realização de projetos e programas que as contemplem.

Dessa maneira, seguem algumas propostas de ações e construção tiradas nas plenárias e mesas do 1º Fórum de Quadrilhas Juninas:

- ✓ Realização de um MAPEAMENTO dos grupos juninos em todos os territórios de identidade da Bahia, para levantar dados qualitativos e quantitativos, como a procedência, o tempo de atuação, os sujeitos participantes, as faixas etárias e os impactos sociais, com o objetivo de embasar a construção de políticas públicas específicas para o segmento de quadrilhas juninas;
- ✓ Que as secretarias de Educação, Cultura, Justiça e Direitos Humanos, Segurança Pública, Promoção da Igualdade Racial e outras, dispensem recursos para conjuntamente e, de forma intersetorial, SUBVENCIONEM ÀS QUADRILHAS JUNINAS, a exemplo dos estados do Ceará e Pernambuco, uma vez que estas exercem um trabalho de formação educativa e cultural às crianças e jovens que residem em bairros que sofrem com índices de violências e vulnerabilidade social;

- ✓ Apoio imediato e irrestrito às QUADRILHAS MIRINS da cidade do Salvador e do interior da Bahia, com o objetivo de possibilitar a renovação e continuidade da cultura junina, bem como promover processos de ensino-aprendizagem, formação e inserção cultural de crianças e jovens em idade escolar;
- ✓ Garantia de EDITAIS ESPECÍFICOS, ou outra forma de investimento público, para que os grupos culturais de quadrilhas juninas possam produzir seus equipamentos de memória como gravação de filmes, CD's, fotografias, sites e etc;
- ✓ Criação de PROJETO DE LEI que garanta a permanência dos grupos culturais de quadrilhas juninas na cidade do Salvador e municípios da Bahia;
- ✓ Financiamento e assessoria para a CRIAÇÃO DE ESCOLAS DE FORMAÇÃO cultural, onde os mestras e mestres de quadrilhas juninas, e outros profissionais de arte, ofereçam formação continuada nos campos das artes visuais, dança, música, fotografia, cenário, tecnologia digital e outros, para qualificar tanto o referido público, que constituem os praticantes dessas manifestações, como da população que busca tal aprendizado;
- ✓ A construção de um CALENDÁRIO DE ATIVIDADES que possibilite a manutenção efetiva dos grupos de quadrilhas juninas no Estado, colaborando nas atividades socioculturais dos grupos, como ensaios de teatro, dança e música, montagem de cenários, produção de figurinos, o que geralmente ocorre durante todo o ano;
- ✓ Realização de ARRAIÁS, FESTIVAIS, ciclo de apresentação das Quadrilhas em todos os bairros de Salvador e do Interior da Bahia, como iniciativa de manutenção anual dos festejos juninos e seus grupos culturais, a circulação delas em todos os bairros, uma vez que existe um público significativo que aprecia e sempre está presente quando essas se apresentam. Com tal iniciativa, TODOS os bairros são favorecidos com a circulação de economia dos pequenos, grandes empresários e trabalhadores informais das mesmas comunidades, uma vez que direta e indiretamente o público se desloca, consome, comprando produtos relacionados;
- ✓ Cobrar para que o Estado, e seus órgãos de preservação de patrimônio, colaborem com o PEDIDO DE SALVAGUARDA e registro das quadrilhas juninas,

como bem imaterial, a fim de serem contempladas com iniciativas e programas de políticas públicas;

✓ Criação de um MUSEU específico às quadrilhas juninas para visitação pública, em que se reúna o acervo de figurinos, adereços, músicas, indumentárias, cenários, fotografias, matérias de jornal, etc, tal como vimos iniciativas bem sucedidas como A Casa do Frevo e o Museu do Sertão, ambos em Recife, O Museu da Gente Sergipana em Aracaju, entre outros em várias localidades do Nordeste. Para tal iniciativa, o Estado deve dispensar investimento e convocar parcerias com outros órgãos públicos e privados para tal fim, dada a importância de uma instituição como esta;

✓ Requerer do Estado e municípios a DOAÇÃO DE TERRENOS, SÍTIOS, PRÉDIOS, nos bairros e comunidades em que se situam as quadrilhas juninas, para que estas possam erguer suas sedes e barracão, para garantir permanentemente, ensaios, ateliês de produção, criação, ensino, formação e etc.

Diante dessas propostas e ações as quadrilheiras e quadrilheiros do Estado da Bahia resolveram criar o Fórum Permanente De Quadrilhas Juninas, com o objetivo de propor, criar e negociar a construção de políticas públicas para a revitalização do movimento junino, bem como colaborar na construção da autonomia dos grupos culturais de Quadrilha Junina e dar suporte ao Estado no processo de salvaguarda e memória desta manifestação cultural.

Salvador, 10 de agosto de 2019.